



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE COMUNICAÇÃO E EXPRESSÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA

LUCAS GONÇALVES INLATÉ

ESTUDO DE MARCAS DE MODALIDADE NO GUINEENSE

FLORIANÓPOLIS - SC
2023

LUCAS GONÇALVES INLATÉ

ESTUDO DE MARCAS DE MODALIDADE NO GUINEENSE

Dissertação de mestrado submetida ao Programa de Pós-Graduação em Linguística - Centro de Comunicação e Expressão - da Universidade Federal de Santa Catarina, como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Linguística.

Orientadora: Profª. Dra. Núbia Saraiva Ferreira Rech
Coorientador: Profª. Dra. Ana Livia Agostinho

FLORIANÓPOLIS - SC
2023

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,
através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

INLATÉ , Lucas Gonçalves

ESTUDOS DE MARCAS DE MODALIDADE NO GUINEENSE / Lucas
Gonçalves INLATÉ ; orientadora, Profa. Dra. Núbia Saraiva
Ferreira Reck, coorientadora, Profa. Dra. Ana Lúvia
Agostinho , 2023.
142 p.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa
Catarina, Centro de Comunicação e Expressão, Programa de Pós
Graduação em Linguística, Florianópolis, 2023.

Inclui referências.

1. Linguística. 2. Modalidade epistêmica e deôntica. 3.
Categorias de tempo e aspecto . 4. O guineense. I. Reck,
Profa. Dra. Núbia Saraiva Ferreira . II. Agostinho ,
Profa. Dra. Ana Lúvia . III. Universidade Federal de Santa
Catarina. Programa de Pós-Graduação em Linguística. IV. Título.

LUCAS GONÇALVES INLATÉ

ESTUDO DE MARCAS DE MODALIDADE NO GUINEENSE

O presente trabalho em nível de Mestrado foi avaliado e aprovado, em 25 de julho de 2023, pela banca examinadora composta pelos seguintes membros:

Profª. Dra. Núbia Saraiva Ferreira Reck
Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)
Orientadora

Profª. Dra. Ana Livia Agostinho
Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)
Coorientadora

Profª. Dra. Shirley Freitas
Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB)
Membro externo

Prof. Dr. Luiz Fernando Ferreira
Universidade de São Paulo (USP)
Membro externo

Certificamos que esta é a versão original e final do trabalho de conclusão que foi julgado adequado para obtenção do título de Mestre em Linguística.

Prof. Dr. Valter Pereira Romano
Coordenador do Programa de Pós-Graduação em Linguística (PPGL)

Profª. Dra. Núbia Saraiva Ferreira Reck
Orientadora

FLORIANÓPOLIS - SC
2023

Dedico esta obra à memória de Alawassa Antonio Tchuda, a pessoa que me fez conhecer o amor e experienciar que é possível amar eternamente. Querida, partiste antes que eu pudesse me despedir, mas ficarás eternamente na minha memória e no meu coração; e a saudade se encarregará de me lembrar que as memórias e o amor nenhuma morte consegue roubar.

AGRADECIMENTOS

Meus audaciosos agradecimentos a Deus, o criador do universo, pela sua proteção divina e por me ter permitido chegar até aqui, ajudando-me a atravessar os obstáculos enfrentados ao longo dos estudos e da minha vida diária. Aos meus pais, Imbôs Inlaté e Iuda Indequê, por me mostrarem o caminho da escola, sempre acreditando em mim e me apoiando nos meus estudos, desde o ensino básico até o ensino universitário, mesmo com recursos econômicos limitados, sempre eles me dão forças e têm feito preces por mim para atingir os objetivos pretendidos. Minha gratidão por tudo!

Às duas maravilhosas mulheres, a Profª. Dra. Núbia Saraiva Ferreira Rech, minha orientadora, e a Profª. Dra. Ana Lúcia Agostinho, minha co-orientadora, a elas endereço os meus especiais agradecimentos, pela forma incrível e sábia com que me têm orientado nesse processo. Confesso que com elas aprendi a ser pesquisador e descobrir, a cada dia, sobre os mistérios da língua. Gratidão, queridas professoras, pela oportunidade e pelos ensinamentos e carinho, amor e conselhos!

Às duas meninas incríveis: Nathalia Gravonski e Hanna Boassi, pelo apoio que têm dado, sobretudo, na construção e na ilustração das storyboards. Gratidão, queridas, pelos seus preciosos tempos dedicados à realização deste trabalho.

Meus magníficos agradecimentos aos professores Dr. Luiz Fernando Ferreira e a Dra. Shirley Freitas, por terem aceitado o convite de fazer parte da banca examinadora deste trabalho. Gratidão, queridos professores, pelo tempo dispensado, pelas brilhantes contribuições e sugestões que têm dado para melhoria deste trabalho.

Meus extensivos agradecimentos aos missionários do Preciosíssimo Sangue do Cristo na Guiné-Bissau, em especial, a Padre Joaquim Cardoso Pereira e Padre Lima da Silva, por me ajudarem nos meus estudos e na minha viagem ao Brasil. Tenho consciência de que ambos, abertamente ou não, têm me ajudado e torcido por mim para eu conquistar os objetivos pretendidos, sempre fazendo preces para o efeito.

Aos meus inesquecíveis amigos que, por força da ambição de estudo, o destino nos uniu nessa empreitada (Agostinho Cá, Heuler da Costa Cabral, Juliano Correia Djú, Eugenio Nunes Correia, Crasimir A. Sambé, Laurindo Leite Infau, Mário Té, Vivian K. B. Moreno, Valdiro Esteves, Nataniel, Juvinal Domingos da Costa, Elísio Ngute Indi, Francelino Matcho Cá, Jailson Carlos Nanque, Valeriano Djú, Júlio Leite Infau, Joselino Guimarães, João Fernando Cá, Bernardo

Alexandre Intipe), com os quais tenho aprendido e compartilhado experiências e conhecimentos do guineense e da Linguística.

A todos os meus professores e professoras (da Guiné-Bissau e do Brasil), que algum dia compartilharam seus conhecimentos e suas experiências comigo, contribuindo com o meu crescimento pessoal, social, escolar e acadêmico. Em especial, agradeço aos meus professores e às minhas professoras da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (Unilab) e da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC).

Agradeço de fundo do coração, enfim, ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), pelo suporte financeiro sem o qual não seria possível a realização deste trabalho.

Resumo: Este estudo descreve e analisa, do ponto de vista sintático e semântico, a ocorrência do processo de marcação de modalidade no guineense: uma língua de base lexical portuguesa, que resultou de contato entre línguas não distintamente inteligíveis, falada na Guiné-Bissau e pela sua comunidade na diáspora. A modalidade está relacionada à forma como os falantes de uma determinada língua natural expressam estados de coisas possíveis e/ou necessárias, isto é, como estes, nas suas línguas, se dão conselhos, ordens ou permissões para a realização de eventos (KRATZER, 1991). Neste estudo, investigou-se o emprego dos verbos auxiliares *pudi* (poder), *dibidi* (dever) e *ten ku* (ter que) como indicadores de modalidade epistêmica e deôntica no guineense, assim como seus comportamentos em relação às categorias de tempo e aspecto. A escolha por este tema se justifica por haver poucos estudos sobre as categorias tempo, modo-modalidade e aspecto (TMA) em línguas crioulas (cf. Winford, 2018) e, sobretudo, por não haver publicações sobre a marcação de modalidade no guineense. Na realização deste estudo, testaram-se três metodologias distintas, a saber: (i) questionário de elicitación de modais epistêmicos e deônticos, com base no *Modal Questionnaire for Cross-Linguistic Use* (VANDER KLOK, 2014); (ii) técnicas de storyboards, inspiradas nas histórias desenvolvidas pelo TFS Working Group (2011); e (iii) narrativas orais, com base no proposto em Agostinho e Rech (2023). Os resultados obtidos, a partir de aplicação das referidas metodologias, mostram que falantes do guineense empregam os auxiliares modais *pudi*, *dibidi* e *ten ku* em contextos epistêmicos e deônticos. O modal *pudi* figura em contextos de modalidade epistêmica (de possibilidade) e deôntica (de permissão). O auxiliar *dibidi* ocorre, igualmente, em contextos de modalidade epistêmica (de possibilidade) e deôntica (de obrigação). Por fim, nossos dados indicam que o auxiliar modal *ten ku* ocorre tanto em contextos epistêmicos quanto deônticos, com força modal de necessidade. Em relação à ocorrência das partículas junto aos auxiliares modais, verificamos o emprego de *bin* junto a modais com orientação temporal futura, sugerindo ser esta uma marca indicadora de tempo futuro. Constatamos também que um item modal deôntico, com perspectiva temporal passada e orientação temporal futura, figura com a partícula *ba*, indicadora de tempo passado e aspecto imperfectivo. Já modais epistêmicos e deônticos com perspectiva e orientação temporal presente não ocorrem com partículas TMA, indicando que a forma modal não marcada se associa também ao tempo presente, além de figurar em contextos deônticos com perspectiva temporal passada e aspecto perfectivo. Nesses casos, o contexto passa a ser determinante para a especificação tempo-aspectual.

Palavras-chave: modalidade epistêmica e deôntica; categorias de tempo e aspecto; guineense.

Ruzumu: Es studu na diskirbi i na analiza, di puntu di vista sintatiku ku semantiku, okorensia di prosesu di markason di modalidadi na guiniensi: un lingu di bazi leksikal portuguis, ku ruzulta di kontaktu entri lingus totalmentis diferentis, ku ta papiadu na Guine-Bisau ku si kumunidadi na diaspra. Modalidadi sta relasionadu ku manera ku djintis ku ta papia qualquer tipu di lingu natural ta spresa stadu di kusas pusivel ku/o nesensariu, istu é, kuma ku e djintis, na se lingus, e ta da konsidjis, ordis o permisions pa realizason di eventus (Kratzer, 1991). Ne studu, i nvestigadu uzu di verbus auxiliaris *pudi*, *dibidi* ku *ten ku/i* suma ndikaduris di modalidadi epistemiku ku diontiku na guiniensi, tambu ku se komportamentus na kil ku ta toka ku kategoria di tempu ku aspektu. Skolha pa e tema i ta justifika pa manera ku i ten poku studu aserka di kategorias di tempu, modu-modalidadi ku aspektu (TMA) na lingus kriol (cf. Winford, 2018) i, sobritudu, pa falta di publikasons aserka di markason di modalidadi na guiniensi. Na realizason di e studu, i testadu tris metodologias diferentis, ku sudu, (i) questionariu di elisason di modais epistemikus ku diontikus, apartir di *Modal Questionnaire for Cross-Linguistic Use* (VANDER KLOK 2014); (ii) teknikas di storyboards, ku spiradu na storias ku dizinvolvidu pa TFS Working Group (2011); ku (iii) narativas oral, ku baziadu na proposta di Agostinhu ku Rech (2023). Ruzultadus ku otchadu, ku aplikason di e tris metodologias, ta mostra kuma falantis di guiniensi ta uza auxiliaris modais *pudi*, *dibidi* ku *ten ku* na kontestus di epistemikus ku diontikus. Modal *pudi* i uzadu na kontestus di modalidadi epistemiku (di pusibilidadi) ku diontiku (di pirmison). Auxiliar *dibidi* ta uzadu, igualmente, na kontestus di modalidadi epistemiku (di pusibilidadi) ku diontiku (di obrigason). Pa fin, no dadus ta mostra kuma auxiliar modal *ten ku* ta uzadu tantu na kontestus epistemikus suma na kontestus diontikus, ku forsa modal di nesensidadi. Na kil ku ta toka ku okorensia di partikulas djuntu ku auxiliaris modais, no verifika empregu di *bin* djuntu ku modais ku orientason temporal futuro, na sugiri sedu un marka ku ta ndika tempu futuro. No konstata tambu di kuma un iten modal diontiku, ku prespetiva temporal pasadu ku orientason temporal futuro, ta uzadu ku partikula *ba*, ku ta marka tempu pasadu ku aspektu imperfektivu. I modais epistemikus ku diontikus ku prespetiva i orientason temporal prizenti i ka kontisi usu di partikulas TMA, i na mostra di kuma forma modal ku ka markadu ta asosia tambu ku tempu prizenti, alen di figura na kontestus diontikus ku prespetiva temporal pasadu ku aspektu imperfektivu. Nes kasus, kontestu i determinti pa spesifika tempu-aspektu.

Palabras-chavi: modalidadi epistemika ku diontika; kategorias di tempu ku aspektu; guiniensi.

Abstract: This study describes and analyses, from a syntactic and semantic point of view, the occurrence of the modality marking process in Guinean: a Portuguese lexical base language, which resulted from contact between distinctly intelligible languages, spoken in Guinea-Bissau and by its community in the diaspora. Modality is related to the way speakers of a given natural language express possible and/or necessary states of affairs, that is, how they, in their languages, give advice, orders or permissions to carry out events (Kratzer 1991). In this study, we investigated the use of the auxiliary verbs *pudi* (can), *dibidi* (must) and *ten ku* (have to) as indicators of epistemic and deontic modality in Guinean, as well as their behavior in relation to tense and aspect categories. The choice for this theme is justified by the fact that there are few studies on tense, mode-modality and aspect (TMA) categories in Creole languages (cf. Winford, 2018) and, above all, because there are no publications on modality marking in Guinean. In carrying out this study, three different methodologies were tested, namely: (i) questionnaire for elicitation of epistemic and deontic modals, based on the *Modal Questionnaire for Cross-Linguistic Use* (VANDER KLOK 2014); (ii) storyboarding techniques, inspired by the stories developed by the TFS Working Group (2011); and (iii) oral narratives, based on what is proposed in Agostinho and Rech (2023). The results obtained from the application of these methodologies show that Guinean speakers use the modal auxiliaries *pudi*, *dibidi* and *ten ku* in epistemic and deontic contexts. The modal *pudi* figures in contexts of epistemic modality (of possibility) and deontic (of permission). The auxiliary *dibidi* also occurs in contexts of epistemic modality (of possibility) and deontic (of obligation). Finally, our data indicate that the modal auxiliary *ten ku* occurs both in epistemic and deontic contexts, with a modal force of necessity. Regarding the occurrence of particles together with modal auxiliaries, we verified that *bin* occurs with epistemic and deontic modals with future temporal orientation, indicating that *bin* is a future marker. We also verified that a deontic modal item, with past temporal perspective and future temporal orientation, appears with the particle *ba*, indicator of past tense and imperfective aspect. Epistemic and deontic modals with present temporal perspective and orientation do not occur with TMA particles, indicating that the unmarked modal form is also associated with the present tense, in addition to appearing in deontic contexts with past temporal perspective and perfective aspect. In these cases, the context becomes determinant for the time-aspectual specification.

Keywords: epistemic and deontic modality; tense and aspect categories; Guinean.

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 — Grupos linguísticos pertencentes à subfamília Oeste Atlântica	10
Tabela 2 — Grupos linguísticos pertencentes à Subfamília Mande	11
Tabela 3 — Principais línguas faladas na Guiné-Bissau	12
Tabela 4 — Relação de habitantes das cidades então pertencentes à Guiné-Portuguesa ao longo da história	34
Tabela 5 — Paradigma verbal do verbo <i>kume</i> (comer) no modo indicativo	48
Tabela 6 — Distribuição dos contextos epistêmicos e deônticos no questionário	57
Tabela 7 — Respostas da técnica de <i>storyboards</i> (aplicada no Brasil)	88
Tabela 8 — Respostas da técnica de <i>storyboards</i> (aplicada na Guiné-Bissau)	95
Tabela 9 — Respostas das atividades da técnica <i>storyboards</i> de dois grupos de pesquisa	102

LISTA DE ABREVIATURAS

ANP = Assembleia Nacional Popular da Guiné-Bissau

ANT = Marcador de tempo anterior

+ANT = Marcador de mais anterior

HAB = Marcador do aspecto habitual

INEC = Instituto Nacional de Estatística e Censo de Guiné-Bissau

DEO = Deontico

DEM = Pronome demonstrativo

FUT = Indicador do tempo futuro

EPIST = Epistêmico

GU = Gramática universal

LC = Língua crioula da Guiné-Bissau

LL = Língua lexificadora

LP = Língua Portuguesa

LS = Línguas de substrato

REN = Rádio emissora nacional da Guiné-Bissau

RU = Restaurante universitário

1PSG = Primeira pessoa do singular

PAIGC = Partido africano para a independência de Guiné e de Cabo Verde

PL1 = Povo dominante e sua língua

PL2 = Povos dominados e suas línguas

PROG = Indicador de aspecto progressivo

SB = storyboard

T = Território da comunidade a que os comunicantes pertencem

TMA = Categorias tempo, aspecto e modo

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	14
1. PANORAMA HISTÓRICO E SOCIOLINGUÍSTICO DE GUINÉ-BISSAU	16
1.1. A formação de Guiné-Bissau	16
1.2. Línguas Étnicas da Guiné-Bissau	19
1.3. Contacto de Línguas: pidgins e crioulos	24
1.4. A influência das línguas étnicas no guineense	30
1.5. A influência do português no guineense	35
1.6. O surgimento do guineense	39
1.7. As Denominações da língua crioula de Guiné-Bissau: kriol/kriyol, crioulo de Guiné-Bissau e guineense	42
1.8. O português como língua oficial da Guiné-Bissau	45
1.9 Síntese do capítulo:	48
2. REVISÃO TEÓRICA SOBRE MODALIDADE	50
2.1 Tipos de modalidade e força modal	50
2.2 Partículas de modo, tempo e aspecto em guineense	55
3. METODOLOGIA	63
3.1 Questionário de eliciação de modais epistêmicos e deônticos	63
3.2 Técnica de storyboards	67
3.3 Narrativas orais	74
4. ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS	77
4.1 Questionário de eliciação de modais com contextos epistêmicos e deônticos	77
4.2 Storyboards com contextos epistêmicos e deônticos	95
4.2.1 Dados de falantes nativos de guineenses residentes no Brasil	95
4.2.2 Dados de falantes nativos de guineenses residentes na Guiné-Bissau	101
4.3. Narrativas orais	107
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	110
6. REFERÊNCIAS	113
7. ANEXOS DE INSTRUMENTOS DE PESQUISA	119
7.1 Anexo 1: Questionário de dados pessoais	119
7.2 Anexo 2: Questionário de informações linguísticas	120
7.3 Anexo 3: Questionário de eliciação de itens deônticos	122
7.4 Anexo 4: Questionário de eliciação de itens epistêmicos e deônticos	130
7.5 Anexo 5: Narrativas orais: história de Nghansu	135

INTRODUÇÃO

O guineense é a língua do dia a dia na Guiné-Bissau, que resultou de contato entre diferentes línguas étnicas da Guiné-Bissau com a língua portuguesa. Através do guineense, pessoas de vários grupos étnicos do país se comunicam, por isso é conhecido como língua interétnica e de unidade nacional. Vale ressaltar que o território guineense conta com cerca de 25 línguas, além do guineense e do português. Tais línguas são pertencentes às subfamílias Oeste Atlântica e Mande, que fazem parte da família Nígero-Congolesa (cf Scantamburlo (2013, p. 21).

O presente trabalho tem como propósito investigar os verbos auxiliares modais epistêmicos e deônticos em guineense. Esse recorte foi motivado por a literatura linguística ter assinalado importantes distinções para esses tipos de modalidade no que diz respeito à interação com tempo e aspecto. A escolha por este tema se justifica por haver poucos estudos sobre as categorias tempo, modo-modalidade e aspecto (TMA) em línguas crioulas, como observa Winford (2018: 203): “mood and modality remain the most neglected aspects of the study of creole TMA [tense – mood – aspect] systems”. Em relação ao guineense, especificamente, há trabalhos que apresentam análises fonológicas, morfológicas e sintáticas, contribuindo, assim, para a sua descrição (Costa (2014), Chapouto (2014), Can-Vianna e Mello (2014), Danfá (2021), Cá (2021), Intumbo (2007), Inlaté (2021)). Cabe observar, entretanto, que não há publicações sobre a marcação de modalidade nessa língua. Nosso estudo objetiva, portanto, identificar como ocorre essa marcação, a partir da investigação do emprego dos verbos auxiliares que expressam modalidade epistêmica e deôntica, descrevendo o seu comportamento em relação às categorias de tempo e aspecto.

Tal escolha se justifica também por a literatura linguística apontar importantes distinções entre as modalidades epistêmica e deôntica em relação à sua interação com tempo e aspecto através das línguas. Nesse sentido, a descrição dessa relação em guineense, uma língua crioula, tem muito a contribuir com esse debate, considerando o caráter de seu surgimento — a partir de uma situação de contato linguístico. A importância do desenvolvimento de pesquisas sobre a expressão da modalidade em línguas crioulas, a partir de uma perspectiva sintático-semântica, tem sido pontuada por alguns autores, dentre os quais Agostinho e Rech (2023). Para essas autoras, alguns dos principais fatores para a realização desses estudos são (i) as poucas pesquisas sobre categorias TMA (tempo-modo-aspecto) em línguas crioulas; (ii) o fato de as línguas crioulas serem pouco descritas, mesmo quando amplamente usadas na comunicação cotidiana por um grande número de pessoas, como é o caso do guineense; e (iii) a peculiaridade dessas línguas, no que diz respeito ao seu surgimento.

Para os propósitos de nossa pesquisa, é importante que os dados em análise sejam produzidos de forma natural, ou bastante próxima à forma natural, e também por falantes que tenham o guineense como a língua materna, residentes na Guiné-Bissau ou em outras localidades, mas que tenham vivido na Guiné-Bissau durante todo o período de escolarização básica. Na coleta dos dados, foram empregados três métodos distintos: (i) aplicação de um questionário de eliciação de modais epistêmicos e deônticos, baseado no *Modal Questionnaire for Cross-linguistic Use* (Vander Klok, 2014); (ii) aplicação da técnica *storyboards* com contextos epistêmicos e deônticos, com base nas *storyboards* elaboradas pelo Grupo TFS (ver <https://www.totemfieldstoryboards.org/stories/>); e, por fim, (iii) na gravação de uma narrativa oral de história tradicional, conforme proposto por Agostinho e Rech (2023).

O presente trabalho está organizado em cinco capítulos. No primeiro capítulo, apresentamos estudos sobre a formação da Guiné-Bissau, as línguas étnicas mais faladas no país e a influência dessas línguas, assim como da língua portuguesa, na constituição do guineense. O segundo capítulo traz uma revisão teórica sobre a modalidade e também sobre o emprego das partículas TMA em guineense. O terceiro capítulo apresenta os procedimentos metodológicos adotados na presente pesquisa, iniciando pela apresentação do questionário de eliciação de itens deônticos e epistêmicos, passando à técnica de *storyboards* e de narrativas orais tradicionais. No quarto capítulo, realizamos a análise e discussão dos dados da pesquisa. Por fim, no quinto capítulo, apresentamos nossas considerações finais.

1. PANORAMA HISTÓRICO E SOCIOLINGUÍSTICO DE GUINÉ-BISSAU

1.1. A formação de Guiné-Bissau

A Guiné-Bissau é um pequeno país situado na Costa Ocidental da África, com uma dimensão territorial de 36.125 km². O país é limitado a Norte pelo Senegal, Leste e Sul pela República da Guiné Conakry e a Oeste pelo Oceano Atlântico. O seu território conta com uma parte continental e insular. A zona insular, conhecida como arquipélago dos Bijagós, é composta por mais de 80 ilhas, algumas delas desabitadas (AUGEL, 2007). A sua população total é constituída de diversos grupos étnicos (cada um desses grupos possui a própria cultura e língua) e está em torno de 1.520.830 habitantes, segundo os dados de 2009 divulgados pelo Instituto Nacional de Estatística e Censo (INEC-Guiné-Bissau, 2009).

O clima é tropical; e a terra, plana, excetuando a zona Leste, onde há inúmeras planícies áridas (também é a região mais quente do país). Os rios Mansoa, Cacine, Corubal, Geba e Grande de Buba são os mais importantes. O país conta, administrativamente, com oito regiões, nomeadamente: Bafatá, Gabú, Oio, Quínara, Tombali, Bolama-Bijagós, Biombo, Cacheu e o setor autónomo de Bissau (capital do país), onde se encontra a maior parte da população, com cerca de 387.909 de habitantes, o que corresponde a um quarto (¼) da população guineense, de acordo com os dados do INEC.

Mas bem antes disso, o território fazia parte da região conhecida na literatura historiográfica como Sudão Ocidental (e hoje como Costa Ocidental da África), pois já tinha sido dominado pelos grandes Impérios e Reinos africanos que se sucediam desde os tempos mais recuados da história do continente africano, principalmente, a partir da Idade Média até praticamente o século XIX. Um desses Impérios africanos com maior posição de destaque foi o Império do Mali, um estado grande e rico que existiu na África Ocidental do século XIII ao XVI, especificamente, entre 1235 e 1600. Mali expandiu-se a partir de um pequeno reino chamado *Cangaba*, às margens do rio Níger, para uma vasta área que incluía algumas das mais importantes regiões comerciais da época.

O Mali era um reino do povo *Malinkés* (da etnia Mandinga), cujo fundador foi Sundyata Keita, que assumiu o poder em Cangaba, por volta de 1230, e começou a conquistar as terras ao redor, que eram ricas em minerais valiosos como ouro e sal. O comércio e a mineração de ouro foram responsáveis pela riqueza do Mali, conforme sublinham Silva e Santos:

no século XII, o rei do Mali, Sundiata Keita, ter-se-á convertido ao Islão. Os Mandigas do império do Mali expandem-se então para Oeste e terão chegado ao território da Guiné, nesta altura. Toda a região passou a ser um reino tributário daquele império sob a designação de Kaabu ou Gabu (SILVA; SANTOS, 2014, p. 21).

O império atingiu o auge no começo do século XIV, durante o governo de *Mansa Kankou Moussa* (rei), que ao peregrinar à cidade santa de Meca, fez-se acompanhar de uma comitiva com 15 mil servos, cem camelos e expressiva quantidade de ouro. Em seu retorno, ordenou a construção de escolas islâmicas na cidade de *Tumbuctu*. Dessa forma, esse próspero centro comercial tornou-se também um centro de estudos religiosos.

Segundo Namone (2020), o Império do Mali, apesar de sua dimensão territorial, não era um estado unificado e nem homogêneo, era na verdade formado por reinos, cidades-estados e aldeias que obedeciam a conselhos de anciãos. Sendo assim, a expansão do Império do Mali em vários *kalifados/farins* (reinos), governados por *mansas* (reis em mandingas), foi responsável pelo surgimento do reino de Gabu, também conhecido por Kaabu, reino mandinga que existiu entre 1537 e 1867 na região da Senegâmbia (especificamente, no nordeste da atual Guiné-Bissau, mas estendendo-se à Casamansa, no Senegal). A sua ascensão na região se deu graças às suas origens como antiga província do Império do Mali. Após o declínio do Império do Mali, Gabú ou Kaabú tornou-se um reino independente (LOPES, 1999). Como afirma Baldé,

durante os séculos passados, uma parte da Guiné-Bissau já era habitada por diferentes grupos étnicos, entre eles, os Mandingas, que, com a sua estruturação política que abrangia, inclusive, o território denominado de Kaabu, tinham maior poder, (BALDÉ, 2018, p. 16).

Segundo Lopes (1999), o Reino de Gabú foi derrubado pelas fulas, ou seja, o Império de Gabú não resistiu aos conquistadores fulas vindos do Sul e do Leste do Futa Djalon, pressionando as populações que antes habitavam essas regiões e obrigando-as a deslocarem-se mais para o litoral.

O clima de disputa que se vivenciava na época entre os Mandingas e Fulas sobre a posse do território de Gabú, de acordo com Baldé (2018), motivou os europeus, que antes tinham contato comercial com Fulas e Mandingas, a se aproveitarem da situação do conflito, o que acabou por originar a desestabilização do Império Gabú.

Sendo assim, é importante destacar que o primeiro registo histórico que se tem sobre a presença europeia na costa africana, em particular no território da atual Guiné-Bissau, data-se do século XV,

quando, em 1446, o navegador português Nuno Tristão (que mais tarde foi morto juntamente com outros companheiros pelos *nativos hostis*), atravessando a costa senegalesa, atracou na “terra dos pretos”, posteriormente chamada de província portuguesa da Guiné. Foi sua quarta e, conseqüentemente, última viagem à *terra dos pretos*. Supõe-se que o assassinato terá ocorrido na foz do rio Geba ou rio Grande (AUGEL, 2007, p. 52).

No decorrer do século da colonização, as colônias africanas de Portugal começaram a despertar o interesse de outros países europeus, originando, assim, a competição que poderia desencadear uma guerra entre os países europeus. Como forma de dirimir esse impasse entre as potências europeias, surgiu a famosa Conferência de Berlim, que foi realizada entre novembro de 1884 e fevereiro de 1885, na Alemanha, na qual os europeus estabeleceram a delimitação territorial dos países do continente africano. De acordo com Cá (2015),

no século XIX vieram à tona algumas disputas de territórios entre as potências europeias que ali se encontravam. O alemão Bismarck percebeu que essas disputas poderiam trazer guerra entre as nações europeias, então convocou a Conferência de Berlim (1884-1885), com a intenção de dividir e definir quais territórios africanos esses países repartiriam entre si (CÁ, 2015, p.27).

Ao observar as duas últimas citações, é possível constatar um salto temporal muito grande: século XV para século XIX. Tal fato faz parte das estratégias deste pesquisador como forma de sintetizar os principais acontecimentos históricos que marcam a formação da Guiné-Bissau como um Estado-Nação.

Nessa partilha, dando a sequência, Portugal perdeu alguns territórios para França, mas permaneceu com o território conhecido hoje como Guiné-Bissau. Assim, durante a presença dos colonizadores no território, conhecido na época como Guiné portuguesa, os nativos sempre sabiam que era injusta a invasão dos portugueses nas suas terras e sempre demonstraram o ato da resistência, recusando assim qualquer tipo de colaboração ou submissão aos colonizadores. Dessa forma, os nativos desencadearam várias reivindicações e tentativas de negociações pacíficas com o então governo português, porém não obtiveram nenhuma resposta favorável. Cá (2015) diz que,

a Guiné-Bissau foi considerada a mais difícil de dominar entre as colônias portuguesas, razão disso, os colonizadores consideravam a Guiné como “rebelde”. Nesta situação ganha destaque a etnia Pepel, como é chamado pelos guineenses, esse povo sempre recusou qualquer colaboração ou a submissão aos colonos. Os Papeis achavam injusto que “povos invasores” os obrigassem a pagar os impostos na sua própria terra. (CÁ, 2015, p. 27).

De acordo com Silva e Santos (2014),

em outubro de 1960, o PAIGC dirigiu uma declaração ao Governo Português reivindicando a autodeterminação da Guiné e Cabo Verde, propondo negociações desse objetivo por meios pacíficos. Salazar não respondeu, e os movimentos de libertação passaram a ser tratados como “organização terroristas[sic] a soldo de potências estrangeiras” (SILVA e SANTOS, 2014, p. 37).

Assim, um movimento sindical de estivadores do porto Pindjiquiti foi fuzilado pelos soldados portugueses, em 1959, pelo fato de que o movimento fez uma paralisação, greve, reivindicando assim um aumento salarial e contra os atos de exploração que se vivenciavam na altura no país por parte dos colonizadores portugueses. Em consequência dessa falta de respostas favoráveis das

reivindicações que se colocava na altura, o processo de desencadeamento da luta armada já era inevitável:

antes da luta armada, havia muitas reivindicações por parte dos nativos em relação à política portuguesa que era desfavorável. O clima de revolta já era inevitável de expandir para quase toda África. Em 1958, foi criada a União Nacional dos Trabalhadores da Guiné (UNTG), movimento sindical, que provocou o ato de 3 de agosto de 1959, onde os descontentes funcionários estivadores e marinheiros mercantes que entraram em greve e saíram pelas ruas exigindo aumento salarial e melhores condições de trabalho. Eles foram surpreendidos à bala, morreram cinquenta grevistas e vários ficaram feridos. (CA, 2015, p. 28).

Segundo Embaló (2008), devido aos sucessivos atos de exploração que os nativos locais vivenciavam na era colonial, tiveram início as mobilizações para uma luta armada que culminou com a libertação total do país. O ano de 1963 é a data do início da luta de libertação nacional, que durou onze anos sob o comando do Partido Africano para a Independência de Guiné e Cabo Verde (PAIGC). O país viria a se tornar independente em 24 de setembro de 1973 sendo, assim, a primeira colônia africana a ser liberta do regime colonial português. A independência da Guiné-Bissau foi proclamada em 1973 numa forma unilateral pelo PAIGC. Porém, o reconhecimento por parte do governo português só aconteceu em 1974, o que culminou com a queda do regime salazarista.

1.2. Línguas Étnicas da Guiné-Bissau

Guiné-Bissau é um país plurilíngue, onde existe uma grande heterogeneidade cultural e linguística. Conforme afirma Augel (2007, p. 76): “apesar da pequena extensão do território, ali vivem dezenas de grupos e subgrupos étnicos muito heterogêneos, com suas culturas próprias. Suas línguas e tradições locais se diferenciam uma das outras”. De acordo com Scantamburlo (2013, p. 21), são faladas, no território guineense, cerca de 25 línguas, além do guineense e do português. Tais línguas são pertencentes às subfamílias Oeste Atlântica e Mande, que fazem parte da família Nígero-Congolesa. Segundo o autor, uma das características principais das línguas dessas subfamílias é a presença de prefixos de classe e de concordância.

Scantamburlo afirma que as línguas pertencentes à subfamília Oeste Atlântica estão divididas em três grupos: Norte, Bijagó e Sul. No Grupo Norte, há quatro subgrupos: Senegal, Bak, Tanda-Jaad-Nun e Nalu. O subgrupo Bak baseia-se num morfema comum que marca o plural das classes que indicam pessoas. Esse traço se manifesta em todas as línguas que integram tal grupo (SCANTAMBURLO, 2013).

A Tabela 1 mostra, na coluna à esquerda, os grupos linguísticos da subfamília Oeste Atlântica e, na coluna à direita, as línguas que integram esses grupos:

Tabela 1 — Grupos linguísticos pertencentes à subfamília Oeste Atlântica

GRUPO NORTE	LÍNGUA
do Senegal	– fula, jalofo (wolof), serere (nhominca).
Bak	– balanta de nhacra, de fora, bravos, naga, mané; – djola-felupe, djola-baiote; – manjaco/mancanha/pepel.
Tanda-Jaad-Nun	– tanda, conhagui; – beafada, padjadinca (badjaranca); – banhum, cobiana (caboiana), cassanga.
Nalu	– nalu
GRUPO BIJAGÓ	– bijagó (língua falada no Arquipélago homónimo, com diferenças dialectais marcadas, conforme cinco grupos de ilhas: Canhabaque-Bubaque, Orango-Uno, Formosa, Caravela-Caraxe, Soga-Ilha das Galinhas).
GRUPO SUL	– baga, landumã, timenés (ou línguas “mel”, uma raiz comum que significa “língua”); – mansoanca (ou mansonca ou sua), grandes e pequenos: vivem perto de Mansoa e no tempo colonial eram erroneamente denominados também “cunantes”.

Fonte: (SCANTAMBURLO, 2013, p. 22-23).

A Subfamília Mande tem como característica principal o uso de ‘sufixos’ e compreende dois grupos: os Mande Tan, que vivem no norte do país; e os Mande Fu, que vivem no Sul do país e na

Guiné-Konakri. A Tabela 2, a seguir, foi transcrita de Scantamburlo (2013, p. 22) e mostra a relação entre grupos e línguas da Subfamília Mande.

Tabela 2 — Grupos linguísticos pertencentes à Subfamília Mande

GRUPO	LÍNGUAS OU POVO FALANTE
Mande Tan (Norte)	bambarãs, mandinga, saracolés, jacancas.
Mande Fu (Sul)	osso (jaloncas).

Fonte: (SCANTAMBURLO, 2013, p. 23).

De acordo com Diallo (2007), mandinga e bambarãs são línguas importantes do Sub-grupo Mande, bem como o djola, uma língua do norte de grupo Bak, pois, além de cenário nacional, são línguas com as quais se estabelecem as relações interdialetais entre os falantes de outros países africanos (como, por exemplo, Senegal, Mali, Guiné Konakri etc.), sem grandes dificuldades de compreensão.

Dessa forma, Scantamburlo (2013) destaca as doze (12) principais línguas faladas na Guiné-Bissau a partir dos dados do recenseamento da população do país, realizado pelo Instituto Nacional de Estatística e Censos (INEC) em 1979 (primeiro recenseamento publicado com número de falantes correspondentes) e em 2009. O autor compara o número de falantes nesses dois anos, comparação esta que levou em consideração o número real dos falantes em 1979 e o número estimado de falantes em 2009. Para isso, foram somados:

todos os falantes, incluindo os monolíngues, ou bilíngues, os trilingues e até os quadrilíngues: assim o número total de falantes de 2009 (1.951.071) resulta superior ao número de habitantes (1.520.830), numa percentagem de 28,29%, pelo facto de que os plurilíngues são contabilizados em cada língua na qual se declararam competentes (SCANTAMBURLO, 2013, p. 28).

A Tabela 3, transcrita de Scantamburlo (2013, p. 28), apresenta as doze principais línguas faladas na Guiné-Bissau:

Tabela 3 — Principais línguas faladas na Guiné-Bissau

LÍNGUA	PERCENTAGEM (%)	NÚMERO DE FALANTES	
ANO	1979 e 2009	1979	2009

kriol (guineense)	(44,31%)	349.638	673.880
balanta	(24,54%)	193.722	373.212
fula	(20,33%)	160.499	231.774
português	(11,08%)	87.464	168.508
mandinga	(10,11%)	79.790	153.756
manjaco	(8,13%)	64.194	123.643
pepel	(7,24%)	57.202	110.108
biafada	(1,97%)	15.551	29.960
bijagó	(1,97%)	15.546	29.960
mancanha	(1,86%)	14.682	28.287
felupe	(1,48%)	11.701	22.508
nalú	(0,31%)	2.491	4.715
inválidos	(0,05%)	381	760
TOTAL	(133,38%)	1.052.861	1.951.071

Fonte: adaptado de Scantamburlo (2013, p. 28).

O autor ressalta que existem “aproximadamente outras 16 línguas que são consideradas minoritárias no país pelo fato de integrarem entre umas centenas ou mesmo alguns milhares de locutores” (SCANTAMBURLO, 2013, p. 27). A língua mansoanca, com 11.556 falantes, pertence à Subfamília Mande, mas não foi incluída de forma independente no recenseamento, sendo contabilizada junto às línguas do grupo balanta. As dezesseis (16) línguas minoritárias citadas pelo autor são as seguintes: “bagas, baiotes, bambarãs, banhuns, cassangas, conhagui, cobianas (ou coboianas), jacancas, jalofos (ou wolof), landumãs, padjadinças (ou badjaranca), saracolés (ou soninkés), sereres (ou nhomincas), sossos (ou jaloncas), tandas, timenés” (SCANTAMBURLO, 2013, p. 27). O autor salienta que algumas dessas variedades linguísticas, tidas como línguas diferentes, são consideradas nomes diferentes para dialetos (ou variedades) de uma mesma língua. Em relação a isso, Couto e Embaló, ao mencionarem o trabalho de Mané (2001), apontam para a hipótese de que “manjaco, mancanha e pepel podem ser considerados três dialetos de uma mesma

língua” (COUTO e EMBALÓ, 2010, p. 31). A justificativa para isso é que a fonologia dos três dialetos é idêntica, exceto para algumas variantes alofônicas.

Intumbo (2007), por outro lado, afirma que as línguas pertencentes aos grupos Oeste-Atlântico e Mandê têm em comum algumas características gramaticais a nível morfossintático e fonético-fonológico:

em virtude de pertencerem à mesma família linguística, partilham entre si algumas semelhanças morfossintáticas e fonético-fonológicas. Por exemplo, enquanto o Balanta, o Pepel, o Manjaco e o Mancanha (do grupo Oeste-Atlântico) marcam o plural no início da palavra, o fula (do grupo Mandê) acrescenta o morfema de plural no final da palavra. Um exemplo de distinção no plano fonético-fonológico é a realização das oclusivas velares surdas [k] e sonora [g]. Em Balanta, essas oclusivas são alofones do mesmo fonema, diferentemente do que ocorre nas línguas Pepel, Manjaco e Mancanha, em que são fonemas distintos (INTUMBO, 2007, p. 6).

Atualmente, algumas línguas faladas no território guineense sofrem riscos de extinção, como o sarakolé, o süssu, o kassanga, o kobiana, o djakanka e o tanda (cf. INTUMBO, 2007, p. 6). Esse fenômeno é considerado, na literatura linguística, como desaparecimento de língua, que pode ser causado pela pressão de uma língua dominante sobre uma língua não dominante. Dessa forma, as crianças começam a perder o contato com a língua, que deixa de ter, aos poucos, falantes nativos, levando à glototanásia (COUTO, 2017, p. 35).

Um outro fator importante da morte de uma língua, que merece ser destacado, de acordo com Couto (2009), é o desaparecimento de um determinado povo ou grupo étnico, por migrações para um território onde existe uma outra língua dominante, ou por desaparecimento em massa de um povo, devido a uma catástrofe natural, doença ou eliminação de falantes.

Sendo assim, é importante destacar que o último recenseamento realizado no território guineense em 2009 é um dado estimativo. O país ainda não tem um número atualizado de línguas existentes e de seus respectivos falantes.

Conforme mapeamos acima, a situação linguística na Guiné-Bissau é de multilinguismo, já que são faladas cerca de vinte (20) línguas nesse país. Apesar dessa grande diversidade linguística, vale sublinhar que a interação comunicativa ocorre normalmente, pois o Guineense é língua interétnica ou de unidade nacional dos guineenses. Embora haja uma grande diversidade étnica, em que cada etnia tem sua própria língua, o Guineense serve como uma língua comum e de comunicação diária entre os membros da população do país. Isso é possível porque, conforme afirma Couto (2009), a maioria dos guineenses falam fluentemente o guineense.

1.3. Contacto de Línguas: pidgins e crioulos

A ideia de contato, segundo Couto (2017), está relacionada diretamente à interação, ou seja, o contato é uma das formas de interação. Ele é, por assim dizer, a comunicação a nível coletivo, ao passo que a interação comunicativa propriamente dita se dá sobretudo a nível intracomunitário, podendo dar-se também a nível intercomunitário, ou seja, entre indivíduos dos grupos em contato. Ora, a interação é o contexto maior em que se insere a comunicação, que é o centro de toda atividade linguística. É da interação comunicativa ou de tentativas tateantes de interação comunicativa que emergem as línguas.

Desse modo, ao longo das décadas, as teorias da linguística de contato (a respeito de línguas pidgins e crioulas, especificamente) vêm tomando rumos diversos no que tange ao processo histórico de formação e transformação da gramática de línguas crioulas. Nessa área de estudo, destacam-se estudos como, por exemplo, o de Bickerton (1984), que entende pidgin como “uma língua auxiliar que surge quando falantes de diversas línguas mutuamente ininteligíveis entram em contato estreito” (BICKERTON, 1984 apud COUTO, 2017, p. 21). Com base nisso, Bickerton (1984) afirma que uma língua crioula surge quando crianças adquirem um pidgin como sua língua materna (BICKERTON 1984 apud COUTO 2017).

Assim como Bickerton (1984), Hymes (1971) afirma que o processo de pidginização começa quando povos de línguas mutuamente ininteligíveis entram em contato. O que se tem, nessa fase inicial, segundo Hymes, é um pidgin instável ou jargão. E esse pidgin instável inicial, com a continuidade do contato, evolui para um pidgin estável (HYMES, 1971 apud COUTO, 2017). Todd (1990), por um lado, fala em pidgin estendido. De acordo com Todd (1990), o pidgin estendido é aquele que,

a despeito de não se transformar em língua materna, se mostra extremamente importante em uma área multilíngue e que, devido a sua utilidade, vê seu uso estendido além da limitada função original que causou seu surgimento (TODD, 1990, p. 5 apud COUTO, 2017, p. 21).

Nessa ótica, Mühlhäusler (1986) afirma que o pidgin estabilizado pode evoluir para um pidgin expandido antes que seja adquirido como língua materna por crianças da comunidade emergente, isto é, antes de se crioular.

Vale ressaltar que os trabalhos acima apresentados fazem parte das obras que constituem a famosa proposta (clássica) conhecida como “ciclo vital” (cf. HALL JR, 1962, 1966 apud COUTO, 2017), baseada em uma visão evolucionista dos pidgins e dos crioulos. De acordo com esse modelo, nas fases iniciais do contato tem-se um pidgin instável, ou jargão, ainda sem uma gramática própria, independente da gramática de língua lexificadora e de línguas de substrato. Nesse estágio, segundo o modelo, a comunicação se dá apenas pelo modo pragmático, o modo sintático intervém

quando o pidgin instável inicial se estabiliza. A partir desse momento, conforme o modelo, não se trata mais de um mero jargão, mas de uma língua propriamente dita, com uma gramática própria. Nessa abordagem, o crioulo surge quando o pidgin estável é adquirido como língua materna por crianças da comunidade emergente.

No entanto, Couto (1999) considera que a proposta de ciclo vital apresenta diversos problemas, afirmando que as representações simbólicas do processo histórico de formação e transformação das gramáticas crioulas, proposto pelo modelo evolucionista, ilustram o referido processo como se se tratasse de algo simples e direto. Além disso, o autor afirma também que as concepções apresentadas não ajudaram a esclarecer um conjunto de questões polêmicas que cercam o conceito de pidgin:

a definição de Bickerton [...] é problemática, pois implica que “pidgin” é um pré-crioulo. [...] considerar o crioulo como um pidgin nativizado, isto é, como desenvolvimento de um pidgin, leva a dois problemas de difícil solução: primeiro, isso pressuporia que o pidgin seja algo perfeitamente definido; segundo, mesmo que ele o fosse, a própria nativização é problemática, uma vez que não se sabe quantas crianças teriam que adquirir esse presumível pidgin prévio como primeira língua para se ter um crioulo. Enfim, o conceito de pidgin está envolto em toda uma série de problemas (COUTO, 1999, p. 17).

Além de entender que esse conceito é muito polêmico, Couto (1999) considera o conceito do pidgin desnecessário para tratar do surgimento ou do processo de formação e transformação das línguas crioulas:

ao falar da emergência das línguas crioulas vimos que o conceito de pidgin é dispensável, pois o que se tem em uma situação de contato que dá lugar a uma língua crioula é a formação paulatina de um novo sistema lingüístico a partir dos escombros das línguas contatantes (para mais detalhes, cf. Couto 1996, 1998b). No entanto, isso não significa que o conceito de pidgin não seja importante e necessário para caracterizar diversas situações de uso lingüístico resultantes do contato de povos e respectivas línguas (COUTO, 1999, p. 17).

A dispensação do conceito do pidgin para explicar processo de formação e transformação das línguas crioulas se deve às indagações que surgem de que se o pidgin é “efetivamente uma língua ou apenas uma pré-língua, ou protolíngua” (COUTO, 2017, p. 102). Desse modo, Couto (2017) considera o pidgin como um processo em formação, e não uma língua firmemente estabelecida e estabilizada. Nessa ótica, o autor entende que o nome pidginização, que se refere ao processo, seria mais adequado para explicar surgimento e processo de formação e transformação de línguas crioulas do que pidgin, que indicaria um produto:

[...] autores tão diversos quanto Valdman (1977), Bollée (1977a), Mufwene (1989) e Singler (1996) defendem a tese da desnecessidade de um pidgin prévio para o surgimento de um crioulo. Fica implícito no novo modelo que, no momento do encontro dos falantes de línguas mutuamente ininteligíveis, há um (i) desmoronamento das estruturas gramaticais dessas línguas. Logo em seguida, e talvez simultaneamente a esse desmoronamento, inicia-se um processo de (ii) formação de uma nova gramática que, logo em seguida e às

vezes simultaneamente ao processo de formação, começa a se (iii) transformar na direção da língua lexicadora (LL) (COUTO, 2017, p. 15).

Assim como conceito de pidgin, “a nativização é um conceito por demais complicado para ser usado como base do processo que leva a uma língua crioula” (COUTO, 1999, p. 18). Assim, Couto (2017), partindo do pressuposto de que existe uma interdependência entre linguagem e comunidade, propõe, com base numa visão ecológica de língua, a substituição do termo *nativização* para *comunitarização*, porque, segundo ele, o que existe na formação e na transformação de um crioulo é a comunitarização de um meio de comunicação específica:

[...] a tese que defendo, e que deixo aqui como hipótese para ser ratificada ou retificada com novos dados empíricos, é a de que assim que o agrupamento heterogêneo de pessoas formado por membros de (PL1) + (PL2, PL3...PLn) ou apenas de (PL2, PL3...PLn) começa a se consolidar, começa a consolidar-se também uma língua mista própria, diferente de todas as línguas dos povos que intervieram em sua formação. Frequentemente, o léxico da nova língua provém majoritariamente de (PL1), enquanto a gramática tende a ser influenciada mais por (PL2, PL3...PLn). Linguagem e comunidade são interdependentes, no sentido de que a primeira é parte da segunda. Portanto, em vez de nativização o que se tem na formação de um crioulo é a *comunitarização* de um meio de comunicação específico da nova comunidade. O conceito de nativização é por demais problemático, mesmo que distingamos nativização coletiva de nativização individual (COUTO, 2017, p. 15).

Desse modo, no entendimento do autor, o conceito de comunitarização evita problemas, como o de saber a quantidade de crianças que são necessárias para o surgimento de uma nova língua ou para a nativização de um crioulo e também o de saber se haveria ou não a nativização caso tivesse nascido apenas uma criança.

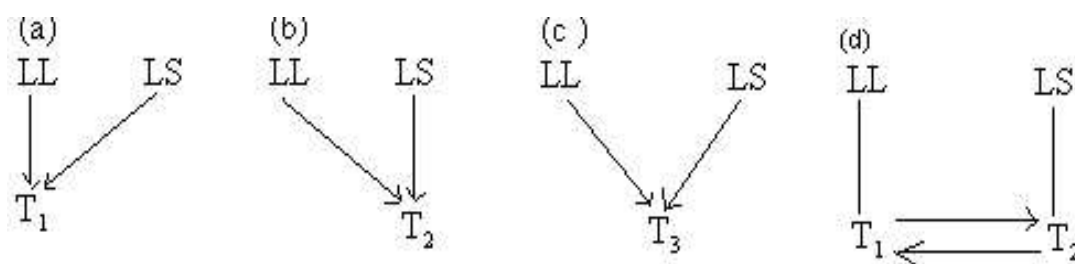
Assim, a língua crioula é o resultado de contato entre povos de línguas mutuamente incompreensíveis que passaram a conviver num território comum, geralmente em ilhas ou em fortes das casas, durante o período da colonização européia na África, Ásia e América, havendo entre eles uma relação de poder/força (COUTO, 2017).

Couto (2017), partindo de uma visão ecolinguística (que é concebida como estudo das relações entre língua e meio ambiente), defende que há uma língua quando há um povo ou uma população que vive e convive num determinado território. Todavia, o autor sublinha que essa situação não é uma regra. Segundo o autor, o que se verifica hoje é o bilinguismo ou multilinguismo, em que se tem a convivência de duas ou mais línguas num mesmo território. Dessa forma, ele nomeia essa situação de ecologias complexas (situações linguísticas complexas), que são causadas por migrações dos povos, “provocadas por vicissitudes históricas posteriores ao momento de formação de cada língua” (COUTO, 2017, p. 49).

Tal movimento migratório dos povos, conforme Couto (2017), ganha um resultado de influência de uma língua sobre outra, o que leva a um certo tipo de convergência linguística. O

período conhecido como de grandes navegações demonstra um processo de migração de povos europeus para outros lugares do mundo; por consequência, as línguas europeias foram impostas aos povos de outros lugares da terra. A globalização é um outro caso de contato de indivíduos e suas respectivas línguas.

Considera-se que não são as línguas que entram em contato de forma direta, mas sim os povos. Partindo desse entendimento, Couto (2017) propõe quatro situações de contato entre os povos e suas respectivas línguas num determinado território. Essas situações, que o autor denomina de contato interlinguístico, são representadas em quatro figuras simbolizadas. Dessa forma, o símbolo PL1, segundo o autor, é usado em referência ao lado mais forte em termos econômicos, políticos, militares e de prestígio; o símbolo PL2 representa o lado menos forte, nos termos já mencionados; e o símbolo T representa o território. Para facilitar a representação das figuras, o autor substituiu os símbolos PL2, PL3 e PLn por LS, que corresponde a línguas de substrato; e o símbolo PL1 por LL, correspondendo à língua lexificadora:



A representação, na figura (a), ilustra uma situação de interação em que um povo ou parte dele se desloca com sua respectiva língua para o território de outro povo que já constitui uma comunidade estruturada, tendo, assim, uma língua estabelecida e estabilizada:

o caso (1a) se dá quando membros de LS imigram para o território (T1) de LL, como se dá com os hispânicos em Nova York, em Miami e na Califórnia, com os japoneses em São Paulo e com os alemães no sul do Brasil, entre outros. Nesse caso, dificilmente surgiria um crioulo. Na melhor das hipóteses, surgiria um anti-crioulo¹ (COUTO, 2017, p. 32).

Segundo Couto (2017), o segundo tipo de contato ocorre quando se verifica o deslocamento do povo mais forte (PL1 ou LL) para o território (T2) do povo mais fraco (PL2 ou LS). A figura (b) acima representada ilustra a possibilidade de haver mais de um povo com suas respectivas línguas numa situação de conquista de outros povos.

¹ Anti-crioulo é uma denominação proposta por Couto para designar as línguas mistas, como o anglo-romani, o ma'a e o shelta, que contêm pelo menos parte do seu vocabulário original, usado no contexto da gramática da língua dominante, isto é, que têm vocabulário e gramática de origens diametralmente diferentes da origem desses componentes nas línguas crioulas.

Faz-se lembrar, nesse contexto, a situação de dominação dos romanos na península Ibérica, bem como dos espanhóis, ingleses, portugueses e franceses na África, Ásia, América, Oceania e Oceano Pacífico. Essa situação de contato pode gerar resultados muito diversos. Por exemplo, pode ocorrer, comumente, o caso da implantação total da língua e cultura dos conquistadores, como é o caso de Cuba, Nova Zelândia e vários países africanos (cf. COUTO, 2009), nos quais restam das línguas locais apenas os enclaves, que com mais força vão sendo influenciados, cada vez mais, pela língua do invasor. Além disso, entre os resultados da situação da figura (b), há o caso da formação das línguas crioulas que, na Guiné-Bissau resultou do contato entre os portugueses e os povos locais, de diferentes grupos étnicos.

Entretanto, pode acontecer também situação em que a língua do colonizador permanece pidginizada, como o inglês na República dos Camarões; ou a língua do colonizador impor-se como língua local, como o inglês na Índia, onde se considera que a entrada do inglês se deu por via culta, pela escola, ganhando, assim, mais espaço a cada dia que passa; como uma das características, é considerado um inglês com uma forte influência fonética das línguas locais, como as consoantes coronais retroflexas (cf. COUTO, 2017).

A figura (c), segundo o autor, representa uma situação de deslocamento, tanto dos povos considerados mais fortes quanto dos povos considerados mais fracos, para um terceiro território (T3).

É interessante sublinhar que o terceiro território (T3), para onde se deslocam os povos mais fortes e os mais fracos, não pertence a nenhum deles. Esse território, geralmente, é uma ilha; desse modo, a situação representada na figura (c) é considerada ideal para o surgimento de um pidgin, bem como de um crioulo. O principal exemplo nessa situação é a formação dos crioulos de base portuguesa na ilha de Cabo Verde; de base francesa, na ilha de Maurício e nas ilhas Seychelles; de base inglesa, nas ilhas do Havaí, entre outras.

A figura (d) ilustra uma situação de contato em que os membros de LL se deslocam temporariamente ou sazonalmente para o território de membros de LS ou vice-versa. A esse contexto, refere-se o caso dos russos que se deslocavam no período de verão para norte da Noruega, a fim de trocar suas mercadorias por peixe, no final do século XIX e início do século XX.

Nessa situação de contato, os russos são considerados como povo de LL, já que somente eles se deslocavam, estabelecendo um contato com os noruegueses dessa região. Desse contato, surgiu um pidgin conhecido como *russeorsk*, que quer dizer russo-norueguês. De acordo com Naro,

o russo-norsk é um sistema de comunicação linguística que continha elementos tanto do russo quanto do norueguês (assim como de outros idiomas), mas não era nenhum deles (NARO, 1973, p. 98).

Esse tipo de sistema de comunicação linguística, segundo Naro (1973), pode ser denominado de pidgin, cuja característica principal é não ser língua nativa de ninguém. Tal pidgin tem um nome alternativo: *moya po tvoya*, que literalmente significa “eu em tu”, isto é, “eu [falo] em a tua [língua]” (COUTO, 2017, p. 54).

Além de Couto (2017), há também autores que têm ideia contrária à teoria evolucionista ou de nativização, isto é, não consideram que o crioulo seria necessariamente a continuação de um pidgin. É nessa linha de pensamento que Mufwene (2002) se insere, negando a ideia tradicional de que crioulos surgiram de pidgins. Segundo o autor, essa proposta não tem sustentação na história da colonização, que produziu as duas variedades em espaços diferentes: os pidgins, nas colônias mercantis (ou de exploração); e os crioulos, nas colônias de povoamento. Os pidgins desenvolveram-se, conforme Mufwene (2002 apud PETTER, 2015, p. 210), “ao longo de rotas comerciais, como a costa da África Ocidental, onde havia muitos grupos com diferentes línguas e nenhuma língua comum para comunicar-se”; ao passo que, nas colônias de povoamento (espaço de surgimento do crioulo), tinha-se como atividade primária “a plantação de cana de açúcar ou arroz, com o emprego maciço de mão de obra escravizada” de produção voltada para o mercado externo (MUFWENE, 2002, apud PETTER, 2015, p. 210).

Bakker (2021), por sua vez, discorrendo a respeito do surgimento das línguas crioulas, afirma que as línguas crioulas surgiram em circunstâncias diferentes, em que:

alguns foram desenvolvidos entre escravos fugidos (Ndyuka, Angolar, Palenquero), outros surgiram em torno a locais de comércio como 'fortes crioulos' (cabo-verdianos, Guiné-Bissau, Zambo Angueño, Korlai, Nubi), o Nagamese como meio de comunicação interétnica no comércio e o resto surgiu em plantações multilíngues (BAKKER, 2021, p. 17).

Para Bakker (2021, p. 17), não se deve prever o grau de crioulisto de um determinado crioulo a partir do seu traço lexificador, área, tipo e idade, etc., pois, segundo o autor, o grau de crioulisto de um determinado crioulo não depende de superestrato, área de origem, tipo de enquadramento sociolinguístico (plantação, forte ou comércio) ou idade do crioulo (isto é, ano de surgimento), porque os crioulos formam um grupo de línguas tipologicamente distinto das línguas não crioulas.

Segundo Pratas (2004), autores como Singler (1992) e Lumsden (1996; 1999) afirmam que o processo de transição de pidgin a crioulo não se deu por meio da nativização, porém concordam que o processo de crioulisto tivesse ocorrido graças ao uso da faculdade de linguagem, mas por parte dos adultos, e não das crianças, conforme defendido por Naro (1973). Assim, para Singler (1992), a crioulisto, entendida como traço dos crioulos, obtém-se sem a nativização.

Com isso, é possível afirmar que não há nenhuma língua no mundo livre de contato com outras línguas. Sendo assim, não há nenhuma língua no mundo que não apresente algum tipo de interferência de outras línguas. Conforme afirma Couto (2017),

quer essa interferência se manifeste sob a forma de empréstimo, quer sob a forma de transferência. No primeiro caso, os sujeitos falantes de L1 recebem em sua língua palavras e/ou traços morfossintáticos de outra língua. No entanto, sua língua L1 se mantém. No segundo caso, trata-se de mudança de língua, isto é, os sujeitos falantes de L1 vão adquirindo, paulatinamente ou abruptamente, uma L2. Nesse processo, transferem traços, sobretudo morfossintáticos, de sua língua L1 para a L2 que estão adquirindo (COUTO, 2017, p. 41).

De acordo com o autor, se os sujeitos falantes de L1 não conseguirem adquirir L2 na íntegra, pode surgir uma L3 diferente tanto de L1 quanto de L2. É o que acontece no caso dos pidgins e crioulos.

Diante de tudo que tem sido destacado até aqui, sobre contato de línguas, fica evidente duas propostas opostas sobre o processo de formação e transformação de línguas crioulas: a de ciclo vital, baseada numa visão evolucionista da língua (cf. Hall Jr, 1962, 1966 apud Couto, 2017) e a de comunitarização, baseada numa visão ecológica da língua (cf. Couto, 2017). A última propõe o uso do termo pidginização, que se refere ao processo contínuo em vez de pidgin, que se refere a um produto formado, tendo a necessidade de comunicação e o uso da faculdade de linguagem, por parte dos adultos da comunidade, como fatores fundamentais para formação e transformação de um crioulo (cf. Singler, 1992). Já a primeira defende um pidgin instável inicial que, com o passar dos tempos, se estabiliza, tendo a atuação das crianças sobre esse pidgin estabilizada como fator primordial para formação e transformação de um crioulo (cf. Mühlhäusler, 1986).

1.4. A influência das línguas étnicas no guineense

A expressão *variação basilectal* é usada para designar o guineense influenciado pelas línguas étnicas. Conforme Rougé (1986, p. 44), “numa certa altura, no princípio de sua formação, o guineense devia situar-se muito mais perto das línguas africanas do que se encontra hoje”. Atualmente, ainda se verifica uma modalidade do guineense mais próxima das línguas étnicas, de um modo geral, é a variedade basileto que se usa nas aldeias dos arredores de cidades e do campo.

Essa modalidade do guineense incorpora, na sua forma, traços linguísticos das línguas étnicas, no nível fonético-fonológico, por exemplo. É reconhecida no modo de falar de cada grupo étnico. Por isso que, na Guiné-Bissau, quando um indivíduo de campo se expressa em guineense, é imediatamente identificado como um balanta, fula, pepel, bijagó, mandinga, etc., pela entonação

e/ou por outras características fonético-fonológicas. Dessa forma, Couto (1989) mostra como que ocorre esse processo:

em bijagó não existe o fonema /f/. Por este motivo, no crioulo abijagosado ele é substituído por /p/: /fidžu/ -> /pidžu/. Quando Domingos perguntou a um indivíduo desta etnia se podia fazer algumas gravações para nós, ele retrucou: "Pa passi ke?" (para fazer o quê?). No crioulo abalantado, /p/ vira /b/: /poti/ -> /boti/ (pote). Em fula não há /t/, portanto, no crioulo afulado temos formas como /kantša/ em vez de /kanta/ (canta). O crioulo apapelado substitui /tš/ por /s/. Assim, /tšabi/ -> /sabi/ (chave), /tšiga/ -> /siga/ (chegar), etc. Aliás, falantes de quase todas as etnias da Guiné-Bissau tendem a substituir /š/ por /s/ e /ž/ por /z/ (COUTO, 1989, p. 113).

Vale a pena explicar que as expressões “crioulo abijagosado, abalantado, afulado e apepelado” são usadas para designar a modalidade do guineense falado com a pronúncia e entonação das línguas étnicas, como bijagó, balanta, fula e pepel.

Além dessas marcas segmentais impostas pelas diversas línguas étnicas ao guineense, Couto (1989) afirma que há também marcas suprasegmentais. Assim, tanto a entoação quanto o ritmo do guineense são fortemente influenciados pelas línguas étnicas. O autor salienta que o ritmo das línguas étnicas é tão marcante que chega a afetar a variação basilectal (crioulo tradicional), variação acroletal (crioulo aportuguesado) e até mesmo o português (português acrioulado).

Couto (1989) fala que, além dessas marcas, percebe-se também as diferenças semânticas. Por exemplo, “no crioulo abalantado em geral se cumprimenta fazendo uma pergunta relativa à posição em que a pessoa se encontra” (Couto 1989, p. 133). Os exemplos em (1), transcritos de Couto (1989), ilustram formas de cumprimentar sem a influência étnicas, e os exemplos em (2), também transcritos de Couto (1989), ilustram as formas de cumprimentar influenciadas pelas línguas étnicas:

- (1) a. Kuma?
como
‘Como vai?’
- b. Kuma di korpu?
como de corpo
‘Como está?’
- (2) a. Bu sinta?
você sentar
‘Você está sentado?’
- b. Bu dita?
você deitar
‘Você está deitado?’ (tradução literal)
- c. Bu na mesa?
você na mesa
‘Você está à mesa?’ (tradução literal)
- d. Bu firma?

você ficar de pé
 ‘Você está de pé?’, e assim por diante. (tradução literal)

Desse modo, o autor mostra que essa forma de cumprimentar estaria sendo influenciada pelo sistema gramatical do balanta, pois, nessa língua, de modo geral, se cumprimenta fazendo-se uma pergunta relativa à posição em que a pessoa se encontra. Vejamos os exemplos a seguir, da nossa autoria:

- (3) a. A bala?
 você como
 ‘Como vai?’
- b. A bala lite?
 você como corpo
 ‘Como está?’
- c. A mesi?
 você sentar
 ‘Você está sentado?’ (tradução literal)
- d. A ringhi?
 você deitar
 ‘Você está deitado?’ (tradução literal)
- e. A tchete
 você ficar de pé
 ‘Você está de pé?’ (tradução literal)

Note que as formas de cumprimentar em (1) e (3a-b) usam-se tanto no guineense quanto no balanta para saber, de modo geral, das condições físicas de alguém em relação a seu estado atual, físico e emocional, de saúde; já as formas em (2) e (3c-e) usam-se em ambas as línguas, acompanhadas do gesto, para saudar alguém, podendo significar, dependendo do horário, ‘bom dia’, ‘boa tarde’ ou ‘boa noite’ em português. Porém, é importante ressaltar que tais formas de cumprimentar são mais comuns na fala dos falantes de balanta, como sugere o nome dado à referida variante.

Scantamburlo (2013) afirma que o sistema verbal guineense não emprega marcas flexionais para indicar aspecto (iterativo, progressivo, incoativo, resultativo) e tempo (passado, presente e futuro), porém o sistema utiliza marcadores pré e pós-verbais para este fim. São as partículas TMA, ou seja, indicadoras das categorias de tempo, modo e aspecto, que exercem essa função dada a ausência de flexão verbal na morfologia do guineense. Essa marcação se assemelha à das línguas étnicas, que provavelmente exerceram essa influência no guineense. Tal fato pode ser confirmado no “(e)studo comparativo da morfossintaxe do crioulo guineense, do balanta e do português” de

Intumbo (2007). No qual, Intrumbo (2007) procura identificar os aspectos comuns e diferenciadores da gramática do guineense em relação à do balanta e à do português visando dar uma ideia dos papéis que tiveram a língua lexificadora e as línguas do substrato na formação do guineense. Abaixo, apresentamos alguns exemplos em guineense e balanta transcritos do autor, com o intuito de ilustrar como ocorre esse processo:

- (4) a. N tene **ba** un livru.
1s ter ANT um livro
'Eu tinha um livro'.
- b. N ten **ge** kitil.
1s ter ANT caneta
'Eu tinha uma caneta'.

Observando os exemplos em (4) é possível constatar que em ambas as línguas os falantes recorrem ao uso das partículas de TMA para marcar o tempo passado. Em (4a) o verbo *tene* (ter) é seguido pela partícula *ba* indicando, em guineense, o tempo anterior e o aspecto imperfeito; já em (4b) o verbo *ten* (ter) ocorre junto com a partícula *ge* indicando, em balanta, também o tempo anterior e o aspecto imperfeito.

Outra influência no guineense associada às línguas étnicas é, segundo Scantamburlo (2013), a construção causativa (verbo + **nt/nd** + vogal). Os exemplos a seguir, transcritos do autor, ilustram esse processo:

- (5) a. Tchiga ~ tchiganta
Chegar ~ fazer chegar
- b. Firbi ~ firbinti
Ferver ~ fazer ferver
- c. Djungu ~ djungunti
Dormitar ~ fazer dormir

Para afirmar a proximidade do guineense com as línguas étnicas, Scantamburlo (2013) destaca a língua Mandinga, que conta com apenas uma construção causativa: a morfológica. De acordo com Creissels (2011), essa língua apresenta dois sufixos causativos: **-ndi** e **-rindi** e o seu alomorfe **-dirindi**, usado com verbos terminados em nasal. Os exemplos a seguir, transcritos de Creissels (2011), mostram o emprego dessas formas:

- (6) a. Díndíj-o ye tooñáa fo
child-D PRF.POS truth.D tell =
'The child told the truth'.

‘A criança disse a verdade’

- b. kew-ó ye dindĩ-o fõo-rí-ndi tooñáa la
 man-D PRF.POS child-D tell-ANTIP-CAUS truth.D OBL
 ‘The man made the child tell the truth’.
 ‘O homem fez a criança dizer a verdade’

- c. Dindĩ-o dómó-rí-ta
 child-D eat-ANTIP-PRF.POS
 ‘The child ate’.
 ‘A criança comeu’

- d. kew-ó ye dindĩ-o dómó-rí-ndi (mbúur-óo la)
 man-D PRF.POS child-D eat-ANTIP-CAUS bread.D OBL
 ‘The man made the child eat (bread)’.
 ‘O homem fez a criança comer (o pão)’

Observando as sentenças em (6) é possível constatar, nas sentenças (6b) e (6d), que os verbos *fo* (‘dizer’) e *domó* (‘comer’) apresentam sufixo *ndi*, indicando, na voz ativa, a ocorrência da construção causativa morfológica em mandinga.

Além do nível morfossintático, Scantamburlo (2013) também destaca o nível lexical, argumentando que, a nível do léxico, o guineense apresenta uma capacidade, sempre em aberto, como outras línguas, de fazer empréstimos e de criar neologismos. Esse tipo de criatividade lexical, segundo o autor, depende do ambiente sociocultural e linguístico dos falantes. Isso demonstra como as línguas étnicas têm tido um papel importante na formação da estrutura da gramática do guineense. Assim, para demonstrar a presença das línguas étnicas no léxico do guineense, o autor aponta a reduplicação, que consiste na repetição de uma palavra inteira ou de uma das suas partes para formar novas palavras com significados parciais ou totalmente diferentes. Por exemplo, a expressão *Gosi-gosi* significa ‘agora mesmo’, e a sua base (*gosi*) tem o significado da palavra ‘agora’; já *Kinti-kinti* significa ‘rápido’, e a sua base (*kinti*) tem o significado da palavra ‘quente’. Nesta ótica, vale a pena ressaltar que pode existir vários tipos de reduplicação, como por exemplo, a morfológica, tida como a verdadeira, e a fonológica, visto como a falsa (cf. NUNES, 2021, p. 256; MANÉ, B. B. E., IMBATENE, J. E., BANDEIRA, M. F., 2020; IMBATENE, 2019; MANÉ, 2022).

No que tange aos neologismos de palavras, Scantamburlo (2013) apresenta os adjuntos de intensidade, classificados também na literatura crioulaística como ideofones (cf. Nunes, 2021). Esses adjuntos de intensidades, segundo o autor, correspondem a palavras derivadas das línguas étnicas. Tendo propriedades dos advérbios, “os adjuntos de intensidade são modificadores de substantivos, adjetivos ou verbos com as duas funções, a de [especificar o significado ou sentido] e a de [marcar o grau superlativo] ou a [intensidade máxima do processo]” (SCANTAMBURLO, 2013, p. 83). A

seguir, apresentamos alguns exemplos transcritos do autor sobre adjuntos de intensidade no guineense:

- (7) a. Sai fis
sair Adjut
'Sair com delicadeza'
- b. Sukuru tip
escuro Adjut
'Ecuridão intensa'
- c. Limpu pus
limpo Adjut
'Muito limpo'
- d. Seku kan
seco Adjut
'Muito seco'

Desta forma, vale a pena ressaltar que as combinações entre tais adjuntos de intensidade ou ideofones e os elementos que modificam são específicas, não sendo possível qualquer combinação. Assim, a partícula "kan", por exemplo, só ocorre com a palavra "seku" (seco).

Com base nessa descrição geral, verificamos a influência das línguas étnicas no guineense, nas regras gramaticais, no sistema verbal, na estrutura morfossintática, fônico (é mais comum) e fonológico e nas diferenças semânticas. Supomos que os dados apresentados ao longo desta subseção atestam que os signos linguísticos foram afetados tanto no nível da forma quanto no do conteúdo.

1.5. A influência do português no guineense

A denominação *variedade acroleto* é uma das modalidades do guineense fortemente influenciada pelo português. Essa modalidade, segundo Couto (1989), é também chamada de "kriol lebi" (crioulo leve), por oposição ao "kriol fundu" (crioulo fundo), que equivale ao que o autor chama de "crioulo tradicional". De acordo com Couto, a denominação *variedade acroleto* corresponde à língua falada pelos jovens ou estudantes, é bem diferente do guineense falado pelos idosos. Está mais próximo do português. Ou, "como disse um administrador de hotel, de formação superior: O crioulo bem falado e 'parecido' com o português", (COUTO, 1989, p. 118).

Com isso, Couto (1989), p. 118) afirma que "virtualmente toda e qualquer palavra portuguesa pode ser usada em crioulo, com pequenas adaptações, do que dá uma pálida ideia o enunciado transcrito: *criol i lingua mas facil di continenti africanu*" (p. 18). Para esse autor,

sempre que um indivíduo não conhece ou não se lembra de alguma palavra em guineense, ele usa a equivalente em português, sem que ninguém estranhe.

O autor destaca, ainda, que na *variedade acroleto* usa-se, com muita frequência, a passiva do verbo; e também ocorre flexão em gênero e número (como em *luta politica, trabadjaduris*) e muitos neologismos (como *elicopler, discordja*). Transcrevemos, a seguir, uma das afirmações de Couto sobre a influência do português no guineense:

toda a fonologia crioula se aproxima da portuguesa. Aqui já ocorrem os fonemas /z, ʎ, ʃ, ʒ/. A estrutura silábica também se complica, sempre na direção do português. Até as artificiais e superficiais formas de polidez europeias já estão sendo adaptadas para o crioulo (aportuguesado). Por exemplo, hoje não é raro ouvir-se "fassin fabur!" (faça-me o favor!), "obrigadu!", etc. Para se interpelar um desconhecido na rua se diz "amigo!", "primo!", "ermon!" (irmao!), etc (COUTO, 1989, p. 118).

Além de propriedades fonológicas, o autor mostra que, no plano morfossintático, algumas construções tendem a se aproximar mais do português do que da *variação basiletal*. Já que esta não é comum na construção passiva. Por exemplo, as sentenças do tipo *Amilkar Kabral matadu pa purtuguis* (Amílcar Cabral foi assassinado pelos portugueses) são mais típicas da variação acroletal. A *variação basiletal*, segundo o autor, prefere ligar as orações com conectivos coordenativos, em vez dos subordinativos, diferentemente do que ocorre na *variedade acroletal*. Observe o exemplo (8), transcrito de Scantamburlo (1981, p. 69):

- (8) I padi kil pekador i tchomadu Djon.
Ela parir aquele pessoa e chamar João
Ela gerou aquele homem o qual foi chamado João

Note que em (8) o morfema *i* ('e') está ligando duas orações que não têm relação de dependência entre si; em que a primeira oração *I padi kil pekador* ('Ela gerou aquele homem') tem sentido completo e independe da segunda oração *tchomadu Djon* ('chamado João'); e assim também é a segunda em relação à primeira. Isso sinaliza que *i*, na sentença em (8), desempenha uma função aditiva das conjunções coordenativas.

Na sequência, apresentamos alguns exemplos extraídos de Couto (1989, p. 115), que evidenciam a existência de uma *variedade acroletal*:

- (9) a. N tene constipaçon
Eu ter constipação
'Estou resfriado'
- b. N sta constipadu
Eu estar constipado
'Estou resfriado'

Ainda de acordo com Couto (1989, p. 116), a *variação basilectal* prefere construções como as transcritas a seguir:

- (10) a. Catarru tene n
 Catarro ter eu
 ‘Estou resfriado’
- b. Catarru tene u
 Catarro ter tu
 ‘Tu estás resfriado’
- c. Catarru tene l
 Catarro ter ele/a
 ‘Ele/a está resfriado/a’

É importante sublinhar que as construções como *N tene constipaçõn* (Estou resfriado), conforme (9a), são mais comuns na fala dos jovens e pessoas escolarizadas, caracterizando a *variação acroletal*; já as construções como *Catarru tene n* (Estou resfriado), conforme (10a), só ocorrem na fala dos idosos, caracterizando a *variação basilectal*.

No que diz respeito à flexão dos nomes, Couto (1989) explica que a *variação basilectal* não possui marcação do gênero (ver exemplo (11a)); já na *variação acroletal* ocorre o *a* de feminino, conforme (11b) a seguir:

- (11) a. Badjuda bonitu
 ‘Menina bonita’
 Rapas bonitu
 ‘Rapaz bonito’
- b. Badjuda bonita
 ‘Menina bonita’
 Rapas bonitu
 ‘Rapaz bonito’

Além disso, o autor também destaca uma das características típicas do guineense, que ele nomeia como “partículas exclusivas”, anteriormente referidas neste trabalho como adjuntos de intensidades ou ideofones. Essas partículas ocorrem exclusivamente com determinada palavra ou morfema, e na *variedade acroletal* (o crioulo dos estudantes) praticamente não se usam mais tais partículas (cf. COUTO 1989, p. 116). Os estudantes parecem preferir expressões como *muitu sukuru*, *muitu limpu*, em vez de falar *sukuru tip*, *limpu pus*, mostrando a influência do português no guineense.

Couto (1989) destaca a estação emissora nacional ou REN (Rádio Emissora Nacional) e o Jornal *No Pintcha* (empurramos) como os principais veiculadores do uso dessa modalidade do guineense: a *variedade acroletal*. De acordo com o autor, a REN possui programas que são

apresentados em guineense, e o *No Pintcha* publica, de vez em quando, alguns poemas em guineense. Na sequência, destacamos um dos textos políticos da REN, citado por Couto (1989, p. 121), para ilustrar a proximidade dessa modalidade do guineense com o português:

(12)

a. **Varietade acroleto:** I bai pa tudu parti pa tchoma tuga pa e odja realidadi ke di facto no nesesitaba dja nan no independensia, ma tuga pa resposta k'e ta daba Cabral i iera barcu k'e na saiba di Lisboa, avion k'e na bimba di Portugal caregadu di bomba, caregadu di bala i caregadu di tropa pa pudi ocupa tudu cantus i sentru di no tera ...

b. **Português:** Foi para todos os lados para fazer ver aos Portugueses que realmente precisávamos da independência, mas a resposta que eles davam a Cabral, eram os barcos que saíam de Lisboa, aviões que vinham de Portugal carregados de bombas, de balas e de tropas para poderem ocupar todos os cantos e o interior da nossa terra... (COUTO, 1989, p. 121).

Além disso, o autor também menciona textos religiosos como potenciais portadores dessa linguagem, sobretudo os que são produzidos por missionários católicos, com a finalidade de catequizar. Observe, por exemplo, o texto abaixo, extraído do caderno *Missal Dominical*, sobre a leitura do livro do profeta Miquéias (5, 1 – 4):

(13)

Varietade acroleto: Ali quê que Senhor fala: "Abô, Belém-Efratá, embora bu mas piquinino di terras di Judá, na bó i na bim sai quil qui na bim guia Israel na nha nome. Si cumçada i di tempo antigo, di dias que ca pudi lembrado mas!" El cu manda, Deus na bim abandona si povo, te na tempo que um mame na bim padi um fidjo².

Além do contexto midiático e religioso, Couto afirma que essa modalidade do guineense é a linguagem usada:

nas repartições públicas, na redação do *No Pintcha*, nas reuniões do partido, no pátio e no setor administrativo das escolas etc. No contexto da sala de aula, no entanto, ele é proibido, havendo inclusive punição para quem o usar. O uso do português é obrigatório. Por fim, é neste crioulo que se fazem as campanhas de saúde pública. Por exemplo, afixam-se cartazes contra a SIDA (AIDS), ensinando o uso de escovas de dentes, campanhas de vacinação, etc. (COUTO, 1989, p. 119).

Todas essas propriedades gramaticais e textos destacados são apontados e considerados, pelo autor, como característica e exemplificação da *variedade acroleto*, ou seja, influenciado pelo sistema gramatical do português. Nessa ótica, observa-se que a língua portuguesa não é só a língua lexificadora do guineense, uma vez que também contribui para uma mudança significativa no sistema gramatical do guineense. Esse aspecto leva muitos a afirmarem que o guineense bem falado é aquele

² "Eis que diz o Senhor: "Tu, Belém-Efrata, embora sejas pequena entre os clãs de Judá, de ti virá para mim aquele que será o governante sobre Israel. Suas origens estão no passado distante, em tempos antigos". Por isso os israelitas serão abandonados até que dê à luz a que está em trabalho de parto." (Tradução nossa).

que se parece com o português. Estamos perante uma situação que anuncia o desaparecimento do guineense falado pelos mais velhos (a *variedade basilectal*), cedendo lugar ao guineense falado pelos jovens (a *variedade acroleto*).

1.6. O surgimento do guineense

Durante a dominação colonial portuguesa em África, os portugueses lançaram-se ao mar numa aventura de “descobertas” e de exploração do continente. “Lançados” é a denominação que se usava para designar os que se lançavam ao mar, com o objetivo de conhecer e explorar a nova terra. Assim, com a chegada dos portugueses, as atividades comerciais e o intercâmbio a vários níveis com algumas das populações locais exigiram a presença de uma língua de comunicação comum. Dessa forma, Couto (1994) destaca o papel decisivo dos lançados, grumetes e tangomas, ou tangomau, no contato intercultural e linguístico entre os europeus e os povos da Guiné-Bissau, considerados também como núcleo básico para a formação do guineense.

Assim, Couto (1994) explica que, tanto na colonização quanto na formação dos pidgins e dos crioulos na costa ocidental africana e em particular na Guiné-Bissau, os lançados e seus auxiliares imediatos, os grumetes, tiveram grande contribuição. Os lançados constituíam famílias com mulheres africanas, conhecidas como ‘tangomas’. Os filhos nascidos dessa união arranjada eram chamados ‘filhos da terra’, conhecidos em outros lugares como mestiço, mulato e crioulo. Conforme Scantamburlo (2013),

estas mulheres tinham também a função de intérpretes e são chamadas ‘tangomãs’, provavelmente com origem na palavra da língua árabe ‘tarjuma’, que significa ‘traduzir’: ‘targuman’ eram os intérpretes das Embaixadas Europeias no Oriente nos séculos XIII-XV (SCANTAMBURLO, 2013, p. 45).

No entanto, vale salientar que, dessa união entre lançados e tangomãs, não se verificou um elevado processo de miscigenação, tal como ocorreu em outras colônias de Portugal, como foi o caso de Cabo Verde, por exemplo.

Os grumetes são auxiliares que serviam de intérpretes e guias aos comerciantes europeus. Eram homens livres e alguns deles eram batizados, porém não perdiam suas identidades étnicas. Conforme descreve Mello (2007),

os ‘grumetes’, dada a sua convivência com os europeus, foram facilmente cristianizados pelos missionários; mas, como a maior parte da população, permaneceram apegados às suas crenças animistas, fortemente enraizadas exceptuando-se alguns régulos islamizados (MELLO, 2007, p. 30-31).

Para Scantamburlo (2013) estes homens eram conhecidos vulgarmente,

por alcunhas crioulas: vestiam ao modo ‘português’, viviam essencialmente do comércio atlântico e eram conhecidos com ‘kriston’ no Crioulo Guineense: A sua intervenção junto com os moradores muito contribuiu para a difusão do Crioulo da Guiné (o Kriol), mais acentuada depois da criação das ‘praças’ como Cacheu, Ziguinchor, Bissau e Geba no século XVI e XVII (SCANTAMBURLO, 2013, p. 45).

Couto (1994) afirma que o núcleo familiar dos lançados era um ambiente propício para o surgimento de uma língua crioula, pois, para se comunicar com as tangomas e com os grumetes, os lançados usavam um português simplificado. Segundo o autor, tais registros apontam para a simplificação conhecida como *baby talk*, linguagem utilizada por adultos para se comunicarem com as crianças, e como *foreigner talk*, linguagem utilizada para se comunicar com estrangeiros. Contudo, vale dizer que não é consensual a abordagem de *baby talk* e de *foreigner talk* para tratar do surgimento de línguas crioulas.

Essas formas simplificadas, de acordo com Mello (2007), seriam recebidas pelos tangomas e grumetes como dados (*inputs*). Sendo assim, a nativização teria ocorrido na primeira geração dos filhos da terra. Dessa forma, Scantamburlo (2013) descreve que, entre os primeiros locutores africanos que participaram na formação do guineense, deve-se considerar:

os mandingas de Dandu colincás de Geba e de Farim, e mesmo do Casamansa e alguns biafadas, [que] seriam os primeiros – naquela idade em que ninguém aprende línguas, mas vocabulários – a conhecer a criolar a língoa do ‘branco’. Os fulas, que, com os mandingas e pepeis constituem as três mais importantes raças do país em que se formou e falla o guinéense, mal influíram neste também, porque vieram para esse país posteriormente ao estabelecimentos dos portugueses (SCANTAMBURLO, 2013, p. 37).

Além disso, o autor destaca as praças e os interpostos comerciais como o berço da crioulação na região dos “Rios da Guiné, que entre os séculos XV-XVII abrangia a Costa Africana do rio Senegal até a Serra Leoa” (SCANTAMBURLO, 2013, p. 38). Havia a realização de atividades comerciais entre os europeus e o povo da Guiné e, segundo Scantamburlo (2013), a presença destes pequenos centros autónomos foi documentada,

desde o século XVI pela ‘Praça de Cacheu’ (1587-88), no rio homónimo, e pelo interposto de ‘Santa Cruz de Guínala’ (1592-95), no Rio Grande, hoje rio de Buba, onde havia uma Igreja e muita actividade comercial. As Praças de Ziguinchor, Farim, Fâ, Geba, e Bissau foram fundadas meio século depois e a cidade de Bolama só em 1793, uma época em que o Crioulo Guineense era já uma realidade linguística (p. 40).

A Tabela 4, a seguir, extraída de Scantamburlo (2013, p. 41), mostra o número estimado dos habitantes, em diferentes períodos da história, que tiveram uma contribuição no surgimento do guineense.

Tabela 4 — Relação de habitantes das cidades então pertencentes à Guiné-Portuguesa ao longo da história

Ano	Bissau	Geba	Cacheu	Ziguinchor	Farim	Total
1664		200			500	700
1686	600					600
1694 cristãos	700	1.200	700		600	3.200
1793/97 homens livres		1.200	800	300	400	2.700
escravizados			900			900
1841/42 cristãos	2.000	3.000	150	1.000	300	6.450
escravizados	200		120	500	50	870
1844 cristãos			800	300		1.100
escravizados			900	400		1.300
1864 cristãos			1.200			1.200
TOTAL	3.500	5.600	5.570	2.500	1.850	19.020

Vale a pena sublinhar que a região hoje conhecida oficialmente como Guiné-Bissau era denominada no período colonial como a Guiné-Portuguesa. Scantamburlo (2013) descreve que, entre os habitantes dessas comunidades,

os brancos representavam apenas 0,8% da população... Insignificante também era o grupo de mestiços (3,6%), estes mesmos possivelmente oriundos das ilhas de Cabo Verde, como fora norma antiga. Os pretos e os escravos representam 95,6% da população. Admitimos que os pretos seriam os chamados grumetes, ou sejam os indivíduos das mais diversas etnias africanas da área e que, por múltiplas e diferentes razões, se haviam cristianizado, aprendendo alguma profissão ou ofício (calafates, carpinteiros, pedreiros, ferreiros, etc.), e também a falar crioulo como forma de se

entenderem com os outros grupos sociais (SCANTAMBURLO, 2013, p. 43,44).

Assim, é interessante observar que esse baixo número de brancos (portugueses) foi necessário para o surgimento de uma língua crioula, no caso, o guineense. Segundo Scantamburlo (2013, p. 48), essas comunidades eram socialmente estratificadas, constituídas por dois grandes grupos: (i) o grupo dominante dos europeus, que compreendia comerciantes, administradores, soldados, missionários, luso-africanos e lançados, cujo português era língua materna; e (ii) o grupo dominado dos africanos, formado por tangomas e seus filhos, conhecidos como afro-portugueses, os assimilados, os grumentes e outros indivíduos que vinham de aldeias, cujas línguas maternas pertenciam às línguas étnicas faladas na região.

Além das praças, onde havia uma certa administração política e militar que vigiava o cumprimento das ordens vindas da Corte dos Reis de Portugal, foram construídos, segundo Scantamburlo (2013), os interpostos comerciais onde operam os lançados. Além dos interpostos comerciais, também foram construídas, ao redor do fortim militar, as palhotas dos africanos, empregados nos navios portugueses e noutros intermediários de comércio. Esse grupo de trabalhadores era obrigado a se comunicar em guineense, pois, além de essa língua ser comum a todos, era a língua materna da nova geração da comunidade (cf. SCANTAMBURLO, 2013, p. 48).

A diversidade cultural e linguística dos habitantes e a estratégia de construir as praças e os interpostos comerciais, ao longo da costa dos rios, separados das aldeias dos povos africanos por razões de segurança, constituem, portanto, um ambiente perfeito de contacto linguístico para o surgimento de uma língua como o guineense, já que nenhum grupo dos habitantes era suficientemente numeroso para impor ou conservar íntegra a sua própria língua.

1.7. As Denominações da língua crioula de Guiné-Bissau: kriol/kriyol, crioulo de Guiné-Bissau e guineense

O termo crioulo é usado, genericamente, para designar as línguas que nascem do contato entre uma língua de prestígio social e econômico e línguas minorizadas, como é o caso de crioulo de Guiné-Bissau. Uma língua que possui seu léxico e a estrutura interna regida por regras estruturais, como as demais línguas. Além disso, é a língua materna de vários cidadãos guineenses e a segunda língua de numerosos povos guineenses e de suas comunidades linguísticas, satisfazendo suas necessidades diárias de comunicação e de interação.

Segundo Scantamburlo (1999), o uso do vocábulo crioulo aconteceu, pela primeira vez, em 1590, na língua espanhola *Criollo*, encontrado no livro *História natural y moral de las Indias*, escrito pelo missionário José de Acosta. Posteriormente, esse termo enquadrou-se no dicionário francês de

Richelet em 1680, com a forma *criole*. Para autor, esse termo carrega o significado que pode ser explicado e compreendido da seguinte maneira:

no que diz respeito ao significado dos termos crioulo em português, Criollo em espanhol, créole em francês, as palavras são utilizadas seja para nomear as pessoas humanas, como as plantas e os animais: o sentido corrente é de um ser criado em casa, quer dizer nascido nas Colônias, mas não indígenas (SCANTAMBURLO, 1999, p.19).

Pereira (2006) afirma que o termo crioulo deriva do termo "cria" que significa "pequena cria". Com isso, a autora afirma que o termo crioulo é utilizado literalmente para nomear os animais domésticos que nasceram na casa dos seus proprietários. Assim, o termo passou a designar os sujeitos que provinham, assim como seus descendentes, de países invadidos pelos portugueses, as ditas terras "descobertas" pelos europeus. Porém, a autora afirma que o significado desse termo é variável, pois usa-se, às vezes, para se referir tanto à mistura de sangue quanto à naturalidade.

Além disso, a autora enfatiza que esse termo, extensivamente, era usado para denominar os escravizados desde os finais do século XV, nascidos nas terras ditas descobertas e ocupadas pelos europeus, inclusive os portugueses. Esse significado também foi verificado na Ásia, pois os "crioulos" eram os naturais da terra, cujos pais europeus, diferentes dos "reinóis", eram nascidos no reino (PEREIRA, 2006, p.20).

Pristic (2010) atribui a derivação do termo crioulo à origem portuguesa ou espanhola. Para Pristic, esse termo se originou da palavra "criar", cujo significado literal era "o animal não comprado, mas nascido em casa do dono que o cria". Com o tempo, o mesmo termo começou a ser usado para denominar os escravizados nascidos na colônia.

Trajano Filho (2014), com base na perspectiva sociolinguística, classifica o "crioulo" como uma língua natural que emerge em ocorrências de contato linguístico. No nosso entender, tal classificação pressupõe uma compreensão do crioulo como uma língua oriunda do contato entre povos, o colonizado e seu colonizador.

No entanto, Pratas (2002, p. 6) afirma que trabalhos como o de Vinson (1882) consideram o surgimento das línguas crioulas como "resultado da adaptação de uma língua, especialmente alguma língua Indo-Europeia, ao (por assim dizer) génio de uma raça que é linguisticamente inferior".

Bloomfield (1933) e Almada (1961), conforme Pratas (2004), afirmam que línguas crioulas surgiram porque falantes de uma língua inferior fazem poucos progressos na aprendizagem da linguagem dominante, levando os mestres (os brancos) a recorrerem ao 'baby-talk' para se comunicarem com eles. Esse pouco sucesso no aprendizado da língua dominante traduziu num carácter quase repentino da adaptação das línguas europeias na boca dos negros que deram origem aos dialetos, não línguas, com os seus processos lentos de evolução (BLOOMFIELD (1933); ALMADA (1961) apud PRATAS, 2004, p. 23-25).

No caso específico do guineense, verificam-se julgamentos semelhantes, pois muitos guineenses, sobretudo não linguistas, crêem tratar-se de um português mal falado e sem gramática. Nas palavras de Indi (2019),

o guineense como maior patrimônio do seu povo não escamoteou este preconceito linguístico [...] devido ao grande preconceito nutrido pelos colonialistas portugueses que o chamavam como: “dialeto”, “português mal falado”, “língua informal”, “língua sem gramática”, “língua de incivilizados”, etc. Desta maneira, muitos guineenses acreditam que o guineense não deve ser língua oficial tampouco instrumento da educação escolar (INDI, 2019, p. 40).

Tais julgamentos refletem um ponto de vista de quem aproxima o guineense do português, ou seja, adota o português como padrão ou modelo. Esse entendimento não só não desconsidera que as duas línguas são gramaticalmente diferentes, mas também descarta outras línguas que entraram em contacto com o português para a formação do guineense. Essa concepção tem por base questões sociais e históricas, assumindo que alguns povos têm prestígio sobre outros.

Essa ideologia foi assimilada por muitos guineenses. Indi (2019) relata a percepção de alguns guineenses sobre a alta frequência de uso do crioulo na Guiné-Bissau. Os relatos revelam que essa situação linguística é percebida como um atraso do país, conforme mostra o seguinte trecho:

[...] alguns entrevistados não dão importância alguma para a língua nacional da Guiné-Bissau, pois, dos 20 entrevistados, 40% deles afirmam que o guineense continua a ser falado com frequência na Guiné-Bissau, porque o país está ‘muito atrasado’, e que “se os governantes que governaram o país desde a sua independência estivessem interessados no desenvolvimento da Guiné-Bissau, todos os guineenses estariam hoje falando somente o português”, e que “ninguém jamais estaria se comunicando em guineense nos centros urbanos do país, a não ser nas tabancas” (aldeias de zonas rurais) (INDI, 2019, p. 46).

Indi (2019) afirma que a maioria dos estudantes que participaram da pesquisa “referem-se ao crioulo mencionado como dialeto, por isso adotá-lo no sistema de ensino não seria viável para a maioria dos entrevistados” (p. 8). Essa constatação de Indi ilustra o alto nível de preconceito linguístico veiculado com base nas questões sociais e culturais sem fundamento linguístico, com o propósito de desvalorizar a língua de um povo. Todavia, é importante sublinhar que essa constatação de Indi (2019) sobre o guineense, de ser um dialeto ou um português mal falado, não se estende a todos os guineenses, excluindo-se linguistas e/ou estudantes de Letras.

É importante salientar que essa desvalorização do guineense por muitos dos seus falantes, vítimas de um sistema de pensamento segregacionista, é reflexo de um preconceito linguístico que fora nutrido há muito tempo sobre as línguas crioulas.

Sendo assim, cabe ressaltar que autores como Scantamburlo (1999) e Augel (2005) resgataram o termo “guineense”, cunhado por Cônego Marcelino Marques de Barros, em 1897, pois eles acreditam que o uso do termo “guineense” ajuda a respeitar melhor o estatuto do

guineense e a evitar a reprodução de preconceito linguístico, que foi baseado na visão segregacionista da língua que determina as línguas que possam ser julgadas superiores às outras.

Maria (2013), Kihm (1989; 1994) e Danfã (2021), por sua vez, consideram a proposta de designar o crioulo da Guiné-Bissau de “guineense” como complexa, pelo fato de as demais línguas faladas na Guiné-Bissau também serem línguas guineenses. Por essa razão, esses autores propõem o termo *kriol/kriyol* para o crioulo de Guiné-Bissau, por ser, segundo eles, a forma como os guineenses designam essa língua. Os defensores do termo *kriol/kriyol* tendem a acreditar que esse termo, de alguma forma, ressignifica o termo “crioulo”.

Essa necessidade de designar a língua nacional da Guiné-Bissau de *kriol* ou *guineense* por estes linguistas se deve à reprodução do preconceito linguístico sobre o guineense por alguns dos seus falantes, que pode reforçar a ideia de dominação colonial ou de superioridade europeia, contribuindo para a desvalorização das línguas crioulas.

Nesta pesquisa, adotamos o termo guineense para designar a língua nacional da Guiné-Bissau. Nossa posição tem por base autores como Barros (1897), Scantamburlo (1999) e Augel (2005), que argumentam que o uso desse termo contribui para uma melhor representação do estatuto dessa língua (verdadeiramente nacional, veicular e inter-étnica) e para uma diminuição de ideologias preconceituosas que possam reforçar uma ideia de dominação colonial no país e, até, no mundo.

1.8. O português como língua oficial da Guiné-Bissau

O território, atualmente conhecido como Guiné-Bissau, ficou sob domínio português durante o período entre os séculos XVI a XX. Durante esse período, a língua foi um importante instrumento de dominação, pois o seu uso envolve questões de poder.

É importante lembrar que a Guiné-Bissau é um país plurilíngue, com uma grande diversidade cultural e linguística, onde convivem dezenas de grupos étnicos muito heterogêneos, com suas línguas e tradições locais diferenciadas uma das outras. De acordo com Scantamburlo (2013), além do guineense e do português, o território guineense conta com cerca de 25 línguas pertencentes às subfamílias Oeste Atlântica e Mande, ambas integrantes da família Nígero-Congolesa, conforme seção 1.2.

Segundo Crispim (1994), diante desse cenário, linguisticamente diversificado, o Estado precisa adotar uma política linguística para regular o uso das línguas existentes no território, destacando três domínios: o da administração, o dos meios de comunicação social e o da educação. Por política linguística, entende-se a determinação do Estado, por meio de lei, decreto ou outro documento legal, acerca do uso da língua na sociedade conforme Crispim (1994, s/p). Para sua

efetiva implementação, “o Estado conta com a ajuda de linguistas que organizam, estruturam, criam dicionários, gramáticas, manuais e livros escolares” (TIMBANE, 2013, p. 44).

De acordo com Crispim (1994), é perante esse quadro linguístico que a nova classe dirigente do país teve que escolher uma dentre as seguintes opções:

- (i) manter em toda a rede da administração, pública e privada, a língua portuguesa;
- ou
- (ii) promover as línguas étnicas e o guineense para substituírem a língua portuguesa naquela tão importante função.

A primeira opção foi a escolhida. Fez-se o que politicamente se entendeu como o mais conveniente: a adoção do português como língua oficial e de ensino, as demais línguas passaram a ser designadas como línguas nacionais, sem o reconhecimento de uma língua oficial. Desse modo, vale ressaltar que, na Guiné-Bissau, a língua portuguesa é falada por uma minoria. Os dados apontam, de modo geral, para um percentual de menos de doze por cento (12%) de falantes, conforme INEC (1979, 2009).

A escolha por adotar o português como a língua oficial teve a sua filosofia baseada na ideia de que a legitimação do português criaria mais oportunidades para o país e seus cidadãos. Tal filosofia foi sustentada com base no que afirma Amílcar Cabral: “o português é uma das melhores coisas que os tucas nos deixaram” (CABRAL, 1974a, p. 214 *apud* GADOTTI, 2010, p. 5). De acordo com Cruz (2013),

a importância política da língua portuguesa já estava estabelecida e reconhecida, como resulta claro do excerto de Amílcar Cabral. Os independentistas tinham assumido, no âmbito político, muito antes da independência, que o português seria a língua oficial do novo país (CRUZ, 2013, p. 30).

O outro argumento utilizado para sustentar a adoção do português como língua oficial também está relacionado com afirmações de Amílcar Cabral “sobre o Guineense não estar bem estruturado para sua adoção como língua escrita” (CABRAL, 1974a, *apud* Scantamburlo, 2013, 120). Assim como o Guineense, as línguas étnicas, no início da independência, não reuniram condições que permitissem usá-las como línguas de ensino, pois não dispunham da escrita formalizada para tal, como reconhece Cruz (2013):

as línguas étnicas, que formam, no seu conjunto, o quadro do multilinguismo na Guiné-Bissau, são todas línguas de expressão meramente oral. O crioulo, apesar da existência de alguns registros escritos nesta língua – textos poéticos –, não passa, no estado atual, de uma língua oral, uma vez que a sua grafia não está normalizada. Portanto, o guineense acaba por fazer sempre uso da oralidade na sua vida quotidiana (CRUZ, 2013, p. 38).

Dessa forma, a nova classe dirigente saída da independência argumenta pela necessidade de conservação da língua portuguesa para a manutenção dos contatos com outros países e para o avanço do conhecimento científico. Por essas razões, a língua portuguesa foi adotada como a língua

oficial, assumindo, assim, o estatuto de língua da administração, da justiça, da legislação, da educação e da comunicação com o exterior, regendo-se pela norma-padrão do português europeu.

Mas, alguns trabalhos realizados sobre a relação entre a oralidade e a escrita nos têm mostrado o papel que as palavras oral e escrita ocupam na sociedade. A obra de Souza e Ribeiro (2007), por exemplo, lembra que “o exercício oral/escrito da linguagem nem sempre supõe o jogo de maior ou menor prestígio” (SOUZA & RIBEIRO, 2007, p. 132).

No entanto, em uma sociedade como a da Guiné-Bissau, a língua escrita possui mais valor que outras formas de interação, já que ela organiza e armazena os conhecimentos humanos. Dessa forma, as línguas expressas somente pela oralidade são desvalorizadas pelas elites e pelo poder público do país. Como foi constatado por Augel:

a oralidade não é apenas um meio de expressão estética de uma sociedade ágrafa. É muito mais: é, sobretudo, a expressão de uma comunidade, na qual a vida grupal desempenha um papel sumamente importante, onde a vida comunitária ainda é dinâmica e continuamente preservada pelos mais diversos instrumentos, pelo convívio e pela intercomunicação através da palavra (AUGEL, 2000, p. 8).

Afirmar que línguas sem escrita não podem ser utilizadas no ensino é, na nossa visão, apenas pretexto, que visa a encobrir o verdadeiro motivo dessa exclusão, que é a falta de políticas públicas que incentivem e financiem projetos para sua descrição, sistematização e estudo, pois nenhuma língua surgiu a partir da modalidade escrita.

Apesar da língua portuguesa ter sido adotada na Guiné-Bissau como língua oficial e ter se tornado a língua da administração, do ensino e das relações com outros povos, ela é considerada, para a maioria da população, uma língua estrangeira. Isso se deve ao fato de haver uma grande camada da população que não fala, não lê e nem escreve o português. Nessa ordem de ideia, Nassum afirma que,

durante o período colonial, o português funcionava muito teoricamente como língua do ensino. Na prática, a língua do ensino era de fato o *Kriol*. Os alunos nas escolas aprendiam a expressar-se e ou expressavam-se mais em *kriol*. (NASSUM, p. 60 *apud* CÁ, 2015, p. 78).

De acordo com Nassum, durante o período colonial, os alunos comunicavam-se mais em Guineense. É importante observar que, mesmo atualmente, o português ainda se restringe à língua escrita e aos manuais escolares. A interação nas instituições públicas e privadas geralmente acontece em Guineense, conforme destaca Namone (2020):

em todas as instituições públicas e privadas e atualmente é a língua mais falada em todos os órgãos de comunicação social, embora a imprensa escrita seja ainda dominada pela Língua Portuguesa (LP); no parlamento – Assembleia Nacional Popular (ANP) –, as sessões deliberativas são proferidas em Língua Crioula (LC); nos ministérios, nas secretarias do Estado e nas direções gerais, os funcionários comunicam-se em LC; nas instituições de ensino básico, médio e superior, apesar da imposição de uso obrigatório da

LP, esta é reservada apenas às salas de aulas, enquanto que no recinto escolar tanto os estudantes como os professores recorrem a LC. Nos mercados, nos meios de transportes, a LC é a mais falada. Ou seja, a LC é falada em grande parte de território nacional, pois serve como meio que facilita a comunicação entre diferentes grupos étnicos do país (NAMONE, 2020, p. 223)

Esse contexto frágil em que se encontra a língua portuguesa na Guiné-Bissau, se deve, segundo Namone (2020), a três fatores, a saber:

a) apesar de ela ser oficialmente considerada como língua de ensino, na prática, é raro encontrar família guineense que fale o português cotidianamente, fora do ambiente escolar; b) a LC encontra-se em expansão acelerada e assume cada vez mais a função de língua de unidade nacional; c) as línguas étnicas são fortemente divulgadas nas zonas de maior concentração das etnias que as falam (NAMONE, 2020, p. 227).

Isso nos revela que a língua portuguesa na Guiné-Bissau ainda não encontra tradução na vida quotidiana da população, muito embora o seu estatuto oficial seja importante nas relações políticas, econômicas e culturais com o exterior e internamente em alguns espaços institucionais como a escola. Não é em português que a grande maioria da população aprende a falar, mas sim no Guineense e nas línguas étnicas.

Considerando tudo que vimos até aqui, é plausível afirmar que a legitimação da língua portuguesa como oficial e única de ensino não foi escolhida para atender a necessidade comunicativa e educativa da grande maioria dos alunos guineenses, mas sim para privilegiar um pequeno grupo de pessoas no país. Trata-se de uma escolha que visa criar uma fragmentação social através da língua e o estabelecimento de contatos com outros países.

A adoção da língua portuguesa como língua de acesso ao conhecimento revela que a língua escrita goza de maior prestígio que a língua oral na sociedade guineense. Como consequência, há uma desvalorização das línguas nacionais; nesse caso, das línguas étnicas e do guineense. É importante mencionar, entretanto, que atualmente há uma norma própria do português na Guiné-Bissau (ver SANTOS, 2015; BRAGA, 2018).

1.9 Síntese do capítulo:

Vimos, em síntese, os estudos sobre os principais eventos históricos que demarcaram a formação da Guiné-Bissau como um Estado-Nação, as línguas étnicas mais faladas no país e a influência dessas línguas, assim como da língua portuguesa, na formação do guineense. Além disso, vimos duas propostas teóricas antagônicas sobre o processo de formação e transformação de línguas crioulas: uma delas é o ciclo vital baseada numa visão evolucionista da língua, e a outra é a comunitarização baseada numa visão ecológica da língua.

Na sequência, vimos estudos que apontam que o guineense surgiu através de contato intercultural e linguístico entre lançados, grumetes, tangomas e habitantes de praças e os interpostos comerciais de então Guiné-Portuguesa. Também vimos estudos que mostram que o guineense, assim como outras línguas crioulas e línguas minorizadas, foi e ainda é alvo de preconceito, devido ao grande preconceito linguístico nutrido pelo sistema colonial português, baseado numa visão segregacionista da língua, que supõe que existem línguas de alguns povos que podem ser julgadas superiores a de outros. Assim, como forma de desconstruir tal pensamento segregacionista, sem fundamento linguístico, surgiram estudos linguísticos que propõem o uso de termos como kriol/kriyol e guineense para designar a língua nacional da Guiné-Bissau, pois se acredita que o uso desses termos ajuda a respeitar melhor o estatuto dessa língua.

Por fim, vimos estudos que apontam que, num universo de mais de 25 línguas existentes no território guineense, o país apenas adotou a língua portuguesa, falada por uma minoria da população, como oficial e única de ensino. Tal fato indica que essa escolha não foi feita para atender a necessidade comunicativa da maior parte da população guineense, e sim para criar fragmentação social através da língua e preservar os prestígios da elite guineense. Além disso, esse fato também aponta para uma falta de planejamento linguístico adequado para a criação de políticas linguísticas endógenas que visam à promoção e à valorização das línguas étnicas e do guineense.

2. REVISÃO TEÓRICA SOBRE MODALIDADE

2.1 Tipos de modalidade e força modal

A modalidade está relacionada à capacidade da linguagem humana de falar sobre situações que ocorrem em mundos para além do mundo real, fazer suposições, construir hipóteses, condicionar acontecimentos a situações que ainda não se concretizaram ou dar conselhos, ordens ou permissões para a realização de eventos. Logo, empregamos itens indicadores de modalidade de forma recorrente em nossa comunicação oral e escrita, justificando-se, assim, o estudo de suas marcas nas mais diferentes línguas, assim como sua dependência de informações contextuais.

O estudo da modalidade se refere a como os falantes expressam estados de coisas possíveis e/ou necessárias (cf. Kratzer 1991). Tais estudos têm mostrado que expressões modais estão ligadas a dois fatores: (i) tipo de modalidade (epistêmica, teleológica, deôntica, circunstancial, entre outras); e (ii) força modal (possibilidade *vs* necessidade). Essa noção pode ser expressa através das línguas por itens pertencentes a diferentes categorias gramaticais, tais como afixos, advérbios, adjetivos, verbos auxiliares e verbos lexicais. A seguir, apresentamos algumas sentenças do português brasileiro com itens marcadores de modalidade de diferentes categorias:

Epistêmica:

- (14) a. Conforme o boletim médico, João pode/deve morrer nesta noite.
 b. Conforme o boletim médico, talvez João morra nesta noite/provavelmente, João morrerá nesta noite.
 c. Conforme o boletim médico, é possível/provável que João morra nesta noite.
 d. Conforme o boletim médico, eu acho/penso que João morrerá nesta noite.

Deôntica:

- (15) a. De acordo com o Tribunal Superior Eleitoral, Carlos poderá/deverá/terá que votar nas próximas eleições.
 b. De acordo com o Tribunal Superior Eleitoral, obrigatoriamente/necessariamente, Carlos irá votar nas próximas eleições.
 c. De acordo com o Tribunal Superior Eleitoral, é permissível/obrigatório que Carlos vote nas próximas eleições.kratzer
 d. A lei permite/obriga que Carlos vote nas próximas eleições.

Habilitativa:

- (16) a. O paciente já pode respirar sem o auxílio de aparelhos.
 b. O paciente já consegue respirar sem o auxílio de aparelhos.

Teleológica:

- (17) a. *Para Pedro* chegar no centro, ele pode/deve/tem que pegar um ônibus.

b. *Para Maria* passar na prova, ela precisa/necessita estudar muito.

As sentenças do exemplo (14) ilustram o emprego da modalidade epistêmica. Esse tipo de modalidade é baseado nas crenças ou no conhecimento de alguém (Kratzer 1991). Em (14a), tal modalidade é expressa pelo emprego de verbos auxiliares modais (poder/dever); em (14b), pelo emprego de advérbios; em (14c), pelo emprego de adjetivos; por fim, em (14d), pelo emprego de verbos lexicais. As sentenças em (15) ilustram a modalidade deôntica, que se refere à obrigação ou permissão procedente de uma fonte externa, dada uma regra, lei ou princípio jurídico (Kratzer 1991; Hacquard 2006). Em (15a), esse tipo de modalidade é expresso por verbos auxiliares (*poder, dever e ter que*); em (15b), pelo uso de advérbios; em (15c), pelo uso de adjetivos; por fim, em (15d), pelo uso de verbos lexicais. Nos exemplos (16) e (17), estão ilustradas, respectivamente, a modalidade habilitativa — que descreve habilidades inerentes ou adquiridas (Hacquard 2006) — e a teleológica — que descreve o meio possível ou necessário para se atingir uma meta (von Stechow & Iatridou 2005). Nos exemplos em (a), tais modalidades estão expressas por verbos auxiliares; já nas sentenças em (b), por verbos lexicais.

Além do tipo de modalidade, uma expressão modal varia também em força, indicando a possibilidade ou a necessidade de um determinado evento ocorrer. No exemplo (18), a seguir, ilustramos um mesmo tipo de modalidade (a deôntica), variando em força.

- (18) a. De acordo com a lei, um jovem brasileiro de 16 anos pode votar.
b. De acordo com a lei, um jovem brasileiro de 18 anos tem que votar.

Ambas as sentenças do exemplo (18) adquirem interpretação deôntica, uma vez que devem ser avaliadas *de acordo com a lei*, conforme explicitado pelo sintagma com função de adjunto em (18a-b). A diferença entre essas sentenças está na força modal associada aos auxiliares *poder*, que expressa força de possibilidade; e *ter que*, de necessidade. Em línguas como o português brasileiro, o espanhol, o francês, o inglês, dentre outras tantas, a força modal é dada na escolha do item lexical, mas há línguas em que um mesmo item lexical é empregado para expressar possibilidade e necessidade. Este é o caso do Paresi, uma língua indígena pertencente à família Aruák, falada no Mato Grosso por uma população de aproximadamente 3000 pessoas. Os exemplos a seguir, transcritos de Rech e Brandão (2018, p. 2823), ilustram contextos de modalidade deôntica, de necessidade e de possibilidade, respectivamente:

(19) Contexto: Diana gosta de comer chocolate o tempo todo quando está de férias. Então, Marina, a mãe de Diana, antes de ir trabalhar, dá a seguinte instrução à babá:

maika makani weta taita chocolate Diana ana h=itsa

DEO amanhã cedo apenas chocolate Diana BEN 2SG=dar
 ‘Você deve dar para Diana chocolate apenas de manhã cedo’/ Dê para Diana chocolate apenas de manhã cedo’. (EP)

(20) Contexto: A pesquisadora Paula e o participante da pesquisa estão conversando próximos a uma rede. Então, o participante fala para a pesquisadora:

Paula, maika h=ehokoty-oa7

Paula DEO 2SG=deitar-VM

‘Paula, pode deitar’

Segundo as autoras, no exemplo (19) a partícula *maika* está sendo empregada com conotação de ordem/obrigação, com sujeito expresso por proclítico de segunda pessoa (h=). No exemplo (20), *maika* assume uma conotação de permissão. Logo, no Paresi, não há distinção lexical para expressar força modal: a mesma partícula *maika* é empregada em contextos de necessidade deôntica (19) e também em contextos de possibilidade deôntica (20).

Estudos recentes têm indicado a necessidade do desenvolvimento de pesquisas sobre a expressão da modalidade em línguas pouco descritas, como o guineense, assim como a investigação da modalidade a partir de uma perspectiva sintática, buscando descrever e compreender como se dá a interação de itens funcionais modais com categorias como tempo e aspecto (Stowell 2004; Hacquard 2006, 2010; Rullmann and Matthewson 2018; dentre tantos outros; para o português, consultar Agostinho & Rech 2023).

Há poucos trabalhos sobre as categorias tempo, aspecto e modo/modalidade (TAM) em línguas crioulas, conforme observa Winford (2018, p. 203). Nosso estudo objetiva, portanto, contribuir com esses estudos, investigando a expressão de modalidade epistêmica e deôntica em relação às categorias de tempo e aspecto em guineense. Essas marcas linguísticas estão estritamente relacionadas. Rech e Varaschin (2018) ilustram essas relações com exemplos de sentenças do português brasileiro com itens epistêmicos e deônticos. Os exemplos a seguir são nossos, mas inspirados nos apresentados por esses autores:

(21) O irmão do Carlos pode/#pôde³ morrer de insuficiência respiratória. Ele tem bronquite asmática. (modalidade epistêmica - possibilidade)

(22) Carlos pode/pôde visitar o irmão no hospital. Qualquer membro da família tem autorização para fazer visitas a qualquer hora. (modalidade deôntica - permissão)

No exemplo (21), a forma verbal *pode* está indicando modalidade epistêmica, marcando o evento "O irmão do Carlos morrer de insuficiência respiratória" como possível, com base no

³ O sinal suspenso (#) está sendo empregado para indicar a inadequação da palavra que segue ao contexto descrito em(1).

conhecimento do enunciador de que *bronquite asmática* causa insuficiência respiratória. Note que a flexão do verbo modal no tempo passado e aspecto perfectivo (*pôde*) não é compatível com a interpretação epistêmica. O exemplo (22) ilustra o verbo *poder* denotando modalidade deôntica, indicando permissão para a realização do evento "Carlos visitar o irmão no hospital". Esse tipo de modalidade, diferentemente da epistêmica, admite flexão tanto no tempo presente quanto no passado, ou seja, é possível e bastante comum descrever uma permissão ou obrigação dada no tempo passado, como em (22). Parece bem incomum, entretanto, expressar uma avaliação do falante sobre a realização de um evento com base no conhecimento que ele tinha em um tempo passado, algo como "com base no que o enunciador sabia, o filho da Joana nascer de parto normal era um possibilidade", conforme indica o uso do suspenso (#) antes do modal, em (21). Os exemplos (21) e (22) mostram que as modalidades epistêmica e deôntica se relacionam diferentemente com a categoria tempo.

Para a verificação de como os guineenses marcam modalidade epistêmica e deôntica, nós aplicamos um questionário de eliciação desses itens modais em contexto de possibilidade e de necessidade, assim como uma tarefa experimental constituída de duas partes: a primeira com a apresentação de uma breve história, com a estrutura de uma tirinha, com quatro ou cinco quadrinhos; e a segunda com atividades, que visam a depreender como são empregados os verbos auxiliares modais no guineense.

Nosso foco são dois tipos de modalidade: a epistêmica e a deôntica. Esse recorte foi motivado por a literatura linguística apontar importantes distinções entre esses tipos de modalidade em relação à interação com tempo e aspecto. Cinque (1999, 2006) foi o primeiro a afirmar que itens funcionais indicadores de diferentes tipos de modalidade são interpretados em diferentes posições na estrutura da sentença; como consequência, se relacionam diferentemente com categorias indicadoras de tempo e de aspecto. Esse autor localiza um núcleo modal epistêmico em uma posição alta na estrutura, acima de tempo e de todas as categorias indicadoras de aspecto; já um núcleo deôntico estaria localizado em posição baixa, abaixo de tempo e das categorias de aspecto. As posições ocupadas por cada um desses núcleos reflete nas diferenças ilustradas nos exemplos (21) e (22), acima. Em (23), a seguir, apresentamos uma das versões da hierarquia de núcleos funcionais proposta por Cinque (1999: 106).

(23) Hierarquia de núcleos funcionais:

Moodspeech act > Moodevaluative > Moodevidential > **Modepistemic** > T(Past) > T(Future) > Mood(irrealis) > Modnecessity > Modpossibility > Asphabitual > Asprepetitive(I) > Aspfrequentative(I) > Modvolitional > ... > Aspperfect > Aspretrospective > Aspproximative > AspPdurative > AspPprogressive > AspPprospective > ... > **ModPobligation** > ModPability > AspPfrustrative/success > **ModPpermission** > AspPconative > AspPcompletive (I) > VoiceP...
(grifo nosso)

Note que o núcleo ModEpistemic está localizado acima de T(Past) e T(Future), enquanto os núcleos ModPobligation e ModPpermission, associados ambos à modalidade deôntica, seguem as categorias de tempo e aspecto. A proposta de Cinque é que essa hierarquia de núcleos funcionais seja comum a qualquer língua, integrando um princípio da Gramática Universal (GU). Tal hierarquia vem sendo testada e constatada desde então nos mais diferentes idiomas, o que refletiu em uma mudança significativa nos estudos da modalidade, sinalizando que há fatores sintáticos, paralelamente aos semânticos, determinando a interpretação modal. A verificação da hierarquia de Cinque em uma língua crioula representa um fator de grande importância para a hipótese que este autor objetiva investigar, qual seja: a de que a hierarquia corresponde a um princípio universal.

Considerando o processo de formação de uma língua crioula, em especial do guineense, detalhado no capítulo 1, pode-se afirmar que línguas crioulas, embora sejam línguas naturais, se distinguem das demais por formarem um grupo de línguas tipologicamente distinto, que é proveniente da língua do povo dominante (língua de superstrato), e também em relação a particularidades gramaticais, que podem ser herdadas das línguas do povo dominado (línguas de substrato), sofrer influências de uma outra língua com a qual os falantes possam ter contato ou, ainda, apresentar traços que não estão presentes em nenhuma dessas línguas. Se verificarmos no guineense a sequência de núcleos funcionais apresentada pelo autor e transcrita em (23), acima, em relação ao ordenamento dos núcleos modais (epistêmicos e deônticos) e as categorias temporais e aspectuais, passamos a ter mais uma evidência de que tal ordenamento integra a GU, isso porque a complexidade das regras gramaticais nessas línguas resulta da operação da criança sobre o sistema linguístico.

No que diz respeito à interação entre os verbos modais e tempo, Mendes (2019) observa que essa relação poderia pelo menos dar origem a dois deslocamentos temporais. Segundo Mendes (2019, p. 2) “o primeiro diz respeito ao tempo de avaliação modal de uma sentença - o que era possível ou necessário no passado pode não ser mais possível ou necessário no presente ou no futuro. O segundo deslocamento está relacionado ao tempo da proposição sob o escopo do modal”. Assim, a autora designa tais parâmetros de perspectiva temporal e orientação temporal, conforme Condoravdi (2002) havia proposto.

Dessa forma, Mendes (2019) define a perspectiva temporal como uma relação temporal estabelecida entre o momento de fala e o momento de avaliação modal, enquanto a orientação temporal como uma relação entre o tempo de avaliação da proposição sob o escopo de um modal e a perspectiva temporal desse modal. Observe os exemplos abaixo transcritos da autora, espera-se que eles possam tornar essas noções mais fácil de compreender:

- (24) a. Em 1920, as mulheres não podiam votar.
 b. De acordo com as leis *no passado*, não era possível que as mulheres votassem *no passado*.
 c. O João deve tirar dez na prova.
 d. De acordo com as evidências disponíveis *agora*, o João deve tirar dez na prova *no futuro*.

As sentenças em (24a-b) mostram que não havia possibilidade de mulheres votarem no passado. Observe que a perspectiva temporal do modal é simultânea ao tempo de referência da proposição, que é de *mulheres votarem*. Nesse caso, diz-se que sentenças como essas têm perspectiva temporal passada e orientação temporal presente. Já as sentenças em (24c-d) mostram as evidências disponíveis a um falante no momento da fala. Nesse caso, trata-se, portanto, de um modal com perspectiva presente. Note que o modal toma como complemento a proposição que tem um tempo de referência futuro em relação à perspectiva temporal do modal. Nesse caso, diz-se que o modal tem orientação temporal futura.

2.2 Partículas de modo, tempo e aspecto em guineense

A maior parte do léxico do guineense é proveniente do português. Porém, no que tange às categorias de modo, tempo e aspecto, o sistema verbal do guineense distancia-se do sistema verbal do português, assemelhando-se ao sistema verbal das línguas étnicas da Guiné-Bissau. O referido fato tem sido comprovado em alguns trabalhos sobre o guineense, como por exemplo o de Intumbo (2007), segundo o qual,

o sistema verbal do Crioulo Guineense apresenta uma estrutura semelhante à das línguas de substrato, [...] especialmente no que diz respeito à ausência de marcas flexionais de pessoa, de número, de tempo, de modo e de aspecto (INTUMBO, 2007, p.55).

Monteiro (2002, p.101), ao referir o sistema verbal do português, afirma que “é através das desinências que os verbos se distanciam formalmente da classe dos nomes. Enquanto nestes existem as categorias de gênero e de número, nos verbos as desinências marcam o modo, o tempo, a pessoa e o número”. O autor afirma, ainda, que os verbos em português podem ser fragmentados em quatro categorias: modo, tempo, número e pessoa. Resumidamente, podem ser concebidas como duas categorias compostas: modo-tempo-aspecto e número-pessoa, por a noção de tempo ser indissociável à de modo; e a noção de número ser indissociável à de pessoa. Assim, existiriam, de fato, duas desinências: a modo-temporal e a número-pessoal.

Além disso, os verbos em português, segundo Monteiro (2002), são marcados pelas suas conjugações determinadas pelas vogais temáticas *a*, *e*, *i*. Os verbos da primeira conjugação são aqueles que possuem vogal temática *a* (*cantar*, *dançar* etc.); os da segunda conjugação, vogal temática *e* (*escrever*, *beber* etc.); e os da terceira conjugação, vogal temática *i* (*partir*, *pedir* etc.). Além dessa divisão temática, os verbos do português também são agrupados em regulares e irregulares: os primeiros são aqueles que preservam o mesmo radical em todos os tempos da conjugação; já os segundos correspondem a verbos que sofrem alteração no radical nas formas conjugadas.

Diferentemente do português, os verbos em guineense não variam a sua forma nos diferentes tempos, não havendo, nessa língua, desinências verbais. As marcações de tempo, modo e aspecto são feitas através da inserção de partículas pré e/ou pós-verbais. Cabe observar, entretanto, que informações de pessoa e número não são associadas às partículas, e sim marcadas na forma dos pronomes pessoais com função de sujeito.

Em relação às categorias de tempo e aspecto, Scantamburlo (2013, p.77) afirma que o sistema verbal do guineense “privilegia mais a categoria do *aspecto*, que representa a duração, o desenvolvimento, o início ou o acabamento duma ação do que a categoria do *tempo*”. Para ilustrar o uso das partículas TMA no guineense, apresentamos na Tabela 5, a seguir, a conjugação do verbo *kume* (comer) com algumas dessas partículas⁴ no modo indicativo.

Tabela 5 — Paradigma verbal do verbo *kume* (comer) no modo indicativo

MODO INDICATIVO	
Presente/Futuro Aspecto progressivo	Passado anterior [ANT] Aspecto imperfectivo
Ami n na kume (Eu estou comendo/estarei comendo)	Ami n kume ba (Eu comia)
Abo bu na kume (Tu estás comendo/estarás comendo)	Abo bu kume ba (Tu comias)
El i na kume (Ele/a está comendo/estará comendo)	El i kume ba (Ele/a comia)

⁴ Neste trabalho, estamos usando o termo *partícula* para nos referirmos aos itens indicadores de tempo e aspecto no guineense, seguindo autores como Intumbo (2007) e Cá (2021).

Anos no na kume (Nós estamos comendo/estaremos comendo)	Anos no kume ba (Nós comíamos)
Abos bo na kume (Vós estais comendo/estareis comendo)	Abos bo kume ba (Vós comíeis)
Elis e na kume (Eles/as estão comendo/estarão comendo)	Elis e kume ba (Eles/as comiam)
Passado anterior [ANT] Aspecto Perfectivo	Passado mais anterior [+ANT] Aspecto Perfectivo
Ami n kume (Eu comi)	Ami n kume ba dja (Eu tinha comido)
Abo bu kume (Tu comeste)	Abo bu kume ba dja (Tu tinhas comido)
El i kume (Ele/a comeu)	El i kume ba dja (Ele/a tinha comido)
Anos no kume (Nós comemos)	Anos no kume ba dja (Nós tínhamos comido)
Abos bo kume (Vós comestes)	Abos bo kume ba dja (Vós tínheis comido)
Elis e kume (Eles/as comeram)	Elis e kume ba dja (Eles/as tinham comido)
Marcador Habitual - Aspecto Habitual	
Ami n ta kume fison tudu dia na RU (Eu como feijão todos os dias no RU)	
Abo bu ta kume fison tudu dia na RU (Tu comes feijão todos os dias no RU)	
El i ta kume fison tudu dia na RU	

(Ele/a come feijão todos os dias no RU)
Anos no ta kume fison tudu dia na RU (Nós comemos feijão todos os dias no RU)
Abos bo ta kume fison tudu dia na RU (Vós comeis feijão todos os dias no RU)
Elis e ta kume fison tudu dia na RU (Eles/as comem feijão todos os dias no RU)

A partir da observação das formas na Tabela 5, é possível constatar que o verbo *kume* (comer) não sofre variações nos diferentes tempos verbais, que são marcados pelo emprego de diferentes partículas (em negrito na Tabela 5), que acumulam as funções de modo e tempo verbais, sendo possível inferir também o aspecto verbal através de informações disponíveis no contexto comunicativo no qual a partícula foi empregada. Além disso, é possível observar que o tipo da língua parece ser diferente: o português tem flexão tempo-aspectual; e o guineense, não.

Depois de uma breve ilustração esquemática do emprego das partículas TMA em guineense, parte-se agora para uma apresentação das noções associadas ao emprego de cada uma dessas partículas verbais: *ta*, *na*, *ba* e *dja*.

De acordo com Intumbo (2007), as partículas *ta* e *na* precedem o verbo; e as partículas *ba* e *dja* o seguem. No que diz respeito às marcações de tempo e de aspecto, pode-se fazer as seguintes associações:

Sobre a partícula *na*:

Intumbo (2007) caracteriza essa partícula como marcador de aspecto progressivo, que pode desempenhar duas funções: uma delas é a de situar uma ação no presente, indicando assim o aspecto iniciado e não acabado; e a outra é a de situar uma ação no futuro, marcando o aspecto não iniciado e não acabado. Os exemplos (25a-b), transcritos de Cá (2021, p. 80), ilustram bem as duas funções dessa partícula:

- (25) a. E **na** djugá
 3p PROG jogar
 ‘Eles jogam (ou eles estão jogando).’
- b. I **na** fási.

3s PROG fazer
 ‘Ele fará (ou ele vai fazer).’

Sobre a partícula *ta*:

Segundo Cá (2021), a partícula *ta* “parece desprovida da indicação do tempo do enunciado. Apresenta a situação como contínua e ilimitada, portanto, aspecto indeterminado, ou seja, ela marca as frases atemporais no guineense” (p.80). De acordo com Intumbo (2007: 69), esta é uma partícula que pode ser caracterizada como marcador habitual, que marca as frases com o aspecto habitual, indicando que o evento ao qual está associada ocorre com frequência. Veja os exemplos transcritos de Cá (2021: p.81):

- (26) a. Ami n **ta** badja
 Eu eu HAB dançar
 Eu danço.
- b. Elis e **ta** djumbai diritu
 Eles eles HAB divertir direito
 ‘Eles se divertem bem.’

Sobre a partícula *ba*:

Segundo Intumbo (2007), a partícula *ba* é caracterizada como marcador de tempo anterior, que situa a oração no pretérito imperfeito no guineense. A sua noção aspectual é caracterizar a situação como incompleta, isto é, que não é apresentada no seu todo, indicando, portanto, o aspecto imperfectivo. O exemplo abaixo, transcrito de Cá (2021: p.81), ilustra o emprego dessa partícula:

- (27) a. N djuga **ba** tchiu odjan mininu.
 Eu jogar ANT muito quando criança
 ‘Eu jogava muito quando criança.’

No que diz respeito a combinação das partículas em uma mesma oração, a partícula *ba*, que marca pretérito imperfeito, pode ocorrer junto com a partícula *ta*, indicadora de aspecto habitual, ou com a partícula *na*, indicadora de aspecto progressivo, para marcar um evento de duração frequente ou contínua em determinado momento no passado e que, por algum motivo, parou de acontecer agora, portanto, corresponderia ao aspecto imperfectivo. Os exemplos a seguir ilustram, respectivamente, essas combinações de partículas:

- (28) a. N **ta** kanta **ba** tchiu.
 Eu HAB cantar ANT muito
 ‘Eu cantava muito.’

- b. N **na** skirbi **ba** karta kontra bu tciga.
 Eu PROG escrever ANT carta quando tu chegar
 ‘Estava a escrever uma carta quando chegaste.’

Sobre a partícula *dja*:

De acordo com Cá (2021: 80), a partícula *dja* em posição pós-verbal “situa o verbo no pretérito perfeito e, quanto ao aspecto, apresenta a situação como perfectivo, caracterizado por apresentar a situação como completa. Isto é, em sua totalidade”. O autor observa, ainda, que o falante pode abdicar de seu uso em enunciados em que as noções de tempo e aspecto podem ser depreendidas pelo contexto, como ilustrado nos exemplos a seguir, transcritos de Cá (2021: 80):

- (29) a. N fasi **dja**.
 Eu fazer ANT
 ‘Eu fiz (eu já fiz).’
- b. N fasi.
 Eu fazer
 ‘Eu fiz.’

Sobre a partícula *badja*:

Essa partícula resulta da combinação das partículas *ba* e *dja*, sendo a última considerada como marcador de mais anterior [+ANT], e a primeira como marcador de anterior [ANT], conforme Intumbo (2007). Tal partícula situa o evento no tempo pretérito mais-que-perfeito. Do ponto de vista aspectual, ela apresenta a situação como perfectiva. O exemplo a seguir, transcrito de Ca (2021: 81), ilustra o seu emprego:

- (30) a. N fusi **ba dja** antis di i tchiga
 Eu fugir +ANT antes de ele chegar
 ‘Eu já tinha fugido antes de ele chegar.’

Sobre o morfema zero:

Por fim, observamos que o tempo passado no aspecto perfectivo é marcado no guineense por morfema zero, como se verifica no exemplo a seguir:

- (31) a. I fasi tarbadju di kasa.
 Ele fazer trabalho de casa
 ‘Ele fez a tarefa de casa.’

Note que, no enunciado (31), o verbo está sem partícula de tempo e/ou aspecto, porém apresenta a situação como completa. A ausência de marcação aspecto-temporal, como nesse caso, leva a interpretação de tempo passado e aspecto perfectivo, conforme tradução.

As informações apresentadas ao longo desta subseção mostram que as partículas em guineense marcam as categorias de modo e de tempo e que são por elas e pelo contexto comunicativo que se pode inferir a categoria de aspecto verbal.

A categoria modalidade, por sua vez, é marcada pelo emprego de verbos auxiliares modais: *pudi* (poder), *dibi di* (dever) e *ten ku* (ter que), assim como também por outras classes de palavras, como advérbios, adjetivos e verbos lexicais. A seguir, apresentamos exemplos da nossa autoria com itens modais pertencentes a cada uma dessas categorias:

- (32) a. Bu pudi kume kaldu di mankara.
 você poder comer caldo de amendoim
 ‘Você pode comer caldo de amendoim.’
- b. Bu dibidi kume kaldu di tcheben
 você dever comer caldo de chabéu
 ‘Você deve comer caldo de chabéu’
- c. Bu ten ku kume kaldu di sity.
 você ter que comer caldo de óleo de palma
 ‘Você tem que comer caldo de óleo de palma.’
- (33) Sertamenti, es onsa na nguli n interu.
 Certamente DEM onça FUT engolir 1PSG inteiro
 ‘Certamente, essa onça me devorará inteiro.’
- (34) I pusível ku es onsa na nguli n interu.
 É possível que DEM onça FUT engolir 1PSG inteiro
 ‘É possível que essa onça me devore inteiro.’
- (35) Es onsa na konsigui nguli n interu.
 DEM onça FUT conseguir engolir 1PSG inteiro
 ‘Essa onça conseguirá me devorar inteiro.’

As sentenças do exemplo (32) ilustram a marcação de modalidade com verbos auxiliares de diferentes graus de força: de possibilidade, em (32a), e de necessidade: fraca, em (32b) e forte, em (32c). A sentença em (33) mostra um exemplo de modalidade marcada com um advérbio de necessidade (Sertamenti — ‘certamente’). Em (34), ilustramos uma sentença modal com um item adjetivo (pusível — ‘possível’). Por fim, em (35), essa marcação é feita por um verbo lexical (konsigui — ‘possível’).

O propósito desta pesquisa é investigar apenas o comportamento dos verbos auxiliares modais em guineense, tanto em relação à noção e força modal que expressam quanto em relação à coocorrência com outras categorias de TAM, investigando contextos em que figuram com as partículas descritas nesta subseção.

3. METODOLOGIA

Nesta seção, nós detalhamos a metodologia utilizada no estudo de itens modais epistêmicos e deônticos no guineense.

Inicialmente, aplicamos aos participantes da pesquisa dois questionários: (i) *Questionário de dados pessoais* (Anexo 1); e (ii) *Questionário de dados linguísticos* (Anexo 2). A partir das respostas a esses questionários, é possível verificar se os candidatos a colaborarem com a pesquisa preenchem os principais requisitos estabelecidos para sua participação, quais sejam: ser falante do guineense; usar o guineense como língua principal nas relações interpessoais e ler e escrever em guineense. A aplicação do segundo questionário, especificamente, é importante para auxiliar na avaliação/análise de possíveis interferências de uma outra língua no emprego das expressões modais em estudo.

Os dados a serem analisados nesta pesquisa serão coletados por três métodos distintos: (i) aplicação de um questionário de eliciação de modais epistêmicos e deônticos, baseado no *Modal Questionnaire for Cross-linguistic Use*, proposto por Vander Klok (2014); (ii) aplicação da técnica *storyboards* com contextos epistêmicos e deônticos; e, por fim, (iii) análise de narrativas orais de histórias tradicionais guineenses. Esses dois últimos métodos foram baseados em Agostinho e Rech (2023). Na sequência, detalhamos a abordagem de cada um desses métodos.

3.1 Questionário de eliciação de modais epistêmicos e deônticos

O primeiro passo foi aplicar um piloto do questionário de eliciação de itens modais a dois participantes. O piloto contém 10 (dez) contextos, todos de modalidade deôntica: os 4 (quatro) primeiros descrevem contextos de possibilidade deôntica; e os 6 (seis) últimos, de necessidade deôntica⁵ (ver Anexo 3). As respostas à tarefa de tradução dos dois participantes foram organizadas em tabelas com três linhas: a primeira linha, com a separação em palavras do guineense, apenas ao que se refere aos morfemas de natureza verbal; a segunda linha, com a separação em morfemas; e, por fim, a terceira linha com a glosa. Em (35a-b), a seguir, apresentamos a organização dos dados de tradução dos dois participantes para uma sentença-alvo, a do Contexto 3 do questionário de possibilidade deôntica:

⁵ A aplicação de um questionário de eliciação de itens deônticos constitui de uma tarefa teste para a elaboração do Questionário a ser, de fato, analisado em nossa pesquisa, que corresponde ao *Questionário de eliciação de modais epistêmicos e deônticos*. Optamos por elaborar este piloto e aplicar a 2 participantes para avaliar se uma tarefa construída nesse formato seria bem compreendida pelos informantes.

Contexto 3:

“Na tradição pepel, tem-se a ideia de que tudo é de todos. Nesse sentido, não se consideram donos de uma terra, e sim com o direito de uso para cultivar a sua cultura. Esse direito está garantido pelas normas tradicionais: **Toda pessoa pode utilizar a terra para cultivo**”.

1. Como se expressa a ideia da sentença que está em destaque em guineense?
2. Tem outra forma de expressar o mesmo conteúdo expresso na Lei?

(36a) Tudu alguin pudi labra tera.

Palavra	Tudu	alguin	pudi	labra	tera
Morfema	Tudu	alguin	pudi	labra	tera
Glosa	Toda	pessoa	deo (perm)	cultivar	terra

(36b) Tudu pussua pudi usa tera pa kultivu.

Palavra	Tudu	pussua	pudi	usa	tera	pa	kultivu
Morfema	Tudu	pussua	pudi	usa	tera	pa	kultivu
Glosa	Toda	pessoa	deo (perm)	usar	terra	prep (para)	cultivo

Ao observar os dados acima, é possível constatar a diferença na tradução dos participantes, revelando que estes falam diferentes variedades do guineense: *kriol fundu* (crioulo fundo) e *kriol lebi* (crioulo leve). Por exemplo, em (36a) a palavra “pessoa” foi traduzida para o guineense por “alguin”, termo usado, sobretudo, por jovens. Além disso, é possível perceber que, em (36a), o participante levou em consideração, no momento da tradução, o sentido associado à sentença-alvo. Em (36b), a mesma palavra foi traduzida para o guineense por “pussua”, um termo, atualmente, pouco utilizado; quando ocorre, é normalmente na fala de idosos. Além disso, é possível constatar que o participante que produziu a sentença (36b) se ateu a cada palavra da sentença-alvo, traduzindo-a do português para guineense de uma forma mais literal.

A partir da análise dos dados resultantes da aplicação da versão piloto do *Questionário* (ver Anexo 3), foi possível constatar que as formas *pudi* (poder), *dibidi* (dever) e *ten ku* (tem que) são empregadas em contextos de modalidade deôntica de possibilidade e de necessidade. Esses dados nos auxiliaram na criação da nova versão do Questionário de elicitación de itens epistêmicos e deônticos (Anexo 4). Este apresenta 11 (onze) contextos para elicitación de modais: 5 (cinco)

contextos epistêmicos e 6 (seis) deônticos. Além destes, foram inseridos 2 (dois) contextos controle e uma última questão indagando sobre qual(is) língua(s) é(são) falada(s) pelo participante da pesquisa. Logo, o *Questionário* contém 14 (catorze) perguntas. A nova versão do questionário foi aplicada a um total de 17 (dezesete) participantes, falantes do guineense. Esta versão contém contextos que nos permitem analisar como os itens indicadores de modalidade epistêmica e deôntica se relacionam com partículas de tempo e aspecto. A apreensão dessas relações em uma língua crioula é importante para revelar se se tratam de relações universais, seguindo um ordenamento único através das línguas, como propõe Cinque (1999) — ver a hierarquia de núcleos funcionais na subseção 2.1 (Ex.(23) acima).

A nova versão do questionário de eliciação de modais — epistêmicos e deônticos — consiste em uma tarefa de preenchimento de lacuna com a forma modal adequada ao contexto descrito. Os contextos são descritos em língua portuguesa, e a sentença alvo da tarefa está em guineense. Abaixo da sentença alvo, há 4 (quatro) opções de resposta para o preenchimento da lacuna. Em (36), a seguir, transcrevemos um dos contextos que integra o questionário para ilustrar o seu formato:

(37) Nghansu almoça com as crianças do orfanato todas as sextas-feiras. Mesmo se ele estiver cansado, ele não deixa de ir. Não é obrigatório que Nghansu almoce com as crianças do orfanato todas as sextas-feiras, ele simplesmente vai até lá e faz isso semanalmente. Ontem foi sexta-feira, e Nghansu não apareceu no orfanato na hora do almoço, então as crianças pensaram:

“Nghansu _____ sta duenti aonti”.

Marque a opção que preenche adequadamente a lacuna da frase com o pensamento das crianças:

- ta pudi
- pudi
- pudi ba
- nin un son di respostas ku sta riba

O exemplo (37) corresponde ao Contexto 2 do questionário, elaborado para a eliciação de um item modal epistêmico de possibilidade, em que se descreve uma suposição sobre um evento passado. O advérbio *aonti* (ontem), empregado na sentença alvo, deixa evidente a marcação temporal de passado, visto que, em guineense, esse tempo se caracteriza pela presença ou ausência da partícula de tempo e/ou aspecto. É solicitado ao participante que escolha uma das 4 (quatro) alternativas de respostas: na primeira alternativa, o modal *pudi* (poder) figura com a partícula *ta*, que corresponde a um morfema indicador de aspecto habitual; na segunda alternativa, o modal figura sem partículas de tempo e/ou aspecto; na terceira, *pudi* é seguido pela partícula *ba*, que marca aspecto imperfectivo; e, por fim, a última alternativa é para ser assinalada caso o participante julgue todas as anteriores inadequadas ao contexto descrito. Em (38), apresentamos um dos contextos para eliciação de deônticos:

(38) A organização social da etnia Pepel é hierárquica. Ela é composta por um líder máximo (Régulo), por um juiz autônomo (conhecido como 'Inleré', no Safim, e como 'Imbuli', em Biombo) e por lideranças das subcomunidades (Régulos de cada tabanca que compõem o reino). Inleré decidiu sobre a divisão das terras na tabanca, e algumas pessoas reclamaram. Então, alguém disse que foi ordem do Régulo.

“Inleré _____ dividil asin”.

Marque a opção que preenche adequadamente a lacuna da frase acima:

- () ten ki
 () na ten ki
 () ten ba ki
 () nin un son di respostas ku sta riba

O contexto descrito em (38) mostra um item modal (*ten ku*) descrevendo uma obrigação dada em um tempo passado. A forma *ten ki*, que figura nas alternativas de resposta, resulta da combinação do modal com o clítico 'i' objeto, que retoma o sintagma 'as terras', citado no contexto. Na primeira alternativa, o item modal figura sem marcação de tempo e aspecto; na segunda alternativa, o modal se combina com a partícula *na*, indicadora de aspecto progressivo; na terceira alternativa, o modal forma sequência com a partícula *ba*, indicadora de aspecto imperfectivo; a última alternativa será assinalada caso o participante julgue as anteriores inadequadas ao contexto descrito.

Na tabela 6, a seguir, esquematizamos a distribuição dos contextos que integram o questionário de elicitación de itens modais:

Tabela 6 — Distribuição dos contextos epistêmicos e deônticos no questionário

	MODALIDADE	PERSPECTIVA TEMPORAL	ORIENTAÇÃO TEMPORAL ⁶
Contexto 1	Epistêmica	Presente	Futura
Contexto 2	Epistêmica	Presente	Futura
Contexto 3	Deôntica	Passada	Futura
Contexto 4	Epistêmica	Presente	Presente
Contexto 5	Epistêmica	Presente	Passada
Contexto 6	Deôntica	Presente	Presente

⁶ Na investigação das relações entre as categorias *modalidade* e *tempo*, consideramos a orientação temporal do item modal, e não do evento descrito na sentença.

	MODALIDADE	PERSPECTIVA TEMPORAL	ORIENTAÇÃO TEMPORAL ⁶
Contexto 1	Epistêmica	Presente	Futura
Contexto 7	Deôntica	Presente	Futura
Contexto 8	Deôntica	Presente	Futura
Contexto 9	Deôntica	Presente	Presente
Contexto 10	Deôntica	Passada	Futura
Contexto 12	Epistêmica	Presente	Passada

3.2 Técnica de storyboards

A segunda tarefa experimental — no formato de storyboards — foi desenvolvida e aplicada na língua guineense. Aplicamos um total de 4 (quatro) storyboards a 16 (dezesesseis) participantes da pesquisa, todos falantes nativos de guineense, que vivem, atualmente, no Brasil, mas cursaram o ensino básico e médio — do primeiro ao décimo segundo ano — na Guiné-Bissau. Em um segundo momento da pesquisa, aplicamos essa mesma tarefa experimental a mais 16 (dezesesseis) participantes guineenses que não saíram da Guiné-Bissau. Nosso objetivo é comparar os dados a fim de verificar se o contato com o português brasileiro influenciou, de alguma forma, no emprego dos itens modais no guineense. Essa comparação pode ser relevante principalmente em termos da combinação de itens modais com marcas de tempo e aspecto, que em guineense é feita por partículas pré e pós verbais e, no português, é feita por desinências verbais.

A tarefa experimental foi constituída de 4 (quatro) storyboards, cada uma acompanhada de uma atividade, com questões sobre o emprego de verbos auxiliares modais no contexto descrito na respectiva história. A partir deste ponto, nós passamos a apresentar cada uma das histórias, acompanhadas da atividade, com comentários sobre o contexto e a atividade que integram a tarefa experimental. As duas primeiras histórias apresentam informações contextuais compatíveis com o emprego da modalidade deôntica; já a terceira e quarta histórias apresentam contextos compatíveis com a modalidade epistêmica.

Storyboard 1 — Fatu ku si tarbadju (Os afazeres de Fatu)

A primeira storyboard foi adaptada da storyboard 'Chore Girl' (http://www.totemfieldstoryboards.org/stories/chore_girl/), desenvolvida para a depreensão de itens de modalidade deontica. A adaptação da tarefa foi necessária para adequá-la aos elementos culturais guineenses. Observamos, inicialmente, que alteramos o nome da menina na história original, de *Mary*, um nome em inglês, para *Fatu*, um nome guineense. Outras adaptações feitas nessa storyboard foram a substituição da imagem da pia cheia de louça para lavar pela imagem de uma emborcadura, que se trata de uma bacia grande utilizada para lavar os pratos em várias comunidades da Guiné-Bissau, assim como a mudança das características físicas dos personagens das storyboards (cor da pele, tipo de cabelo etc.), para que houvesse uma maior identificação dos participantes com a situação descrita na storyboard. Consideramos que esses aspectos são importantes para que o dado fornecido pelo informante seja realmente um dado passível de ser produzido por um falante de guineense. Mesmo que de forma inconsciente, é possível que tais elementos influenciem na escolha da forma linguística empregada.

Considerando que não encontramos nenhuma tarefa experimental com elementos comuns às culturas africanas, julgamos necessário trabalhar no desenvolvimento de storyboards com elementos comuns a essas culturas para que, assim, nossa pesquisa obtivesse um resultado mais natural da comunidade em estudo, no caso, a guineense. A opção por desenvolver o material a ser utilizado na tarefa experimental demandou tempo, uma vez que o contexto das histórias assim como os detalhes das ilustrações resultaram de um trabalho conjunto entre este pesquisador, natural de Guiné-Bissau, e uma ilustradora brasileira⁷. As atividades que acompanham cada uma das histórias foram desenvolvidas para os fins desta pesquisa, buscando, nas opções de resposta apresentadas, combinar itens modais com categorias funcionais de tempo e aspecto.

⁷ Nossos profundos agradecimentos à Hanna Boassi, estudante de graduação em Letras-Português, pelo trabalho nas ilustrações das storyboards, captando elementos da cultura guineense, na caracterização dos personagens e dos cenários.

Tarbadjus di Fatu*



*E storie i adaptadu apartir di storyboard Chore Girl (tarbadjus di bedjude), disponibilizadu ne site <http://www.totemfieldstoryboards.org/stories/chore-girl/>

*un basie gerandi ku la uzadu pa pui pratus.

Os afazeres de Fatu*



*Esta história foi adaptada a partir do storyboard Chore Girl (As tarefas da garota), disponibilizada no site <http://www.totemfieldstoryboards.org/stories/chore-girl/>.

*Recipiente de plástico redondo e largo utilizado para colocar louças.

Atividadi

Ke ku mama fala odja ku Fatu laba pratus tudu? Skirbi letra di alternativa ku kudjidi na balon di kombersa di mama.

- (a) Bu pudi brinka gosi.
- (b) Bu dibi di brinka gosi.
- (c) Bu ten ku brinka gosi.



Atividade

O que a mãe diz depois de Fatu lavar toda a louça? Escreva a letra da alternativa escolhida no balão de fala da mãe.

- (a) Você pode brincar agora.
- (b) Você deve brincar agora.
- (c) Você tem que brincar agora.



A primeira história apresenta elementos contextuais compatíveis com a modalidade deôntica de obrigação e permissão, a partir dos elementos do contexto retratados no primeiro e

no último quadrinhos. A relação entre os interlocutores (mãe e filha) é importante para a interpretação associada ao modal, uma vez que, na cultura guineense, cabe aos pais o papel de determinar as regras da casa e dar ou não permissão para os filhos saírem para brincar. No último quadrinho, o relato de Fatu sobre a realização do evento “laba pratus” (lavar a louça) tem como expectativa a obtenção da permissão para brincar. A história apresenta um contexto compatível com a modalidade deôntica de necessidade, quando a mãe ordena indiretamente à filha que lave a louça, e também de possibilidade, quando a filha, depois de realizar a tarefa, pede a permissão da mãe para brincar.

Na tarefa, o participante é requerido a reconhecer qual marca de modalidade é adequada a um contexto deôntico de permissão, escolhendo entre as seguintes opções: *pudi* (poder), *dibidi* (dever) e *ten ku* (ter que). É importante observar aqui que as três opções de resposta apresentam verbos passíveis de denotar modalidade deôntica, o que os diferencia é a força modal. A presença do advérbio *gosi* (agora) nas três opções de resposta permite avaliar a relação entre modalidade deôntica e tempo verbal (presente).

As demais storyboards foram construídas exclusivamente para esta pesquisa, não sendo adaptadas de outras tarefas experimentais. Na sequência, apresentamos a storyboard *Isnaba na un dia di montia* (Isnaba em um dia de caça), igualmente para a depreensão de itens indicadores de modalidade deôntica:



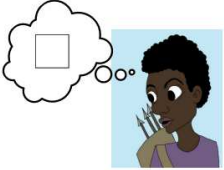
Atividadi

1. Kal di es opson ku bu acha kuma i korespondi ku fala di pape di Isnaba? Skirbi letra di alternativa ku kudjidu na balon di komberse di pape.



(a) Bu ka ten ku montia limarias!
(b) Bu ka pudi montia limarias!
(c) Bu ka dibi di montia limarias!
(d) Bu ka dibi di ba montia limarias!

2. Kal un di e alternativas ku sta bas ku rifiri pensamentu di Isnaba na terseru kuadrinhu di tira? Skirbi letra di alternativa ku kudjidu na balon di pensamentu.



(a) I pusivel ku es onsa na ngulin interu.
(b) Es onsa na konsiqi ngulin interu.
(c) Es onsa tene pirmison pa ngulin interu.

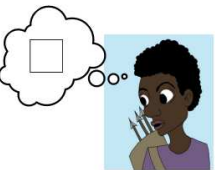
Atividade

1. Qual das opções você acha que corresponde às palavras do pai de Isnaba? Escreva a letra da alternativa escolhida no balão de fala do pai.



(a) Você não tem que caçar animais!
(b) Você não pode caçar animais!
(c) Você não deve caçar animais!
(d) Você não devia caçar animais!

2. Qual das alternativas abaixo expressa o pensamento de Isnaba no terceiro quadrinho da tira? Escreva a letra da alternativa escolhida no balão de seu pensamento.



(a) É possível que esse leopardo me devore inteiro.
(b) Esse leopardo consegue me devorar inteiro.
(c) Esse leopardo tem permissão para me devorar inteiro.

A storyboard *Isnaba na un dia di montia* é compatível com dois tipos de modalidade: a habilidade de Isnaba na atividade de caça (primeiro quadrinho) e a capacidade do leopardo de devorar o caçador (terceiro quadrinho); e a deôntica, na lembrança da fala do pai (segundo quadrinho). A atividade 1 da tarefa experimental dessa storyboard foi construída para a elicitación de um item indicador de modalidade deôntica de necessidade, considerando tratar-se da lembrança das palavras do pai, que corresponde a uma figura de autoridade inquestionável na cultura guineense. A imagem do pai com o dedo em riste reforça a interpretação de obrigação associada ao item modal. A segunda atividade requer que o participante depreenda qual modalidade o verbo *pudi* denota no terceiro quadrinho da storyboard, investigando se, no guineense, *pudi* expressa mais de um tipo de modalidade: epistêmica, circunstancial e deôntica, à semelhança do que ocorre no português.

As tarefas associadas às storyboards 3 e 4 visam à depreensão de itens indicadores de modalidade epistêmica. Apresentamos, a seguir, a storyboard *Dus ermons Sunkar ku Sona* (As irmãs Sunkar e Sona), seguida da tarefa experimental para a depreensão de itens modais epistêmicos:

Dus ermons femias Sunkar ku Sona

Sunkar ku Sona i ermons femias, i famozus na sidadi. E ta larbadja djuntu.

Olta elis mininus, la na Guiné-Bissau, e ta fasi ba ropas di se bonekas elis son.

Dona femia, ka e bistidu ke n fasi pa nhe boneka ste bonitu?

I ste bonitu dimas, Sunkar! Abos dus bo tene qorandi talentu.

Sona, no ka na fasi ropas di bonekas, ku pedas di lisidu di dona femia, pa no bindi?

Sin, i bon lidia!

Bodidos, bo djabi ke tu no na bindi!

N' misli!

I fasei bintu pa bonekar.

Ani tamba n' misli!

As irmãs Sunkar e Sona

Sunkar e Sona são irmãs e são famosas na cidade. Elas trabalham juntas.

Quando eram crianças, lá na Guiné-Bissau, faziam sozinhas as roupas de suas bonecas.

Vovó, ficou bonito o vestido que eu fiz para minha boneca?

Ficou maravilhosa, Sunkar! Você duas têm muito talento.

Sona, vamos fazer vestidos de boneca para vender com sobras de tecido de vovó?

Que ideia genial!

Mas não, vejem a que nós estamos vendendo!

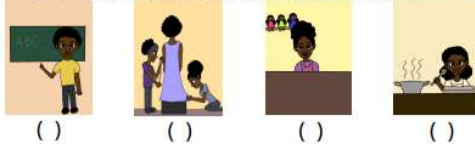
Eu quero.

Só tenho um pouco de tecido.

Eu quero também.

Atividadi

1 Sunkar ku Sona e konstrui un karera di susesu na Brasil. Suma ku bu sibi di se talentu desdi piqininu, marka ku X imajen di opson ku na represento aos profison di Sunkar ku Sona.



2. Asosia bolons di pensamentu ku siqnikadus igual.

Talbes Sunkar ku Sona i alfaiatis. 1

Sunkar ku Sona dibidi sedu alfaiatis.

Serfamenti Sunkar ku Sona i alfaiatis. 2

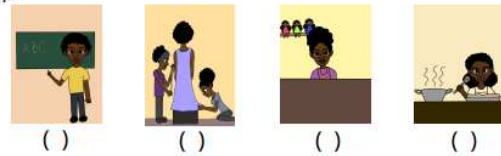
Sunkar ku Sona pudi sedu alfaiatis.

Provementimil, Sunkar ku Sona i alfaiatis. 3

Sunkar ku Sona lan ku sedu alfaiatis.

Atividade

1 Sunkar e Sona construíram uma carreira de sucesso no Brasil. Considerando suas habilidades desde crianças, marque um X na alternativa que representa a profissão das irmãs hoje.



2 Associe os balões de pensamentos com sentidos equivalentes.

Talvez Sunkar e Sona sejam costureiras. 1

Sunkar e Sona devem ser costureiras.

Carfamenti, Sunkar e Sona são costureiras. 2

Sunkar e Sona podem ser costureiras.

Provementimil, Sunkar e Sona são costureiras. 3

Sunkar e Sona tem que ser costureiras.

Na primeira atividade vinculada a essa storyboard, as imagens remetem a diferentes profissões. O participante é solicitado a assinalar aquela que corresponde à das irmãs Suncar e Sona. Essa atividade foi inserida no experimento como um contexto de controle, visto tratar-se de uma associação direta entre uma informação dada na storyboard e requerida na atividade. A segunda atividade requer que o participante associe diferentes itens indicadores de modalidade epistêmica com igual força modal: advérbios (coluna da esquerda) e verbos auxiliares modais (coluna da direita). Essa atividade permite avaliar se em guineense a força modal é marcada no léxico, à semelhança do português, e ainda se é feita a distinção entre possibilidade e necessidade fraca e forte.

Passamos agora para a quarta e última storyboard utilizada em nossa pesquisa: *Queba panha sarampu?* (O Queba está com sarampo?)

Keba panha sarampu?

O Keba está com sarampo?

Atividadi

1 Dopus di kuranderu djubi djubi ki manchas burmedju ne kurpu di Queba, ke ku bu pense ku kuranderu fala mame di Queba na turseru quadrinhu di storia? Skiribi letra di alternativa serti ne boton di kombersa di kuranderu.

(a)

(b)

(c)

(d)

Atividade

1 Depois de o ancião analisar as manchas vermelhas no corpo de Queba, o que você acha que ele disse para a mãe no terceiro quadrinho da história? Escreva a letra da alternativa correta no botão de fala do ancião.

(a)

(b)

(c)

(d)

Por fim, a storyboard 4 é compatível com um contexto de modalidade epistêmica. A mãe de Queba, desconhecendo os sinais de sarampo, procura o ancião (figura referência na comunidade guineense pela sabedoria) para saber qual doença o filho contraiu. Diante da observação de evidências (as manchas avermelhadas por volta do corpo de Queba), o ancião faz uma declaração sobre que doença é esta. A primeira atividade requer que o participante assinale, dentre quatro alternativas, qual corresponde à afirmação feita pelo ancião. Considerando que a figura do ancião é associada à sabedoria na cultura guineense, espera-se que o participante assinale uma alternativa com maior grau de certeza sobre o conteúdo enunciado. Dessa forma, supomos ser possível investigar dois aspectos: (i) o primeiro é se no guineense a força modal é marcada no léxico; e (ii) se o auxiliar modal *ten ku* (tem que) marca necessidade epistêmica, diferentemente do que se afirma para o português brasileiro (conforme Pessotto 2015).

Aplicamos a tarefa das storyboards a 16 (dezesesseis) participantes, sendo 5 (cinco) deles do sexo feminino e 11 (onze) do sexo masculino⁸, todos falantes nativos do guineense, residentes no Brasil, na cidade de Florianópolis. Os participantes da pesquisa constituem-se de 9 (nove) estudantes de cursos de graduação e 7 (sete) de cursos de pós-graduação (mestrado e doutorado). Conforme já descrito acima, as storyboards, a adaptada e as desenvolvidas para esta pesquisa, são compatíveis com duas noções modais: epistêmica e deôntica. Na seção 4, faremos a apresentação e análise dos dados.

3.3 Narrativas orais

Nesta subseção, apresentamos a metodologia empregada para a obtenção de dados de contação de histórias tradicionais através da oralidade. Considerando que o guineense, assim como muitas línguas crioulas e línguas minorizadas, não possui uma ortografia oficial, optamos por utilizar na transcrição a ortografia empregada pelo linguista guineense Luigi Scantamburlo no *Dicionário do Guineense* (2002), com algumas poucas modificações, por esta ser comumente adotada em trabalhos linguísticos sobre o guineense.

A metodologia para a coleta, organização e análise de itens modais em histórias de tradição oral na comunidade guineense teve por base o trabalho de Agostinho e Rech (2023), que propuseram essa técnica para análise de itens modais no lung'le, língua crioula também de base

⁸ A diferença no número de participantes do sexo feminino e masculino deve-se ao acesso mais fácil que este pesquisador teve a participantes do sexo masculino na cidade de Florianópolis. Não consideramos que essa diferença seja um problema para a presente pesquisa, uma vez que não há indicações na literatura linguística sobre modalidade a respeito de uma possível influência do fator sexo no emprego e/ou interpretação de um item modal como epistêmico ou deôntico; por essa razão, não controlamos essa variável.

portuguesa, falada na ilha do Príncipe. Segundo as autoras, uma importante vantagem do uso da técnica de histórias tradicionais em relação às storyboards é que os dados obtidos na contação de histórias é mais natural e espontâneo. Isso se aplica ao guineense, considerando que a contação de histórias é uma prática nas comunidades que utilizam essa língua. Além disso, as autoras observam que esse método não produz dados artificiais nem gera informações estranhas à cultura local, por serem produzidos naturalmente por membros internos à comunidade.

As histórias tradicionais guineenses são uma das formas de transmitir, de geração em geração, as lições sobre cultura, tradições e deveres, abordando principalmente temas relacionados à ganância, honestidade, confiança, traição e lealdade. Para a análise nessa pesquisa, selecionamos uma dentre as 4 (quatro) histórias gravadas pelo pesquisador. A gravação foi feita no dia 30 de outubro de 2022, a partir do acesso ao programa de rádio *djumbai na baranda* (diversão na varanda), apresentado por Armando Mussa Sané — estação emissora *Sol Mansi* (o nascer do sol) localizado na cidade de Mansoa, norte de Guiné-Bissau. A história transcrita — *Storia di Nghansu* (A história de Nghansu) — trata da invasão colonial ao território dos povos da atual Guiné-Bissau. Trata-se de uma história tradicional, por apresentar o sistema que desencadeou uma série de danos, desestruturando os poderes locais dos povos nativos, ferindo suas tradições e silenciando seus costumes. Por isso, a importância de contar essa história, passando essa narrativa de geração em geração. A profunda identificação do povo guineense com os fatos narrados resulta na naturalidade do dado produzido, uma vez que a relevância dos fatos para a comunidade os faz focar nos acontecimentos, não se atentando à forma de contar.

A razão motivadora para analisarmos somente uma história tradicional guineense foi sua extensão. O áudio da história que integrou nossa base de dados tem a duração de 73 minutos e 48 segundos, considerando que há uma parte inicial, uma introdução à história (comum em histórias tradicionais guineenses), em que o narrador fez uma contextualização geral dos acontecimentos históricos que essa história narra, apresentando as principais personagens da histórias, que são: o Nghansu, o amigo de Nghansu, o Régulo e o Chefe do Posto (posição equivalente a de um governador). A transcrição da história completa, considerando a parte da introdução, corresponde a um texto de aproximadamente 20 (vinte) páginas⁹.

⁹ Para os fins desta pesquisa, foi transcrita apenas parte da narrativa oral, correspondente a pouco mais da metade da história. Essa decisão teve por base os seguintes fatores: o tempo requerido para realizar uma transcrição cuidadosa de uma narrativa oral e a vasta ocorrência de verbos auxiliares modais ao longo da narrativa, o que nos permitiu ter uma boa amostra de dados com a transcrição de apenas parte da narrativa. É intenção deste pesquisador finalizar o trabalho de transcrição da referida narrativa para disponibilizá-la a outros pesquisadores interessados em investigar fenômenos linguísticos em guineense.

Depois de a história ter sido transcrita, localizamos todas as ocorrências de verbos auxiliares modais, não apenas de epistêmicos e deônticos, mas verbos indicadores dos diferentes tipos de modalidade. Na sequência, analisamos os contextos de ocorrência desses itens modais, levantando informações disponíveis no contexto da história, para depreender com mais segurança a noção modal expressa pelo item. Assim, a apresentação desses dados (ver subseção 4.3) considera informações para além da oração em que o item modal ocorre, sendo necessário, por vezes, a transcrição de um ou dois parágrafos antes e/ou depois do dado.

4. ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS

4.1 Questionário de eliciação de modais com contextos epistêmicos e deônticos

Os dados aqui em análise resultaram da construção de uma nova versão do Questionário de eliciação de itens deônticos; desta vez, inserindo contexto para a depreensão de itens modais epistêmicos. A nova versão do questionário apresenta 14 perguntas, assim distribuídas: 5 (cinco) contextos compatíveis com modalidade epistêmica; 6 (seis) contextos compatíveis com modalidade deôntica; 2 (dois) contextos controle, com a finalidade de verificar o grau de concentração do participante no momento de responder a tarefa; e, por fim, uma pergunta sobre qual(is) língua(s) é(são) falada(s) pelo participante da pesquisa.

Os contextos do questionário estão descritos em língua portuguesa, e a sentença alvo da tarefa está em guineense. Abaixo da sentença alvo, há uma pergunta sobre qual, dentre 4 (quatro) opções de resposta, o participante considera a mais adequada para o preenchimento da lacuna da sentença alvo. A tarefa consiste em preencher a lacuna com um item auxiliar modal adequado ao contexto descrito. Os contextos na nova versão do questionário nos permitem analisar como os itens indicadores de modalidade epistêmica e deôntica se relacionam com partículas de tempo e aspecto. A referida versão foi aplicada, através de um formulário on-line, a um total de 17 (dezessete) participantes, falantes nativos de guineense, residentes no Brasil.

Transcrevemos, a seguir, o primeiro contexto do questionário, elaborado para a eliciação de um item modal epistêmico de possibilidade, em que se descreve uma suposição sobre um evento no futuro. Na sequência, apresentamos o gráfico das respostas dos 17 participantes da pesquisa:

Contexto 1 — Modalidade epistêmica de possibilidade com perspectiva temporal presente e orientação temporal futura.

O professor N'lossif é imprevisível. Os alunos nunca sabem se ele vai dar trabalho de casa ou não. A aula está ainda no início, e os alunos já estão pensando:

“Pursor N'lossif _____ da tarbadju di kasa na fin di aula.

Marque a opção que preenche adequadamente a lacuna da frase com o pensamento dos alunos:



Dos 17 participantes que realizam a tarefa, 2 escolheram a primeira alternativa como resposta, em que o modal *pudi* (poder) figura sem partícula de tempo e/ou aspecto, formando, assim, a sequência: *Pursor Nlossif **pudi** da tarbadju di kasa na fin di aula* (Professor Nlossif pode dar tarefa de casa no final de aula). A maioria dos participantes, 15 dos 17, escolheu a segunda alternativa, na qual o modal *pudi* é seguido pela marcação de tempo futuro *bin* (vir), formando, assim, a sequência: *Pursor Nlossif **pudi bin** da tarbadju di kasa na fin di aula* (Professor Nlossif poderá dar tarefa de casa no final de aula). Nenhum participante escolheu a alternativa em que o modal *pudi* figura com a partícula *ba*, correspondente a tempo anterior e aspecto imperfeito.

A escolha da primeira alternativa por 2 dos participantes, correspondente a 11,8%, indica que o modal *pudi* (poder) sem partícula de tempo e/ou aspecto não é a forma preferida em contextos epistêmicos em que se faz uma suposição sobre um evento futuro. Temos por hipótese que essa escolha foi feita para evitar o uso de formas redundantes, uma vez que a informação de tempo futuro já está marcada na sentença no uso do advérbio *na fin di aula* (no final da aula). Já a escolha da forma *pudi bin* (poderá) foi feita por 15 dos 17 participantes, correspondendo a 88,2% do total. A escolha dessa forma pela maioria dos participantes indica uma clara preferência pela marcação de tempo junto ao item modal em contexto de possibilidade em que o modal é empregado com orientação temporal futura, mesmo havendo outras marcas indicadoras de tempo na sentença, como é o caso da expressão adverbial *na fin di aula* (no final da aula).

O contexto 2 do Questionário, transcrito abaixo, descreve uma situação compatível com a modalidade epistêmica de possibilidade com o emprego de marcação de tempo futuro na sentença, à semelhança do primeiro contexto; entretanto, no contexto 2 a marcação de futuro é feita pelo emprego de partícula (*na*) vinculada ao verbo principal (*bai*), enquanto no contexto 1 essa

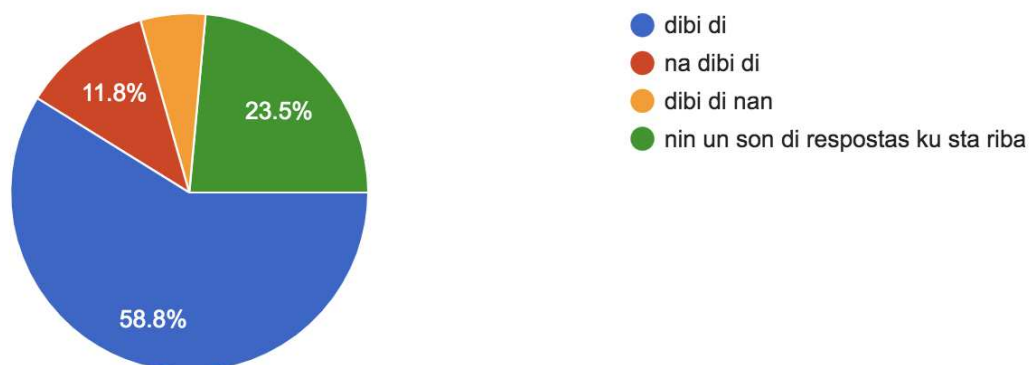
marcação é feita por expressão adverbial. Na sequência do contexto, mostramos o gráfico com os dados dos 17 participantes para a tarefa de preenchimento de lacuna.

Contexto 2 — Modalidade epistêmica de possibilidade com perspectiva temporal presente e orientação temporal futura.

Os pais de N'lossim disseram a ele que ele não tem permissão para ir ver seu amigo Isnaba em Unal, porque é muito longe. Você soube que N'lossim está deixando a capital Bissau (cidade onde ele vive) na próxima semana, mas você não sabe para onde ele irá. N'lossim é um tipo de menino ousado, que costuma fazer coisas sem a permissão dos pais. Então, você pensa:

N'lossim _____ sta na bai pa Unal.

Marque a opção que preenche adequadamente a lacuna da frase com o seu pensamento:



Os resultados mostram que 58,8%, correspondente a 10 dos 17 participantes, assinalaram a primeira alternativa, em que o modal *dibi di* (dever) figura sem partícula de tempo e/ou aspecto, constituindo a sequência: *N'lossim dibí di sta na bai pa Unal* (N'lossim deve estar indo para Unal). A segunda alternativa foi escolhida por 11,8%, correspondente a 2 participantes. Nessa alternativa, o modal *dibi di* (dever) está antecedido pela partícula *na*, indicadora de tempo futuro, constituindo a sequência: *N'lossim na dibí di sta na bai pa Unal* (Trad. literal: *N'lossim deverá estar indo para Unal*; Tradução livre: *N'lossim deverá ir para Unal*). Apenas 1 dentre os 17 participantes escolheu a terceira alternativa, em que o *dibi di* figura com a partícula *nan*, com função enfática, formando a sequência: *N'lossim dibí di nan sta na bai pa Unal* (N'lossim deve mesmo estar indo para Unal). A escolha pela alternativa 4, em que o participante rejeita todas as alternativas anteriores, foi escolhida por 23,5%, correspondente a 4 participantes.

A primeira alternativa foi escolhida pela maioria dos participantes (58,8%), indicando a preferência pelo modal *dibi di* sem partícula de tempo e/ou aspecto em contexto de modalidade epistêmica para descrever uma suposição sobre um evento no futuro. Na segunda alternativa, o

modal se combina com a partícula de futuro *na*. Note que essa opção foi escolhida por apenas 2 participantes, mesmo em um contexto em que o modal tem orientação futura. Provavelmente, a rejeição a essa forma se deve à presença dessa mesma partícula vinculada ao verbo principal. Note que os contextos 1 e 2 investigam a mesma situação: o emprego de auxiliar modal epistêmico com orientação temporal futura em sentença com outra marcação de tempo futuro. Contudo, os resultados obtidos para esses contextos diferem bastante: enquanto para o primeiro contexto houve uma preferência pelo modal acompanhado da partícula de tempo futuro; no segundo contexto, a alternativa em que o modal figura com a partícula de futuro é escolhida por apenas 2 participantes. Esse contraste pode ser devido à partícula empregada no primeiro e segundo contextos: *bin* e *na*, respectivamente; ou, ainda, pela forma do auxiliar modal epistêmico: *pudi* no primeiro contexto, e *dibi di* no segundo. É importante, nesses casos, investigar acuradamente o emprego dessas partículas, assim como dos auxiliares *pudi* e *dibi di*, para se compreender melhor esse resultado.

Abaixo, transcrevemos o contexto 3 do Questionário. Na sequência, mostramos o gráfico das respostas dos participantes para a tarefa de preenchimento de lacuna.

Contexto 3 — Modalidade deôntica de necessidade com perspectiva temporal passada e orientação temporal futura.

A organização social da etnia Pepel é hierárquica. Ela é composta por um líder máximo (Régulo), por um juiz autônomo (conhecido como 'Inleré', no Safim, e como 'Imbuli', em Biombo) e por lideranças das subcomunidades (Régulos de cada tabanca que compõem o reino). Inleré decidiu sobre a divisão das terras na tabanca, e algumas pessoas reclamaram. Então, alguém disse que foi ordem do Régulo.

Inleré _____ dividil asin.

Marque a opção que preenche adequadamente a lacuna da frase acima:



O gráfico mostra que a primeira alternativa foi escolhida por 17,6%, que corresponde a 3 dos 17 participantes. Nessa opção, o auxiliar modal *ten ki*¹⁰ figura sem partícula de tempo e/ou

¹⁰ A forma *ten ki*, que figura nas alternativas de resposta do contexto 3, resulta da combinação do auxiliar modal *ten ku* com o clítico *i*, que retoma constituinte nominal *as terras*, citado anteriormente no contexto.

aspecto, formando, assim, a sequência: *N'leré ten ki dividil asin*. (N'leré teve que dividi-las assim.). Note que, em guineense, a ausência de partícula corresponde ao tempo passado perfectivo, que é forma não marcada na língua. A segunda alternativa foi escolhida por 52,9%, correspondente a 9 participantes. Nessa alternativa o auxiliar modal *ten ku* ocorre com a partícula indicadora de tempo anterior e de aspecto imperfectivo (*ba*), constituindo, assim, a sequência: *N'leré ten ba ki dividil asin*. (N'leré tinha que dividi-las assim). À semelhança da primeira alternativa, a terceira também foi marcada por 3 dos 17 participantes. Nesta, o auxiliar modal *ten ku* figura com a partícula *nan*, de uso enfático na língua, formando a sequência: *N'leré ten nan ki dividil asin*. (N'leré teve mesmo que dividi-las assim.). Por fim, 11,8%, correspondente a 2 participantes, assinalaram a última alternativa, não identificando nenhuma das anteriores como adequadas ao contexto descrito.

A baixa escolha pela primeira alternativa sinaliza que a forma correspondente ao tempo passado e aspecto perfectivo parece ser possível em contextos de modalidade deôntica de necessidade com perspectiva temporal passada, mas, claramente, não é a preferida. A segunda alternativa, em que o auxiliar modal figura com a partícula *ba*, foi a preferida, sinalizando uma preferência pelo emprego do passado imperfectivo em contextos de modalidade deôntica de necessidade com perspectiva temporal passada e orientação temporal futura, o que precisa ser confirmado por mais dados desse mesmo contexto, o que se pretende fazer em pesquisas futuras. A terceira alternativa foi assinalada por apenas 3 participantes, à semelhança da primeira, reforçando a não preferência pelo aspecto perfectivo nesses contextos, independente de outras marcações, como o emprego de uma partícula enfática, como *nan*. Somando os resultados da primeira e da terceira alternativas, que correspondem ao emprego do passado perfectivo, ainda teríamos uma percentagem significativamente inferior (35,2%) àquela que corresponde à forma do passado imperfectivo (52,9%).

Na sequência, apresentamos o contexto 4 do Questionário, seguido do gráfico com os resultados da tarefa aplicada.

Contexto 4 — Modalidade epistêmica de possibilidade com perspectiva temporal presente e orientação temporal presente.

A Bené, amiga da Írtana, viajou de férias à Binar (cidade onde vivem os avós de Bené), sem dizer ao certo o dia que voltaria. Já se passaram vinte dias desde a última vez que elas se falaram. Neste momento, Írtana está passando em frente à casa da sua amiga Bené e percebe que a luz do quarto da sua amiga Bené está acesa. Então, Írtana pensa:

Bené _____ sta na kasa.

Marque a opção que preenche adequadamente a lacuna da frase com o seu pensamento:



Os resultados do gráfico acima mostram que a primeira alternativa foi escolhida por apenas 1 dos 17 participantes. Nesta alternativa, o auxiliar modal *pudi* está antecedido da partícula de tempo presente e aspecto progressivo (*na*), formando a sequência: *Bené na pudi sta na casa*. (Bené pode estar em casa.). A segunda alternativa foi escolhida por 82,4%, correspondendo a 14 participantes. Nesta alternativa, o modal *pudi* figura sem partícula de tempo e/ou de aspecto, constituindo, assim, a sequência: *Bené pudi sta na casa*. (Bené ?pôde estar em casa.). A terceira alternativa foi escolhida por apenas 2 dos 17 participantes. Nessa alternativa, o auxiliar modal *pudi* é seguido pela partícula de tempo anterior e aspecto imperfeito (*ba*), formando a sequência: *Bené pudi ba sta na casa*. (Bené podia estar em casa.). É interessante notar que, neste contexto, nenhum dos participantes assinalou a última opção, que indica não haver, dentre as alternativas acima, uma adequada para o preenchimento da lacuna.

A escolha da primeira alternativa por apenas 1 dos 17 participantes indica que o modal *pudi* antecedido pela partícula de tempo presente e aspecto progressivo (*na*) não é empregada em contextos de modalidade epistêmica de possibilidade com perspectiva temporal presente e orientação temporal presente. A segunda alternativa foi escolhida pela maioria dos participantes (82.4%), sinalizando na direção de que o auxiliar modal *pudi* sem emprego de partículas de tempo e/ou aspecto é utilizado também em contextos epistêmicos com perspectiva temporal presente e orientação temporal presente. O contexto 5 do questionário, abordado na sequência, também corresponde a um contexto de modalidade epistêmica com perspectiva temporal presente e orientação temporal presente, contribuindo, assim, para a confirmação ou refutação da hipótese aqui levantada, que presume o emprego de forma não marcada no tempo presente. A terceira alternativa foi escolhida por apenas 2 participantes. Nessa alternativa, *pudi* se combina com uma partícula de

tempo passado e aspecto imperfeito (*ba*), indicando que a forma correspondente ao tempo passado imperfeito não é bem aceita neste contexto.

Abaixo, apresentamos o contexto 5 do Questionário, seguido do gráfico das respostas dos participantes para a tarefa de preenchimento de lacuna.

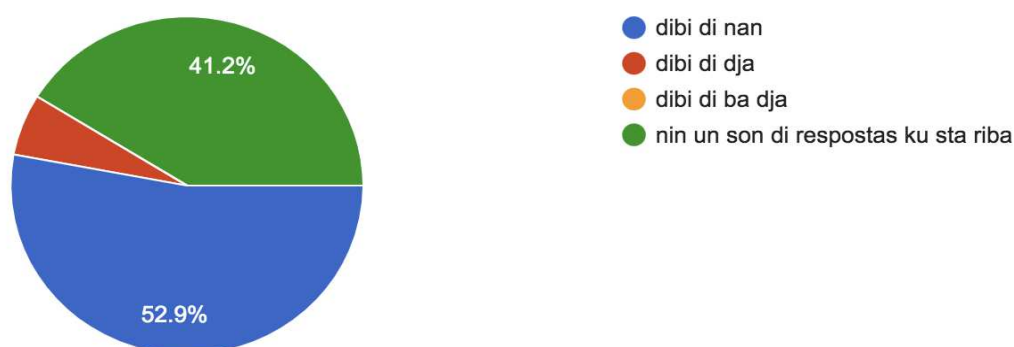
Contexto 5 — Modalidade epistêmica de possibilidade com perspectiva temporal presente e orientação temporal passado.

Clara Sabura comprou um vestido no Bissau Mercado Virtual SARL para o final do ano. A entrega estava prevista para às 10 horas do dia seguinte, mas já se passaram 2 dias, e o vestido ainda não chegou. Ela está tentando contato com o boutique, mas ninguém atende, nem responde mensagens.

Clara Sabura, então, pensa:

Bindidur _____ nganan.

Marque a opção que preenche adequadamente a lacuna da frase com o seu pensamento:



Antes, achamos importante sublinhar que a inserção nas alternativas da partícula *nan*, com função enfática, foi com base nos resultados da aplicação de experimento teste e na conversa que este pesquisador manteve com três participantes do referido experimento teste, após aplicação do Questionário, na qual foi relatado a este pesquisador que, se tivesse combinado a partícula *nan* com os modais entre as alternativas, essa combinação soaria melhor e provavelmente seria a opção preferida dos participantes. Logo, consideramos que a ausência dessa partícula entre as alternativas prejudicou o resultado da aplicação do experimento teste, indicando uma necessidade de reformulação.

O gráfico acima mostra que a primeira alternativa foi escolhida por 52,9%, que corresponde a 9 dos 17 participantes. Nessa alternativa, o auxiliar modal *dibi di* figura com a partícula *nan*, com função enfática, formando, assim, a sequência: *Bindidur **dibi di nan** nganan*. (O comerciante deve

mesmo ter me enganado.). A segunda alternativa foi assinalada por apenas 1 dos 17 participantes. Nessa opção, o auxiliar modal *dibi di* ocorre com a partícula indicadora de tempo anterior e de aspecto perfectivo (*dja*), constituindo, assim, a sequência: *Bindidur dibi di dja nganan*. (O comerciante deve ter me enganado). É interessante notar que, neste contexto, nenhum dos participantes assinalou a terceira opção, em que o auxiliar modal *dibi di* ocorre com as partículas *ba* e *dja*, formando a sequência *dibi di > ba > dja*. A combinação dessas partículas marcam o tempo *mais anterior* e o aspecto perfectivo, cujo uso requer a descrição de dois eventos não simultâneos no tempo passado: o evento descrito com a sequência *ba dja* corresponde ao primeiro, marcado com o traço [+ANT]. A quarta alternativa, que não identifica nenhuma das anteriores como possíveis respostas, teve um alto índice de marcação no contexto 5: 41,2%, correspondente a 7 dos 17 participantes, para a nossa surpresa.

A escolha da primeira alternativa por 52,9% do total de participantes sinaliza na direção de que o uso de auxiliares modais sem partículas de tempo e/ou aspecto não se restringe a contextos no passado (note que em guineense o passado corresponde a forma não marcada), podendo figurar também em contextos com perspectiva temporal presente e orientação temporal passada, como é o caso de contexto 5. Essa hipótese tem por base os resultados obtidos para os contextos 4 e 5 do questionário, para os quais a maioria dos participantes da pesquisa optou para contextos no tempo presente ou por formas sem o uso de qualquer partícula, como no contexto 4, ou com o uso de partícula de valor puramente enfático (*nan*), como no contexto 5. A rejeição da forma indicada na segunda alternativa (*dibi di dja*) fica evidente no fato de ter sido indicada por apenas 1 participante. Esse resultado revela que os falantes do guineenses não empregam a partícula *dja* — marcadora de tempo passado e aspecto perfectivo — em um contexto como o descrito em 5, por este narrar um comportamento recorrente do vendedor, incompatível com o uso do aspecto perfectivo, que descreve ações não sequenciadas.

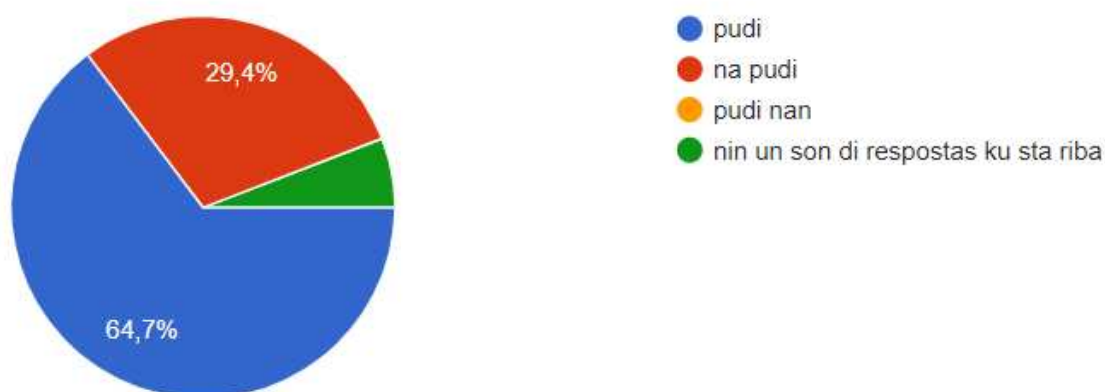
Na sequência, apresentamos o contexto 6 do Questionário, seguido do gráfico com os resultados da tarefa aplicada.

Contexto 6 — Modalidade deôntica de permissão com perspectiva temporal presente e orientação temporal presente.

Durante a pandemia, as aulas nas escolas públicas foram suspensas. Nenhum aluno tinha autorização para frequentar a escola. Depois de quase um ano longe da escola, os alunos receberam permissão para assistirem às aulas presencialmente, mesmo não sendo obrigados, se eles não quiserem. Então, o diretor disse aos alunos que estavam em frente à escola:

Bo _____ entra na sala di aula gosi.

Marque a opção que preenche adequadamente a lacuna da frase com a fala do diretor da escola:



O gráfico acima mostra que a primeira alternativa foi escolhida por 64,7%, que corresponde a 11 dos 17 participantes da pesquisa. Nesta opção, o auxiliar modal *pudi* figura sem partícula de tempo e/ou aspecto, formando, assim, a sequência: *Bo **pudi** entra na sala di aula gosi.* (Vocês podem entrar na sala de aula agora.). A segunda alternativa foi assinalada por 29,4%, correspondendo a 5 dos 17 participantes. Nela, o modal *pudi* é antecedido pela partícula *na*, indicadora de tempo presente e de aspecto progressivo, formando, assim, a sequência: *Bo **na pudi** entra na sala di aula gosi.* (Vocês podem entrar na sala de aula agora.). A terceira alternativa, em que o modal *pudi* é seguido pela partícula com função enfática (*nan*), não foi assinalada por nenhum dos participantes. A alternativa que rejeita todas as anteriores foi assinalada por apenas 1 participante.

Os resultados mostrados no gráfico correspondente ao contexto 6 indicam uma preferência pelo uso do modal sem a ocorrência de partículas de tempo e/ou aspecto em contextos com perspectiva temporal presente e orientação temporal presente. Esse resultado reforça o que temos verificado em contextos anteriores (ver resultados para os contextos 2, 4 e 5 — descritos acima): o auxiliar modal ocorrendo sem a presença de partículas indicadoras de tempo e/ou aspecto em contextos de perspectiva temporal presente; tal forma é atualmente descrita como correspondente apenas ao tempo passado perfectivo, que é não marcado no guineense, assim como também em um número significativo de línguas crioulas¹¹. A segunda alternativa foi assinalada por apenas 5 dos 17 participantes, sinalizando que a forma correspondente ao tempo presente e aspecto progressivo é possível em contextos deônticos de permissão com perspectiva temporal presente, mas, claramente, não é a preferida.

¹¹ "The association of the bare verb with a Perfective meaning is indeed remarkable, as it occurs in a number of creole languages, in sharp contradistinction to what obtains in their lexifier languages." [A associação do verbo sem marcação com um significado perfectivo é realmente notável, pois ocorre em várias línguas crioulas, em nítida contradição com o que ocorre em suas línguas lexificadoras] (KIHM 1994: 85. Tradução nossa).

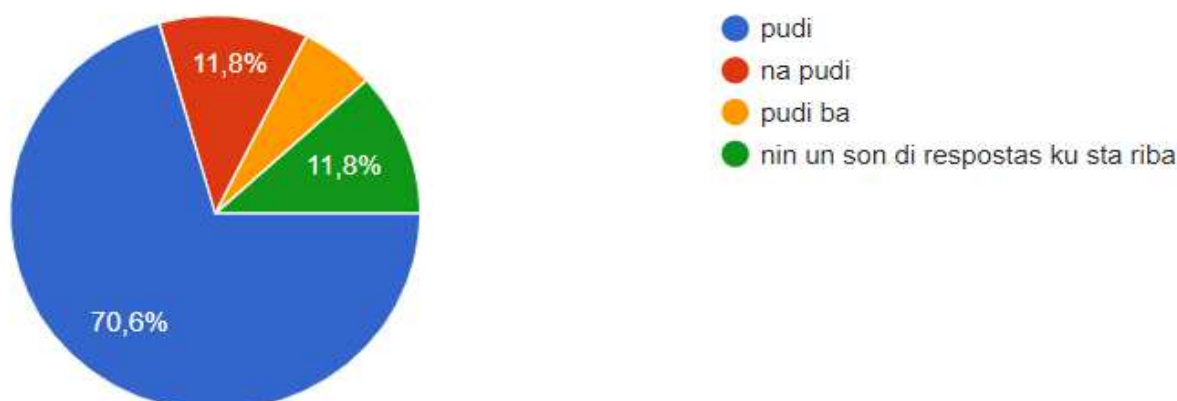
Abaixo, apresentamos o contexto 7 do Questionário, seguido do gráfico com os resultados da tarefa aplicada.

Contexto 7 — Modalidade deôntica de permissão com perspectiva temporal presente e orientação temporal futura.

7. Na Guiné-Bissau, é comum os pais arranjarem o matrimônio das filhas. Isso acontece porque, de acordo com a tradição, os filhos seguem o que os pais determinam. Bidanloa pediu a seu pai permissão para se casar com Brinsan. Então, o pai de Bindanloa disse ao filho:

Bu _____ kasa na mis di agustu.

Marque a opção que preenche adequadamente a lacuna da frase com a fala do pai de Bidanloa:



Os resultados do gráfico acima mostram que a primeira alternativa foi assinalada por 70,6%, que corresponde a 12 dos 17 participantes. Nesta opção, o auxiliar modal *pudi* figura sem partícula de tempo e/ou aspecto, constituindo a sequência: *Bu **pudi** kasa na mis di agustu*. (Você pode casar no mês de agosto.). A segunda alternativa foi escolhida por 11,8%, correspondendo a 2 participantes. Nesta alternativa, o modal *pudi* é antecedido pela partícula *na*, indicadora de tempo presente e de aspecto progressivo, formando, assim, a sequência: *Bu **na pudi** kasa na mis di agustu*. (Você pode casar no mês de agosto.). A terceira alternativa foi assinalada por apenas 1 dos 17 participantes, correspondendo a 5,9%. Nesta opção, o auxiliar modal *pudi* ocorre com a partícula *ba*, indicadora de tempo anterior e de aspecto imperfectivo, formando, assim, a sequência: *Bu **pudi ba** kasa na mis di agustu*. (Você podia casar no mês de agosto.). Por fim, 2 participantes assinalaram a quarta alternativa, que rejeita todas as anteriores.

A escolha da primeira alternativa pela maioria dos participantes indica uma clara preferência pela ausência de partículas de tempo e/ou aspecto junto ao modal quando este figura com perspectiva temporal presente. Note que mais uma vez temos o emprego da forma não marcada do verbo em contextos com perspectiva temporal presente, reforçando a hipótese de que essa forma não está mais restrita à marcação do tempo passado no aspecto perfectivo, sendo comumente empregada, em contexto de modalidade pelo menos, na marcação de tempo presente. É

interessante investigar esse emprego com mais dados da língua e em diferentes contextos. A baixa escolha pela segunda alternativa sinaliza que a forma correspondente ao tempo presente e aspecto progressivo (*na*) é aceitável, mas, claramente, não é a preferida. A escolha da terceira alternativa por apenas 1 participante indica que a combinação do modal com a partícula *ba*, indicadora de tempo passado e de aspecto imperfectivo, não é empregada em contextos deônticos com perspectiva temporal presente, denotando mais sugestão do que permissão. A única marcação feita pode ter sido indicada por desatenção na leitura do contexto, uma vez que a frase, considerada isoladamente, admite a inserção de um item modal denotando permissão ou conselho.

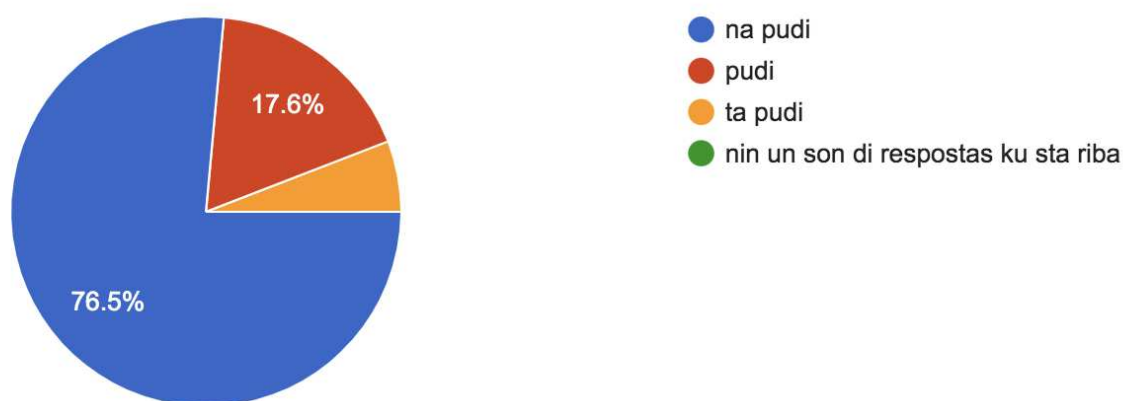
Na sequência, apresentamos o contexto 8 do Questionário, seguido do gráfico com os resultados da tarefa aplicada.

Contexto 8 — Modalidade deôntica de permissão com perspectiva temporal presente e orientação temporal futura.

8. Binta comprou, em Bissau Mercado Virtual SARL, uma bolsa na cor preta, mas recebeu a bolsa na cor branca. Então, ela ligou para a boutique, relatando o erro na entrega da mercadoria. O representante da boutique disse para Binta:

Bu _____ troka bolsa dipus di dia 06.

Marque a opção que preenche adequadamente a lacuna da frase com a fala do representante da boutique:



O gráfico acima mostra que a primeira alternativa foi assinalada por 76,5%, que corresponde a 13 dos 17 participantes. Nesta opção, o auxiliar modal *pudi* é precedido pela partícula *na*, que marca tempo futuro e aspecto ainda não iniciado e, conseqüentemente, não acabado, constituindo a sequência: *Bu na pudi troka bolsa dipus di dia 06*. (Você poderá trocar a bolsa depois do dia 06.). A segunda alternativa foi escolhida por 17,6%, correspondendo a 3 participantes. Nesta alternativa, o modal *pudi* figura sem partícula de tempo e/ou aspecto, formando, assim, a sequência: *Bu pudi troka bolsa dipus di dia 06*. (Você pode trocar a bolsa

depois do dia 06.). A terceira alternativa foi assinalada por apenas 1 dos 17 participantes. Nesta opção, o auxiliar modal *pudi* é precedido pela partícula *ta*, indicadora de aspecto habitual, formando, assim, a sequência: *Bu ta pudi troka bolsa dipus di dia 06.* (Você pode sempre trocar a bolsa depois do dia 06.). A última alternativa, que rejeita todas as anteriores, não foi assinalada por nenhum dos participantes.

A escolha da primeira alternativa pela maioria dos participantes indica uma preferência pela realização da partícula de aspecto ainda não iniciado (*na*) junto ao modal com interpretação deôntica (de permissão) em contextos de perspectiva temporal presente e orientação temporal futura. Esse resultado difere do obtido para o contexto 7, que apresenta o mesmo tipo de modalidade com as mesmas características em relação à perspectiva e orientação temporal. Nossa hipótese para essa significativa diferença no resultado (11,8% assinalaram a forma *na pudi* no contexto 7 em contraste com 76,5% no contexto 8) é que a presença do advérbio *dipus* (depois) — na sentença alvo do contexto 8 — tenha influenciado na realização da partícula de tempo futuro (*na*), estabelecendo uma concordância de tempo entre verbo e advérbio. A baixa escolha pela segunda alternativa indica que a forma *pudi*, sem partícula de tempo e/ou aspecto, é aceitável em contextos de modalidade com perspectiva temporal presente e orientação temporal futura, reforçada pela presença de advérbio, mas, claramente, não é a preferida.

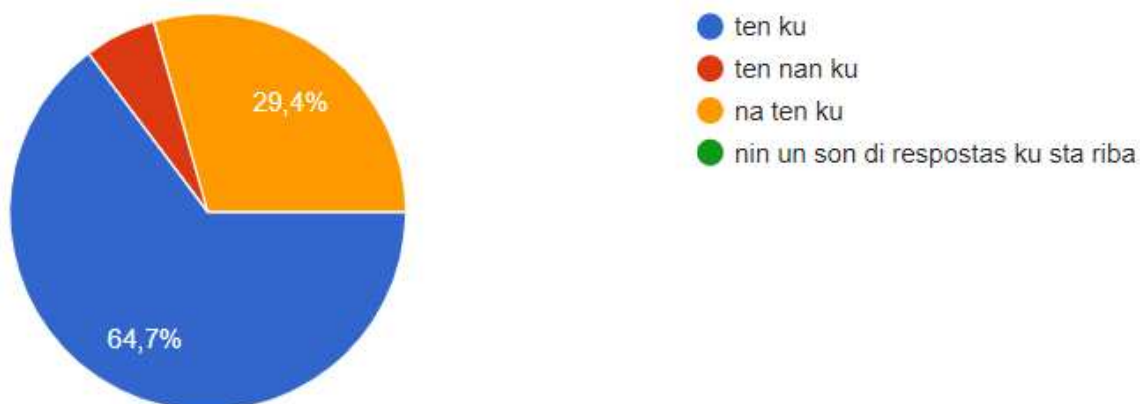
A seguir, apresentamos o contexto 9 do Questionário, seguido do gráfico com os resultados da tarefa aplicada.

Contexto 9 — Modalidade deôntica de obrigação com perspectiva temporal presente e orientação temporal presente.

9. M'pili foi ao hospital nacional Simão Mendes visitar sua irmã que foi evacuada de Biombo para fazer a cesariana. Quando M'pili informou que era irmã da paciente, a recepcionista do hospital permitiu que M'pili fosse até o quarto da irmã fora do horário de visitas. A recepcionista disse para M'pili:

Bu _____ pui e kraxal.

Marque a opção que preenche adequadamente a lacuna da frase com a fala da recepcionista:



O gráfico acima mostra que a primeira alternativa foi escolhida por 64,7%, que corresponde a 11 dos 17 participantes. Nessa opção, o auxiliar modal *ten ku* figura sem partícula de tempo e/ou aspecto, formando, assim, a sequência: *Bu ten ku pui e kraxal*. (Você tem que usar este crachá.). A segunda alternativa foi escolhida apenas por 1 dos 17 participantes, correspondente a 5,9%. Nela, o auxiliar modal *ten ku* figura com a partícula *nan*, de uso enfático na língua, formando a sequência: *Bu ten nan ku pui e kraxal*. (Você tem mesmo que usar este crachá.). A terceira alternativa foi assinalada por 29,4%, que corresponde a 5 dos 17 participantes. Nessa alternativa o auxiliar modal *ten ku* é precedido pela partícula *na*, indicadora de tempo presente e de aspecto progressivo, constituindo, assim, a sequência: *Bu na ten ku pui e kraxal*. (Você tem que usar este crachá.). Nenhum participante assinalou a quarta alternativa, que rejeita todas alternativas anteriores.

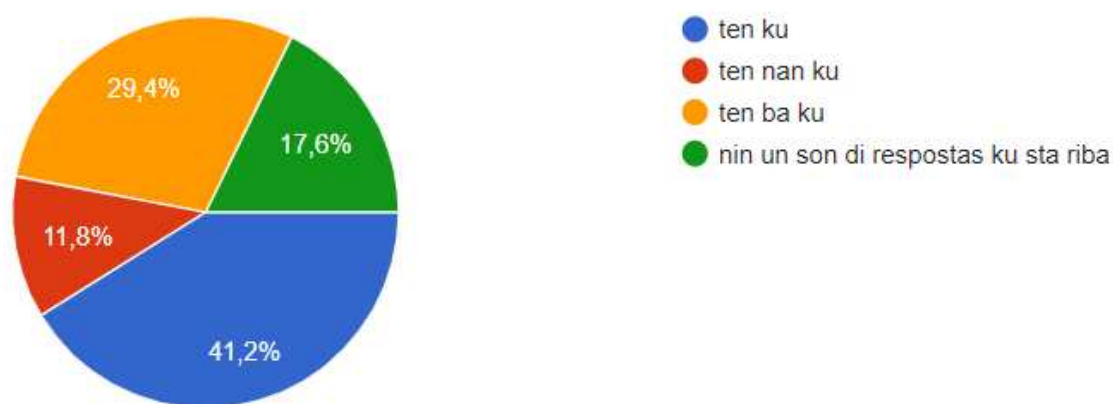
A primeira alternativa foi assinalada pela maioria dos participantes, sinalizando uma preferência pelo emprego da forma não marcada (*ten ku*) em contextos de modalidade com perspectiva e orientação temporal presente. A escolha da segunda alternativa por apenas 1 dos 17 participantes indica que a combinação do modal com a partícula *nan*, com uso enfático na língua, não é comum nesses contextos. A escolha da terceira alternativa por 5 dos participantes indica que a forma *ten ku* precedida pela partícula *na*, indicadora de tempo presente e de aspecto progressivo, é empregada nesses contextos, mas não constitui a forma preferida. Note que os resultados da tarefa para o contexto 9 reforçam indicações anteriores: de que a forma não marcada no guineense não se restringe a contextos de tempo passado, sendo amplamente empregada em contextos com perspectiva e orientação temporal presente. Supomos, ainda, que o baixo índice de escolha pela forma *na ten ku* resulte da incompatibilidade não de tempo mas de aspecto, visto que a sentença alvo do contexto 9 descreve um evento no presente, mas não no aspecto progressivo.

Na sequência, apresentamos o contexto 10 do Questionário, seguido do gráfico com os resultados da tarefa aplicada.

Contexto 10 — Modalidade deontica de obrigação com perspectiva temporal passada e orientação temporal futura.

10. De acordo com a Lei Eleitoral da Guiné-Bissau, a partir dos 18 anos, você é obrigado a votar para deputados da nação e para presidente da república. Fissana fez 18 anos em janeiro, por isso I _____ **vota pa kudji prizidenti di republika na eleison ku pasa.**

Marque a opção que preenche adequadamente a lacuna da frase de acordo com o que é estabelecido na lei:



Os resultados do gráfico acima mostram que a primeira alternativa foi assinalada por 41,2%, que corresponde a 7 dos 17 participantes. Nessa opção, o modal *ten ku* figura sem partícula de tempo e/ou aspecto, formando, assim, a sequência: *I ten ku vota pa kudji prisidenti di republika na eleison ku pasa*. (Ela teve que votar para presidente da república nas últimas eleições). A segunda alternativa foi escolhida por 11,8%, correspondente a 2 dos 17 participantes. Nessa opção, o modal *ten ku* figura com a partícula *nan*, com uso enfático na língua, formando a sequência: *I ten nan ku vota pa kudji prisidenti di republika na eleison ku pasa*. (Ela teve mesmo que votar para presidente da república nas últimas eleições). A terceira alternativa foi assinalada por 29,4%, que corresponde a 5 participantes. Nessa opção, o auxiliar modal *ten ku* se combina com a partícula *ba*, indicadora de tempo anterior e de aspecto imperfeito, constituindo, assim, a sequência: *I ten ba ku vota pa kudji prisidenti di republika na eleison ku pasa*. (Ela tinha que votar para presidente da república nas últimas eleições). Por fim, a quarta alternativa foi assinalada por 17,6%, correspondente a 3 participantes, identificando as anteriores como inadequadas ao contexto descrito.

A escolha da primeira alternativa pela maioria dos participantes da pesquisa indica uma preferência pela forma não marcada do modal em contextos deonticos (de obrigação) com perspectiva temporal passada e orientação temporal futura. A segunda alternativa foi assinalada por apenas 2 participantes, sinalizando que a combinação do modal com a partícula *nan*, com uso enfático na língua, não comumente empregada em tais contextos. A escolha da terceira alternativa por 5 participantes sinaliza na direção de que a combinação do modal com a partícula *ba*, indicadora de tempo passado e de aspecto imperfeito, é aceitável em contextos de modalidade deontica com perspectiva temporal passada e orientação temporal futura. Note que tanto a primeira quanto a terceira alternativa correspondem ao tempo passado, a diferença reside na marcação aspectual: perfectivo, na primeira alternativa; e imperfeito, na terceira. Para esse contexto, ambas as formas seriam possíveis, a depender da interpretação dos participantes: para aqueles que

interpretaram que Fissana compareceu à votação nas últimas eleições, a primeira alternativa se mostra adequada; para aqueles, entretanto, que interpretaram que Fissana não compareceu à votação, violando uma lei, a terceira alternativa se mostra a adequada.

A seguir, apresentamos o contexto 11 do Questionário, seguido do gráfico com os resultados da tarefa aplicada.

Contexto 11 — Contexto controle.

11. Bidansanta fez uma festa de aniversário e convidou alguns de seus amigos da escola. O bolo de chocolate acabou muito rápido, mas sobraram muitos pastéis e "donetis". O que você acha que as crianças da festa mais gostam?

Mininus _____ gosta mas di sokolati.

Marque a opção que preenche adequadamente a lacuna da frase de acordo o objetivo de Bidansanta:



Esta tarefa foi elaborada como um contexto controle do questionário com intuito de avaliar o grau de atenção que cada participante está dedicando à leitura dos contextos e à realização das tarefas aplicadas. Os resultados do gráfico dessa tarefa mostram que a primeira alternativa foi assinalada por 82,4%, que corresponde a 14 dos 17 participantes da pesquisa. Nesta opção, o auxiliar modal *dibi di* figura sem partícula de tempo e/ou aspecto, formando a sequência: *Mininus dibí di gosta mas di sokolati*. (As crianças devem ter gostado mais do chocolate). A segunda e quarta alternativas foram também assinaladas nesta tarefa: a segunda por apenas 1 dos 17 participantes, em que o item modal *dibi di* é precedido pela partícula *ta*, que marca aspecto habitual, constituindo a sequência *Mininus ta dibí di gosta mas di sokolati*. (As crianças devem sempre ter gostado mais do chocolate). A quarta alternativa foi assinalada por 11,8%, correspondente a 2 participantes, identificando as anteriores como inadequadas ao contexto descrito. Consideramos que houve falha na elaboração deste contexto controle, na medida em que a pergunta acerca da sentença alvo: "*O que você acha que as crianças da festa mais gostam?*", com o verbo *gostar* no tempo presente, favorece uma interpretação para além do tempo do evento descrito no contexto. Isto é, alguns participantes parecem ter interpretado que os meninos gostam

mais de chocolate em qualquer situação, e não que gostaram mais do bolo de chocolate da festa, em relação aos *pastéis* ou aos *donetis*. Por essa razão, optamos por não desconsiderar a resposta dos participantes que marcaram uma alternativa diferente da esperada para esse contexto controle.

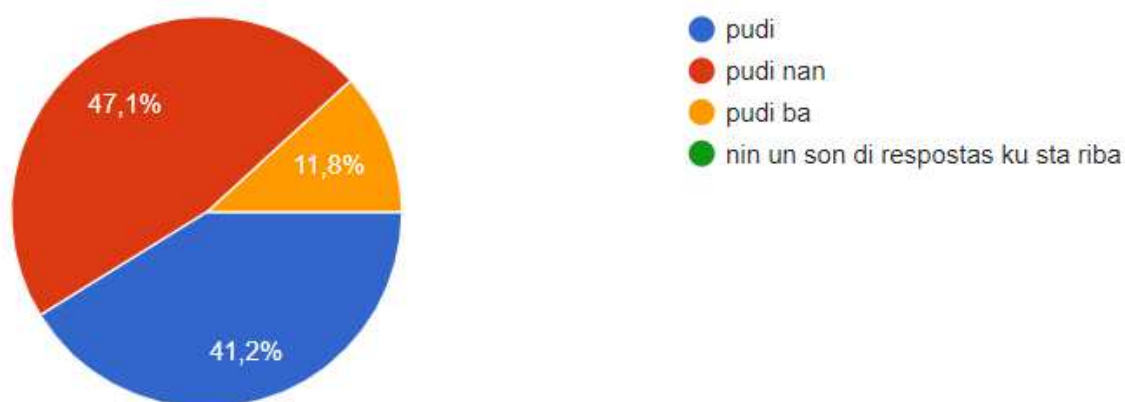
Na sequência, apresentamos o contexto 12 do Questionário, seguido do gráfico com os resultados da tarefa aplicada.

Contexto 12 — Modalidade epistêmica de necessidade com perspectiva temporal presente e orientação temporal passada.

12. Nghansu almoça com as crianças do orfanato todas as sextas-feiras. Mesmo se ele estiver cansado, ele não deixa de ir. Não é obrigatório que Nghansu almoce com as crianças do orfanato todas as sextas-feiras, ele simplesmente vai até lá e faz isso semanalmente. Ontem foi sexta-feira, e Nghansu não apareceu no orfanato na hora do almoço, então as crianças pensaram:

Nghansu _____ sta duenti aonti.

Marque a opção que preenche adequadamente a lacuna da frase com o pensamento das crianças:



O gráfico mostra que a primeira alternativa foi assinalada por 41,2%, que corresponde a 7 dos 17 participantes. Nesta opção, o item modal *pudi* figura sem partícula de tempo e/ou aspecto, formando, assim, a sequência: Nghansu **pudi** sta duenti aonti. (Nghansu pode estar doente ontem.). A segunda alternativa foi escolhida por 47,1%, correspondente a 8 dos 17 participantes. Nela, o modal *pudi* combina com a partícula *nan*, que tem uso enfático na língua, formando a sequência: Nghansu **pudi nan** sta duenti aonti. (Nghansu pode *mesmo* estar doente ontem.). A terceira alternativa foi assinalada por 11,8%, correspondente a 2 participantes. Nesta alternativa o auxiliar modal *pudi* é seguido pela partícula de tempo anterior e de aspecto imperfeito (*ba*), constituindo a sequência: Nghansu **pudi ba** sta duenti aonti. (Nghansu podia estar doente ontem.). Nenhum dos 17 participantes assinalou a quarta alternativa, que rejeita todas as anteriores para o contexto descrito.

A soma dos percentuais para a escolha da primeira e segunda alternativas corresponde a 88,3% dos participantes. Ambas as alternativas exibem a forma não marcada para as categorias tempo e aspecto, diferenciando-se apenas pela (não-)realização da partícula enfática *nan*. Esse resultado indica que a forma não marcada para tempo e/ou aspecto é a preferida para contextos de

modalidade epistêmica com perspectiva temporal presente e orientação temporal passada. Note que, conforme vimos verificando nos dados desse próprio questionário, a forma não marcada não se restringe a descrever eventos passados no guineense, sendo preferida em contexto de perspectiva temporal presente.

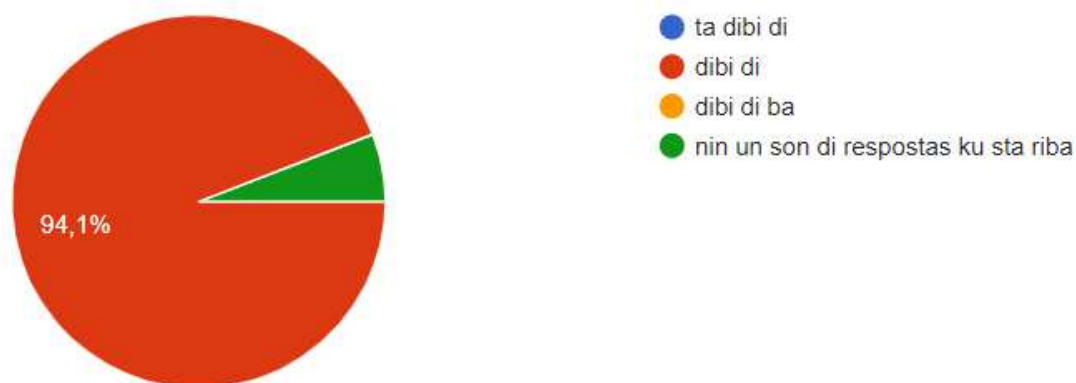
A seguir, apresentamos o contexto 13 do Questionário, seguido do gráfico com os resultados da tarefa aplicada.

Contexto 13 — Contexto controle.

13. Isnaba está doente já faz uma semana. Ele sente uma dor muito forte no joelho, tendo dificuldades até mesmo de caminhar. Ele olha para seu joelho e não parece estar machucado, não está vermelho nem inchado, mas a dor é imensa. O que você acha aconselhável nessa situação?

Isnaba _____ bai pa ospital.

Marque a opção que preenche adequadamente a lacuna da frase com o seu conselho para Isnaba:

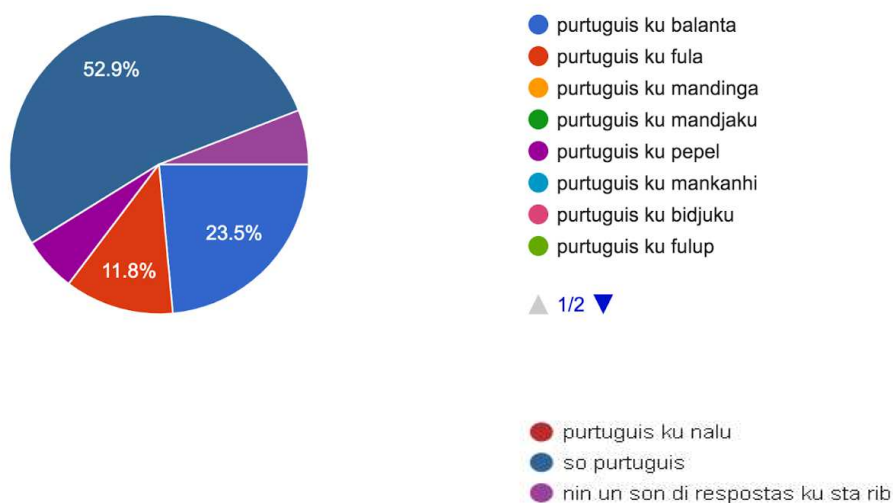


Esta tarefa foi elaborada como um contexto controle do questionário, para avaliar o grau de atenção que cada participante está dedicando à leitura dos contextos e à realização das tarefas aplicadas. Os resultados do gráfico dessa tarefa mostram, claramente, que o emprego do modal sem a presença de partículas é o indicado nesse contexto, considerando a perspectiva temporal presente e a orientação temporal futura. Note que não há, dentre as alternativas, uma forma em que o modal *dibi di* figure com a partícula *na*, que indica tempo futuro; por essa razão, é possível que 1 dos participantes tenha assinalado a última alternativa.

Por fim, apresentamos os dados referentes à questão 14, que indaga sobre as línguas faladas pelos participantes da pesquisa.

14. Marque a opção que apresenta a(s) língua(s) que você fala além do guineense:

17 responses



O gráfico mostra que 52,9%, correspondente a 9 dos 17 participantes, falam guineense e português; 23,5%, correspondente a 4 participantes, falam guineense, português e balanta; 11,8%, correspondente a 2 participantes, falam guineense, português e fula; e 5,9%, correspondente a 1 participante, fala guineense, português e pepel. Um dos 17 participantes assinalou 'nenhuma das respostas acima', o que nos leva a supor que este participante fale outras línguas que não citamos dentre as alternativas, não tendo, conseqüentemente, opção de resposta, ou não tenha feito uma leitura atenta das opções.

A inserção no questionário de uma questão referente à(s) língua(s) falada(s) pelos participantes objetivou verificar quantos deles falam uma língua étnica e, neste caso, qual língua falam. Supomos que esse dado pode nos auxiliar na compreensão de uma possível diferença no uso de marcas de modalidade associadas a partículas indicadoras de tempo e/ou aspecto. Mesmo não sendo o objetivo deste trabalho investigar possíveis influências, por demandar a investigação dessas marcações nas línguas étnicas, consideramos importante registrar tais dados para que possam ser utilizados em pesquisas futuras com esse enfoque.

Comentário final:

A aplicação do Questionário de modalidade epistêmica e deôntica sinalizou na direção de um uso da partícula *ba* — indicadora de tempo passado e aspecto imperfectivo — associada ao item modal em contextos de modalidade deôntica com perspectiva temporal passada e orientação temporal futura (ver contexto 3).

SB 2	T1	A	C	C	C	C	B	A	B	C	C	C	A	C	C	B	A	
	T2	A	A	A	B	A	A	A	B	A	A	A	A	A	B	A	A	
SB 3	T1	2	2	2	2	2	2	2	2	3	3	2	2	4	2	2	2	
	T2	1-2	1-2	1-3	1-2	1-2	1-3	1-2	1-3	1-2	1-2	1-2	1-2	1-2	1-2	1-2	1-2	1-2
		2-3	2-3	2-1	2-3	2-3	2-1	2-3	2-1	2-3	2-3	2-3	2-3	2-3	2-3	2-3	2-3	2-3
3-1		3-1	3-2	3-1	3-1	3-2	3-1	3-2	3-1	3-1	3-1	3-1	3-1	3-1	3-1	3-1	3-1	
SB 4	T	D	A	D	A	D	D	A	B	D	B	D	D	A	D	B	D	

A primeira coluna da Tabela 7 identifica cada uma das quatro *storyboards* (SB) aplicadas aos participantes. A segunda coluna identifica as *tarefas* que integram cada uma das *storyboards*: a primeira e a última SBs têm uma única tarefa a ser respondida pelos participantes; já a segunda e a terceira SBs têm, cada uma, duas tarefas a serem respondidas. Da terceira à décima sexta coluna, apresentamos as respostas de cada um dos dezesseis participantes às diferentes tarefas.

A segunda linha da Tabela 7 mostra as respostas dos 16 (dezesseis) participantes à atividade vinculada à SB 1. Nota-se que, à exceção de um único participante, identificado com o número 11, a resposta para essa atividade foi a letra A, que corresponde ao item modal deontico de possibilidade, denotando permissão. Esse resultado indica que o item modal *pudi* (poder) é o único, dentre as alternativas de resposta apresentadas, compatível com um contexto de permissão, sinalizando na direção de que a força modal é marcada no léxico em guineense, à semelhança do português.

A terceira linha da Tabela 7 mostra as respostas dos participantes à atividade 1 da SB2: a resposta C foi assinalada por 9 participantes; a resposta A, por 4 participantes; a resposta B, por 3 participantes; e a resposta D não foi assinalada por nenhum dos participantes. A alternativa C corresponde ao enunciado “Bu ka dibidi montia limarias!” (Você não deve caçar os animais!). O fato de essa alternativa ter sido assinalada por mais da metade dos participantes sugere que os falantes do guineense identificam diferenças resultantes do emprego dos itens *ten ku* (ter que), *pudi* (poder) e *dibidi* (dever), única distinção entre os enunciados das alternativas A, B e C, já que, nessas três alternativas, tem-se a realização da partícula de negação (ka) e a descrição de um

mesmo evento sob o escopo do modal, qual seja: *bu montia limarias* (você caçar animais). Note que não há diferenças de tempo e/ou aspecto entre as sentenças dadas nas alternativas A, B e C.

Temos por hipótese que a escolha pela alternativa C se deve ao entendimento de que o auxiliar modal *dibidi* (dever) expressa, nesse contexto, uma ideia de conselho. O fato de a alternativa B ter sido escolhida por apenas 3 participantes parece indicar que o verbo *pudi* foi interpretado como um modal de proibição, significando, portanto, que o interlocutor *não é autorizado para realizar evento de “montia limarias”* (caçar animais), interpretação que, nesse contexto, seria adequada. Aqueles participantes que assinalaram essa alternativa, possivelmente, consideraram uma diferença hierárquica entre os interlocutores, associando o pai a uma figura autoritária.

No enunciado da alternativa A, tem o verbo modal *ten ku* (ter que), antecedido da partícula *ka* (de negação), que parece expressar, em guineense, uma ordem para a não realização do evento “*montia limarias*”. Os participantes que indicaram essa alternativa, provavelmente, interpretaram a fala do pai como autoritária. Os dados sinalizam na direção de que o enunciado “*Bu ka ten ku montia limarias*” foi interpretado como uma ordem para *não caçar os animais*, enquanto o enunciado “*Bu ten ku montia limarias*” como uma ordem para *caçar animais*. Este é um dado muito importante, porque aponta para uma diferença entre o guineense e o português brasileiro em relação ao uso do modal deôntico de necessidade *ten ku/ter que* com a negação. No português brasileiro, quando o modal *ter que* é antecedido pelo item de negação *não*, o modal adquire uma leitura de possibilidade, significando algo como: “Você não tem que caçar animais (ou seja: você não é obrigado a caçar animais, mas você pode fazer isso se você quiser). Já em guineense, quando o modal *ten ku* é antecedido da partícula de negação (*ka*), o significado parece ser o de uma proibição: “*Bu ka ten ku montia limarias*”, semelhante ao uso do modal *pudi* no enunciado “*Bu ka pudi montia limarias*”, mas com maior força modal. Esse dado sugere que o escopo da negação, em guineense, está abaixo de *ten ku* (ter que), o que precisa ser investigado de forma mais acurada em pesquisa futura.

A maior escolha pela alternativa C foi, provavelmente, por o modal *dibidi*, diferentemente de *ten ku*, poder ser associado a um conselho, ao invés de a uma ordem, parecendo tratar-se de uma estratégia linguística para não passar a impressão de uma pessoa autoritária. No português brasileiro, a negação antecedendo o auxiliar modal *dever* no aspecto imperfectivo (não deveria) vai também mudar a conotação desse modal de *ordem* para *conselho*. Esses dados apontam a importância de investigar itens modais de forma não isolada, ou seja, atentar para sua relação com outras categorias funcionais, como tempo, aspecto e negação sentencial.

Por fim, na alternativa D, que não foi assinalada por nenhum dos participantes, também é empregado o modal *dibidi*, mas nesse enunciado o item modal coocorre com a partícula *ba*, que marca tempo anterior e aspecto imperfeito: “Bu ka dibidiba montia limarias!” (Você não devia caçar os animais!/Você não devia ter caçado animais). O fato de nenhum dos participantes ter marcado essa alternativa é interessante, uma vez que o aspecto imperfeito é, comumente, associado a conselho em muitas línguas, por demarcar polidez. No caso do guineense, entretanto, os dados para o enunciado “Bu ka dibidiba montia limarias!” não apontam nessa direção, sugerindo que *dibidi*, quando combinado com *ba*, assume uma interpretação de repreensão ou crítica, porque essa partícula indica o tempo passado. Observamos, contudo, que não há dados suficientes para se chegar a uma conclusão nessa linha; temos aqui, portanto, mais uma sugestão de investigação futura, qual seja: o estudo da modalidade simbulética (conselho) no guineense e suas diferenças em relação à modalidade deôntica.

A linha 4 da Tabela 7 mostra as respostas dos participantes para a atividade 2 da SB2. De um total de 16 (dezesesseis) participantes, 13 (treze) assinalaram a alternativa A, indicando que o modal *pudi* (poder) denota modalidade epistêmica; 3 (três) assinalaram a alternativa B, indicando que *pudi* denota modalidade habilitativa; e nenhum dos participantes assinalou a alternativa C, indicativa de modalidade deôntica. Os resultados dessa tarefa mostram que a interpretação epistêmica é a preferida nesse contexto, por indicar a possibilidade de o evento acontecer. A leitura associada à capacidade do leopardo para realizar o evento (devorar o caçador) revelou-se como uma interpretação possível nesse contexto, uma vez que foi escolhida por 3 (três) dos participantes, mas não a preferida. Supomos que a baixa marcação dessa alternativa decorre do nosso conhecimento de mundo sobre a ferocidade dos animais silvestres, parecendo implausível o pensamento do caçador na direção de questionar a capacidade do leopardo de devorá-lo. Por fim, a leitura deôntica não foi indicada por nenhum dos participantes. Esse resultado era esperado, uma vez que o contexto apresentado ao participante é o de um habitat natural do leopardo, não sugerindo tratar-se de um animal treinado, que poderia obedecer ao comando de um treinador, por exemplo. Os resultados dessa tarefa sinalizam na direção de que, em guineense, adjetivos modais, como *pusivel* (possível), e verbos plenos, como *konsigui* (conseguir) e *pirmiti* (permitir), não têm seu sentido modal dependente do contexto, à semelhança do que ocorre no português, com os adjetivos *possível* e *provável*, que denotam modalidade epistêmica, e com os verbos plenos *conseguir*, *proibir* e *permitir*, em que os dois últimos denotam modalidade deôntica. Esse aspecto precisa, entretanto, ser investigado com tarefas que nos permitam avaliar dados negativos, mais um tema interessante de ser abordado em futuras

pesquisas. Tal análise nos permitiria averiguar se o guineense possui no seu léxico itens modais cuja interpretação é dependente do contexto, como os verbos *pudi*, *dibidi* e *ten ku*, e também itens modais com uma interpretação inerente, já determinada no léxico, como é o caso dos itens modais adjetivos e verbos plenos citados acima.

A linha 5 da Tabela 7 registra as respostas dos participantes à atividade 1 da SB3. Essa tarefa foi elaborada para ser uma questão controle na tarefa experimental, a fim de avaliar o grau de atenção que cada participante está dedicando à leitura dos contextos e à realização das atividades. A resposta a ser indicada nesta atividade é a da segunda imagem, que retrata duas costureiras tirando a medida de um vestido. A informação sobre a profissão das irmãs Suncar e Sona não está explícita no contexto da história, embora a imagem do primeiro quadro da SB3 aponte fortemente para essa conclusão. A segunda imagem foi assinalada por 13 (treze) dos 16 (dezesesseis) participantes, indicando que a grande maioria dos participantes resolveu a tarefa com atenção. As terceira e quarta imagens foram também assinaladas nesta tarefa: a terceira, por 2 (dois) participantes; e a quarta, por 1 (um) participante. A escolha pela terceira imagem foi motivada, muito provavelmente, por informações dadas no contexto da SB3, que traz informações de que as irmãs costuravam roupas de bonecas quando crianças. As imagens de bonecas nessa alternativa possivelmente nortearam a marcação desses 2 participantes. Consideramos a inserção da terceira imagem uma falha na atividade que pretendíamos usar como controle da tarefa. Por fim, a escolha da quarta imagem nos sugeriu que um dos participantes, identificado como o de número 13, realizou a tarefa de forma desatenta.

A linha 6 da tabela 7 mostra as respostas dos participantes à atividade 2 vinculada à SB3. A tarefa requer que os participantes associem diferentes itens indicadores de modalidade epistêmica com igual força modal, advérbios e verbos auxiliares modais. Dos 16 (dezesesseis) participantes da pesquisa, 13 (treze) associaram o advérbio *talbes* (talvez) com *pudi* (poder) e 3 (três) participantes associaram *talbes* com o *ten ku* (tem que). Esse resultado indica que em guineense *pudi* corresponde a um modal com força de possibilidade equivalente à do advérbio *talbes*, ambos empregados em contextos nos quais há uma menor certeza em relação ao evento descrito. A associação de *talbes* com o modal *ten ku*, feita por 3 dos participantes, nos gerou um certo estranhamento, por o modal *ten ku* figurar em contextos com um grau de certeza maior sobre a informação presente na sentença. É interessante também a ausência de marcações na combinação do advérbio *talbes* com o modal *dibidi* (dever), que, à semelhança de *pudi*, é comumente empregado em contextos de modalidade epistêmica fraca. A associação do

advérbio *sertamenti* (certamente) com o modal *ten ku* foi feita por 13 dos 16 participantes. Esse resultado, em princípio, sinaliza na direção de que o modal *ten ku* figura em contextos epistêmicos em que se tem maior certeza sobre o conteúdo afirmado. Três participantes relacionam o advérbio *sertamenti* com o modal *dibidi*, uma correspondência tão inesperada quanto à associação de *talbes* com *ten ku*, feita igualmente por 3 participantes. O maior índice de correspondência entre itens modais, assinalado por 15 (quinze) dos 16 participantes, foi entre *provavelmenti* e *dibidi*, indicando que *dibidi* é utilizado em contextos de modalidade epistêmica de possibilidade. Por fim, um único participante associou o advérbio *provavelmenti* com o modal *pudi*, o que parece ser uma combinação possível na língua, mas não comum, se considerarmos tal resultado. O que consideramos mais interessante nos resultados dessa tarefa foi a indicação de que os falantes de guineense percebem uma gradação na força modal dos advérbios *talbes*, *provavelmenti* e *sertamenti* equivalente à dos verbos auxiliares modais *pudi*, *dibidi* e *ten ku*, considerando que foram altos os índices de associação de *talbes* com *pudi* (13/16); de *provavelmenti* com *dibidi* (15/16); e, por fim, de *sertamenti* com *ten ku* (13/16).

A linha 7 da Tabela 7 registra as respostas dos 16 participantes à atividade vinculada à SB4. Essa tarefa visa a depreender qual item modal é empregado em contextos de necessidade epistêmica — em que se tem um grau maior de certeza sobre a suposição feita, visto que a palavra do ancião, detentor do conhecimento na tabanca (aldeia), é recebida pelos demais membros da comunidade como uma expressão certa do que está sendo enunciado. Os resultados indicam que 4 (quatro), dos 16 participantes, assinalaram a alternativa A, em que é utilizado o modal *pudi*; e 3 (três), a alternativa B, em que é utilizado o modal *dibidi*. Nenhum dos participantes assinalou a alternativa C, em que se utilizou o modal *ten ku*. A partir disso, torna-se interessante investigar o emprego desse item modal (*ten ku*) em contextos de necessidade epistêmica, com a eliciação de dados negativos. Cabe ressaltar que a maioria dos participantes (9/16) assinalou a alternativa D: “I sarampu!” (É sarampo!), sem o emprego de nenhum item modal, mas que captura o alto grau de certeza associado ao enunciado no uso do modo indicativo. Em conversa com dois dos participantes, depois da aplicação da tarefa, foi relatado a este pesquisador que, se não tivesse a alternativa D, esses participantes teriam escolhido a alternativa C. Logo, consideramos que a inserção da alternativa D, sem emprego de nenhuma forma modal, prejudicou o resultado da aplicação dessa tarefa, indicando uma necessidade de reformulação¹². É interessante comparar os resultados dessa tarefa com a anterior (SB3), em que 13 participantes assinalaram uma

¹² Na versão da tarefa a ser aplicada aos 16 (dezesseis) participantes que vivem na Guiné-Bissau reformulamos a atividade vinculada à SB4, excluindo a forma que não contém nenhum item modal “I sarampu!” (É sarampo!) dentre as alternativas de resposta.

correspondência entre o advérbio *sertamenti* e o verbo *ten ku*. Em relação ao resultado da tarefa da SB3, levantamos a possibilidade de os participantes terem se guiado pela correspondência existente apenas entre os itens modais *sertamenti* e *ten ku*, independente do contexto em que estão sendo empregados, que é o de modalidade epistêmica. De qualquer forma, a diferença que emergiu da aplicação dessas duas SBs ressalta a importância de investigar o emprego de *ten ku* em contextos epistêmicos com a eliciação de dados negativos.

4.2.2 Dados de falantes nativos de guineenses residentes na Guiné-Bissau

A Tabela 8, a seguir, apresenta as respostas de 16 (dezesesseis) participantes da pesquisa —falantes nativos de guineenses que residem na Guiné-Bissau— para cada uma das atividades propostas. Os termos *storyboard* e *tarefa* foram abreviados para SB e T, respectivamente.

Tabela 8 - Respostas das atividades da técnica storyboards.

		1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	
SB1	T1	A	A	C	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	
SB2	T1	C	A	D	B	C	D	A	C	D	C	D	C	B	C	C	B	
	T2	A	A	A	A	A	A	C	A	A	A	A	B	A	A	A	A	
SB3	T1	2	2	1	0	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	
	T2	1-1	1-2	1-3	1-2	1-3	1-2	1-0	1-2	1-2	1-2	1-2	1-2	1-2	1-2	1-2	1-2	1-2
		2-3	2-3	2-1	2-3	2-2	2-3	2-2	2-3	2-1	2-3	2-1	2-3	2-3	2-3	2-0	2-1	2-3
		3-2	3-1	3-2	3-1	3-1	3-1	3-0	3-1	3-3	3-1	3-3	3-1	3-1	3-0	3-3	3-1	
SB4	T1	A	A	A	A	A	B	A	C	C	B	B	B	B	B	B	B	

A primeira coluna da Tabela 8, à semelhança da tabela 7, identifica cada uma das quatro *storyboards* (SB) aplicadas às participantes da pesquisa, residentes na Guiné-Bissau. A segunda coluna identifica as *tarefas* associadas a cada uma das *storyboards*: a primeira e a última SBs têm uma única tarefa, enquanto a segunda e a terceira têm, cada uma, duas tarefas. Da terceira à décima sexta coluna, transcrevemos as respostas dos participantes a cada uma das tarefas.

A segunda linha da Tabela 8 apresenta os dados correspondentes às respostas dos participantes residentes na Guiné-Bissau à atividade da SB 1. De um total de 16 participantes, 15 assinalaram a alternativa A, correspondente ao enunciado “*Bu pudi brinka gosi.*” (Você pode brincar agora.), indicando que *pudi* (poder) é empregado como um modal deôntico de permissão. Apenas 1 dentre os participantes assinalou a alternativa C, associada ao enunciado “*Bu ten ku brinka gosi.*” (Você tem que brincar agora.), em que o modal parece estar ligado à noção de obrigação. Essa marcação não era esperada nesse contexto, visto que se trata de uma não obrigatoriedade, e sim uma permissão para realização do evento de *brincar*.

Antes de prosseguirmos com a análise dos dados da Tabela 8, apresentamos na Tabela 9, a seguir, as respostas das atividades da técnica *storyboards* dos dois grupos dos participantes da pesquisa, com propósito de facilitar a comparação e o manejo dos dados de ambos grupos. A primeira coluna da Tabela 9, à semelhança das tabelas 7 e 8, identifica cada uma das quatro *storyboards* (SB) aplicadas aos dois grupos dos participantes da pesquisa, residentes no Brasil e na Guiné-Bissau. A segunda coluna identifica as *tarefas* associadas a cada uma das *storyboards*: a primeira e a última SBs possuem uma tarefa cada, enquanto a segunda e a terceira possuem, cada uma, duas tarefas. Na terceira e quarta coluna, transcrevemos as respostas dos participantes de ambos grupos a cada uma das tarefas.

Tabela 9 - Respostas das atividades da técnica *storyboards* de dois grupos de pesquisa

		DADOS DOS PARTICIPANTES RESIDENTES NO BRASIL	DADOS DOS PARTICIPANTES RESIDENTES NA GUINÉ-BISSAU
SB 1	T	A = 15 B = 01 C = 00	A = 15 B = 00 C = 01
SB 2	T1	A = 04 B = 03 C = 09 D = 00	A = 02 B = 03 C = 07 D = 04
	T 2	A = 13 B = 03 C = 00	A = 14 B = 01 C = 01

SB 3	T 1	A = 00 B = 13 C = 02 D = 01	A = 01 B = 14 C = 00 D = 00
	T 2	1 - 1 = 00 1 - 2 = 13 1 - 3 = 03 2 - 1 = 03 2 - 2 = 00 2 - 3 = 13 3 - 1 = 13 3 - 2 = 03 3 - 3 = 00	1 - 1 = 01 1 - 2 = 12 1 - 3 = 02 1 - 0 = 01 2 - 1 = 04 2 - 2 = 02 2 - 3 = 09 2 - 0 = 01 3 - 1 = 09 3 - 2 = 02 3 - 3 = 03 3 - 0 = 02
SB 4	T	A = 04 B = 03 C = 00 D = 09	A = 06 B = 08 C = 02 -----

Cabe destacar que o tracejado (---) abaixo dos dados na sétima linha da Tabela 9 indica a modificação feita no formato da tarefa de SB 4 aplicada aos guineenses residentes na Guiné-Bissau, enquanto as combinações 1-0, 2-0 e 3-0 identificam os participantes que não associaram os advérbios *talbes*, *sertamenti* e *provavelmenti* a nenhum verbo modal.

Note que os resultados da aplicação da Tarefa 1 da SB1 é muito semelhante entre os guineenses que residem no Brasil, cujos dados foram transcritos na Tabela 7, e os guineenses que residem na Guiné-Bissau, cujos dados estão na Tabela 8. Em ambos os casos, houve 15 participantes assinalando a alterantiva A, indicando claramente o uso de *pudi* em contextos

deônticos de permissão.

A terceira linha da Tabela 8 apresenta os dados dos participantes para a atividade 1 da SB2. A alternativa A, correspondente ao enunciado “*Bu ka ten ku montia limarias!*” (Você não tem que caçar os animais!), foi indicada por 2 participantes, um número inferior ao obtido com a aplicação da tarefa a guineenses que vivem no Brasil, onde 4 participantes indicaram essa opção. A resposta B, correspondente ao enunciado “*Bu ka pudi montia limarias!*” (Você não pode caçar os animais!), foi escolhida por 3 dentre os 16 participantes. A alternativa C, correspondente ao enunciado “*Bu ka dibidi montia limarias!*” (Você não deve caçar os animais!), foi assinalada por 7 participantes. Essa marcação sinaliza na direção de que o modal *dibidi* (dever) é o preferido nesse contexto de fala do pai ao filho sobre a ação de caçar animais, que possivelmente foi associada a um enunciado de conselho, e não propriamente de ordem. Um resultado semelhante foi obtido na aplicação da tarefa a falantes guineenses residentes no Brasil, em que 9 dentre os 16 participantes assinalaram também a alternativa C. Por fim, a alternativa D, correspondente ao enunciado “*Bu ka dibidi ba montia limarias!*” (Você não devia caçar os animais!), foi escolhida por 4 participantes. Nessa alternativa, o modal *dibidi* (dever) se combina com a partícula *ba*, indicadora de tempo anterior e de aspecto imperfectivo, dando a ideia de que o evento descrito já havia ocorrido, denotando, assim, repreensão ou crítica. Considerando que a fala do pai é trazida na história como uma lembrança de Aladje, a associação às noções de repreensão e/ou crítica não parecem adequadas, o que sugere a baixa marcação dessa alternativa nos dois grupos de participantes da pesquisa: nenhuma marcação dentre os participantes guineenses residentes no Brasil e apenas 4 marcações dentre os guineenses residentes na Guiné-Bissau.

A quarta linha da Tabela 8 apresenta os dados resultantes da aplicação da tarefa 2 da SB2. De um total de 16 (dezesseis) participantes, 14 assinalaram a alternativa A: “*I possível ku es onsa na ngulin bibu.*” (É possível que esta onça me devore inteiro.), em que *pudi* denota modalidade epistêmica (de possibilidade). Um resultado semelhante foi obtido na aplicação dessa mesma tarefa aos 16 guineenses residentes no Brasil, dentre os quais 13 assinalaram a alternativa A. As alternativas B e C, correspondentes aos enunciados “*Es onsa na konsigui ngulin bibu.*” (Esta onça consegue me devorar inteiro.) e “*Es onsa tene permison pa ngulin bibu.*” (Esta onça tem permissão para me devorar inteiro.), respectivamente, foram assinaladas, cada uma, por apenas 1 dentre os 16 participantes. Esse resultado mostra uma clara preferência pela interpretação epistêmica para o auxiliar modal *pudi* nesse contexto.

A quinta linha da Tabela 8 mostra as respostas dos participantes residentes na Guiné-Bissau à tarefa 1 da SB3. Conforme já mencionado acima, esta corresponde a uma tarefa controle, inserida

para medir o grau de atenção dos participantes na leitura dos contextos e das tarefas. A resposta esperada para a tarefa controle é a marcação da segunda imagem, em que as irmãs Suncar e Sona estão fazendo medições em um tecido. A profissão das irmãs não é informada diretamente no contexto da história, mas há indicativos claros que apontam para a de *costureira*, profissão associada à imagem 2. Essa imagem foi assinalada por 14 dos 16 participantes da pesquisa, indicando que a grande maioria resolveu a tarefa com atenção. A primeira imagem representa a profissão de professora, assinalada por apenas 1 dentre os 16 participantes, sugerindo desatenção na realização da tarefa, visto que tal imagem não estabelece nenhuma relação com o contexto descrito. Nota-se que um dentre os 16 participantes, identificado na Tabela 8 como o de número 4, não respondeu a essa tarefa. Por fim, observamos que os dados dos dois grupos participantes da pesquisa foram muito semelhantes em relação à tarefa controle, indicando um grau de atenção na leitura das histórias e na realização das tarefas.

A sexta linha da tabela 8 mostra as respostas dos participantes residentes na Guiné-Bissau à tarefa 2 da SB3. Dos 16 (dezesseis) participantes da pesquisa, 12 associaram o advérbio *talbes* (talvez) com o auxiliar modal *pudi*; 2 participantes associaram *talbes* com *ten ku*; 1 participante associou *talbes* com *dibidi*. Observamos que 1 dos participantes não associou o advérbio *talbes* a nenhum item modal. Esse resultado sinaliza na direção de que *pudi* corresponde a um modal com força de possibilidade, empregado para fazer suposições em relação ao evento descrito, à semelhança do advérbio *talbes*. O advérbio *sertamenti* (certamente) foi associado ao modal *ten ku* por 9 participantes; ao modal *dibidi*, por 4 participantes; e ao modal *pudi*, por 2 participantes. Um dos participantes não associou o advérbio *sertamenti* a nenhum verbo modal. Tal resultado indica que o auxiliar modal *ten ku* é empregado em contextos em que se tem maior certeza sobre o conteúdo afirmado. É importante observar que, no português brasileiro, o uso do auxiliar *tem que* não é comum em contextos de necessidade epistêmica, como o descrito nesta tarefa (cf. Pessotto 2015). Por isso, surpreendeu-nos o número expressivo de participantes que escolheram essa alternativa. É possível, pelo desenho da tarefa, que o participante tenha guiado sua resposta pela associação puramente do advérbio *sertamenti* com o item modal *ten ku*, sem considerar o contexto epistêmico, uma vez que, em contextos deonticos de necessidade, por exemplo, essa correspondência é a preferida. Em relação ao guineense, é necessário a realização de uma pesquisa com esse enfoque específico, a fim de averiguar se essa língua se comporta à semelhança do português, ou se, de fato, o modal *ten ku* expressa necessidade epistêmica em guineense. Por fim, o advérbio *provavelmenti*

(provavelmente) foi associado ao modal *dibidi* por 9 participantes; ao modal *pudi*, por 2 participantes; ao modal *ten ku*, por 3 participantes. Ressaltamos que 2 dos participantes, identificados na Tabela 8 como 7 e 14, não associaram o advérbio *provavelmenti* a nenhum item modal. Esse resultado não foi tão expressivo em relação ao obtido com a aplicação da tarefa nos guineenses que vivem no Brasil, em que 15 participantes associaram o advérbio *provavelmenti* ao modal *dibidi*, mas, mesmo assim, aponta para o emprego de *dibidi* em contextos epistêmicos. Ao compararmos os dados da Tabela 8 com os da Tabela 7, verificamos que ambos indicam que em guineense há uma gradação na força modal dos advérbios *talbes*, *provavelmenti* e *sertamenti* equivalente à dos verbos auxiliares modais *pudi*, *dibidi* e *ten ku*.

Antes de passarmos à apresentação e comentário dos resultados da tarefa da SB4, é importante observar que foi feita uma modificação no formato dessa tarefa em relação à aplicada aos guineenses residentes no Brasil. Na primeira versão da tarefa, cujos resultados estão transcritos da Tabela 7, havia quatro alternativas para os participantes assinalarem: “*I pudi sedu sarampu.*” (Pode ser sarampo); “*I dibidi sedu sarampu.*” (Deve ser sarampo.); “*I ten ku sedu sarampu.*” (Tem que ser sarampo.) e “*I sarampu.*” (É sarampo.), respectivamente. Na versão aplicada aos participantes residentes na Guiné-Bissau, foi excluída a última dessas alternativas (“*I sarampu.*”), por essa alternativa ter sido a escolhida pela maior parte dos participantes guineenses residentes no Brasil: 9 dentre os 16 participantes. Considerando que no enunciado dessa alternativa não tem auxiliar modal, os resultados obtidos revelam apenas uma preferência pelo modo indicativo nesse contexto ao invés do uso de um auxiliar modal. Nesse sentido, optamos pela retirada da alternativa “*I sarampu.*”, mantendo as demais, para forçar o participante a escolher entre enunciados com emprego de itens modais.

A sétima linha da Tabela 8 apresenta os resultados da tarefa da SB4 aplicada aos participantes residentes na Guiné-Bissau. Nesta tarefa, nosso objetivo foi verificar qual item modal é preferido em contextos de necessidade epistêmica. Os resultados mostram que a primeira alternativa, correspondente ao enunciado “*I pudi sedu sarampu.*” (Pode ser sarampo), foi assinalada por 6 participantes; a segunda alternativa, correspondente a “*I dibidi sedu sarampu.*” (Deve ser sarampo.), foi assinalada por 8 participantes; e, por fim, a terceira alternativa, correspondente a “*I ten ku sedu sarampu.*” (Tem que ser sarampo.), foi assinalada por apenas 2 participantes. Os dados obtidos com a reformulação da tarefa da SB4 foram muito interessantes, pois apontam na direção de que os guineenses raramente empregam o auxiliar modal *ten ku* em contextos de modalidade epistêmica de necessidade, manifestando uma preferência pelo uso do

modal *dibidi* — marcado por 8 dos participantes, seguido pelo uso de *pudi* — marcado por 6 dos participantes. O modal *ten ku* foi o que obteve menor índice de escolha para este contexto (de necessidade epistêmica), assinalado por apenas 2 dos 16 participantes.

4.3. Narrativas orais

Agostinho e Rech (2023) apontam que a forma ideal de trabalhar a técnica de *narrativas orais* é o próprio pesquisador fazer a coleta, a transcrição e a glosa das histórias durante o trabalho de campo. Se ele não for falante nativo, deve contar com a colaboração e/ou revisão de um falante nativo para organizar os dados. No caso deste estudo em específico, o pesquisador é falante nativo de guineense, mas, por não estar na Guiné-Bissau, teve de recorrer a dados já gravados, realizando, entretanto, a transcrição e a glosa.

As sentenças a seguir foram transcritas da parte inicial da narrativa oral *Stória di Nghansu* (A história de Nghansu)¹³. Abaixo de cada sentença, montamos uma tabela com quatro linhas: na primeira linha, apresentamos a segmentação por palavras; na segunda linha, por morfemas; na terceira linha, apresentamos a glosa do dado; e, por fim, na quarta linha, a tradução livre.

(38) I pudi lusidanu pa no pudi tene un lus.

Palavra	I	pudi	lusidanu		pa	no	pudi	tene	un	lus
Morfema	I	pudi	lusida	nu	pa	no	pudi	tene	un	lus
Glosa	Ele	Modal Epist. (Possib.)	elucidar	nos	para	nós	Modal Epist. (Possib.)	ter	uma	luz
Tradução	Ele pode nos elucidar para que possamos ter uma luz.									

(39) (...) ku pudi numianu.

Palavra	ku	pudi	numianu
---------	----	------	---------

¹³ A transcrição do trecho inicial da narrativa oral *Stória di Nghansu* (A história de Nghansu) está no Anexo 5, seguida de sua tradução. Neste trabalho, optamos por não fazer a transcrição da história completa, por ser muito longa, gerando muitos dados que não estão diretamente relacionados com esta pesquisa. Como houve a produção de muitos itens modais ao longo de toda a história, a transcrição apenas da primeira parte da narrativa já nos permitiu a seleção de dados interessantes para contrastar com os gerados nos questionários e nas storyboards.

Morfema	ku	pudi	numia	nu
Glosa	que	Modal Epist. (Possib.)	iluminar	nos
Tradução	(...) que pode nos iluminar.			

(40) I ka el ku dibidi fala kila.

Palavra	I	ka	el	ku	dibidi	fala	kila
Morfema	I	ka	el	ku	dibidi	fala	kila
Glosa	É	não	ele	que	Modal Deo. (Necess.)	falar	aquilo
Tradução	Não é ele que deve se pronunciar sobre aquilo.						

(41) Anton, i ten ba ku ba konta kila.

Palavra	Anton	i	ten	ba	ku	ba	konta	kila
Morfema	Anton	i	ten	ba	ku	ba	konta	kila
Glosa	Então	ele	Modal Deo. (Necess.)	MAnt	que	ir	contar	aquele
Tradução	Então, ele, o chefe de posto, tinha que contar ao seu superior.							

Nas sentenças desse exemplo, é possível observar o emprego dos verbos auxiliares modais *pudi* (poder), *dibidi* (dever) e *ten ku* (ter que), denotando modalidade deôntica e epistêmica, a depender da sentença. Em (38), temos uma sentença complexa, com duas ocorrências do auxiliar modal *pudi*, uma no domínio matriz e outra no domínio encaixado. Nas duas ocorrências, esse item modal está sendo empregado com conotação epistêmica. Em (39), o modal *pudi* também está denotando modalidade epistêmica. Ao longo da narrativa oral (ver Anexo 5), há muitas ocorrências do auxiliar modal *pudi*, que alternam entre modalidade epistêmica e habilitiva — expressando habilidade ou

capacidade; o emprego de *pudi* para expressar modalidade deôntica teve baixa ocorrência no trecho transcrito da narrativa. Em (40) e (41), os itens modais *dibidi* e *ten ku*, respectivamente, denotam modalidade deôntica de necessidade.

Os dados transcritos da narrativa oral são muito importantes para a pesquisa, por constituírem uma produção espontânea do item modal e também por apresentar um contexto rico, que possibilita a identificação precisa da conotação com a qual foi empregado. Além desses fatores, em uma narrativa oral, ocorre a descrição de eventos em diferentes tempos e/ou aspectos, fornecendo dados naturais da integração das categorias TMA no guineense.

Consideremos, por exemplo, a sentença em (41), em que o auxiliar modal *ten ku* figura com a partícula *ba*, indicadora de tempo passado e aspecto imperfectivo. É interessante observar que tal partícula ocorre entre o verbo *ten* (ter) e o que parece ser um complementizador *ku* (que). A sequência *ten ku* parece constituir uma unidade em guineense, visto que expressa, a depender do contexto, uma única noção modal, conforme mostramos ao longo deste estudo.

É importante notar que partículas TMA pós-verbais, como 'ba', se realizam entre as sequências que integram esse auxiliar modal, conforme mostra a sentença do exemplo (4). Talvez não seja possível afirmar que há, nesses casos, inserções de material léxico entre *ten* e *ku*, rompendo um unidade dessa forma, por se tratar de uma categoria funcional indicadora de tempo e aspecto.

No português brasileiro, temos evidências do rompimento de uma unidade na forma do auxiliar modal *ter que*, uma vez que é possível inserir, entre o 'ter' e o 'que', um item de natureza adverbial, como em: "O professor tem *sempre* que pedir silêncio antes do início da aula". Embora haja tal possibilidade, são poucos os itens admitidos nessa posição em português brasileiro. No caso do guineense, parece também ser possível a inserção do item lexical adverbial *sempri* (sempre) entre o *ten* e o *ku*, no julgamento deste pesquisador; contudo, não foram investigados esses casos neste trabalho.

Um dos principais objetivos da nossa pesquisa foi analisar a relação dos itens auxiliares modais com categorias TMA, marcadas por partículas em guineense. Não consideramos casos como o ilustrado em (4), com um aparente rompimento na forma *ten ku*, em que a partícula 'ba' se posiciona entre os elementos que integram o modal.

A ocorrência de material interveniente entre o *ter* e o *que*, no português brasileiro, é um fenômeno bastante complexo de explicar. As pesquisas não apontam até o momento uma análise com a proposição de uma estrutura sintática com poder explanatório nesses casos.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os dados analisados neste estudo sinalizam que os auxiliares *pudi* (poder), *dibidi* (dever) e *ten ku* (tem que) expressam diferentes tipos de modalidade em guineense a depender do contexto em que são empregados, à semelhança do que ocorre no português brasileiro. Um dos sentidos associados ao modal *pudi* é o de possibilidade epistêmica, conforme associação feita pelos participantes na atividade 2 da SB2, entre as sentenças “Es onsa li pudi bin ngulin bibu” (Esta onça poderá me devorar inteiro) e “*I possível ku es onsa na ngulin bibu.*” (É possível que esta onça me devore inteiro.) — ver 4ª linha das Tabelas 7 e 8. Outro sentido associado ao *pudi* é o de modalidade habilitativa (de possibilidade) também na atividade 2 da SB2, entre as sentenças “Es onsa li pudi bin ngulin bibu” e “*Es onsa na konsigui ngulin bibu.*” (Esta onça consegue me devorar inteiro.) — ver 4ª linha das Tabelas 7 e 8. Por fim, *pudi* também é associado à modalidade deôntica (de permissão), conforme dados obtidos pela aplicação do *Questionário de elicitación de deônticos* — ver anexo 3. O segundo (*dibidi*) pode denotar modalidade epistêmica ver 6ª linha da Tabela 7 (p. 65); deôntica (obrigação) — ver anexo 3 e ver 3ª linha da Tabela 7 (p. 65), simbolética (*dibidi ba* (necessidade)) — ver 3ª linha da Tabela 7 (p. 65). Por fim, o terceiro (*ten ku*) pode denotar modalidade deôntica (obrigação) — ver anexo 3.

Na atividade 1 da SB2, os itens modais *pudi*, *dibidi* e *ten ku* figuram antecidos da partícula *ka*, marcador de negação. Nesta tarefa, os resultados indicam que o modal *pudi* foi interpretado como deôntico, indicando proibição, conforme o enunciado “*Bu ka pudi montia limarias.*” (Você não pode caçar os animais.) — ver 3ª linha das Tabelas 7 e 8 —; e o auxiliar *dibidi*, como simbolético, expressando *conselho*, conforme o enunciado “*Bu ka dibidi montia limarias.*” (Você não deve caçar os animais.) — ver 3ª linha das Tabelas 7 e 8. O auxiliar *ten ku* foi a opção de 6 dentre os 32 participantes da pesquisa. Esse resultado sugere que o modal *ten ku* antecido de *ka* pode indicar proibição (necessidade deôntica), diferentemente do que ocorre no português brasileiro. Considerando que foram poucos os participantes que assinalaram essa alternativa e também o fato de o comportamento deste modal com a negação ser diferente do que ocorre no português brasileiro, qualquer conclusão sobre esse uso seria precipitada. É necessária a realização de uma pesquisa acurada sobre esse modal em contextos de negação sentencial, inclusive com análise de dados negativos, para se responder a esta interessante questão de pesquisa. Por fim, é interessante observar que apenas 4 dentre os 32 participantes da pesquisa assinalaram a opção d (“*Bu ka dibidi ba montia limarias*” (Você não devia caçar animais)). Esse resultado sugere que o auxiliar *dibidi* seguido da partícula *ba*

localiza o evento no tempo passado, não assumindo uma conotação de conselho, diferentemente do que ocorre no português, com a combinação do modal *dever* com a marca de aspecto imperfeito (-*ia*). É nosso objetivo, na sequência da pesquisa, testar mais dados de auxiliares modais com a partícula *ba* para verificar se, de fato, essa combinação de modal com aspecto imperfeito só é possível em contextos de tempo passado.

Em relação à força modal, o auxiliar *pudi* parece expressar possibilidade modal; ao passo que o auxiliar *ten ku*, necessidade. Essas conclusões foram feitas a partir da associação desses verbos auxiliares com os advérbios modais *talbes* (talvez) e *sertamenti* (certamente). Dos 32 participantes da pesquisa, 25 associaram o advérbio *talbes* ao modal *pudi*; e 22 participantes associaram o advérbio *sertamenti* ao modal *ten ku* — ver 6ª linha das Tabelas 7 e 8. Em relação ao modal *dibidi*, 24 dos 32 participantes associaram esse modal ao advérbio *provavelmenti* (provavelmente) — ver 6ª linha das Tabelas 7 e 8. É nosso objetivo testar, na sequência da pesquisa, se os guineenses identificam uma diferença na força modal entre os advérbios *pusivelmenti* e *provavelmenti*, associando o primeiro ao modal *pudi*; e o segundo, ao modal *dibidi*. Ressaltamos, entretanto, que a associação do modal *ten ku* ao advérbio *sertamenti*, feita por 22 dentre os 32 participantes, ocorreu em um contexto de modalidade epistêmica: o contexto da tarefa 2 da SB 3. É importante investigar melhor se, de fato, *ten ku* denota modalidade epistêmica em guineense, diferentemente do português brasileiro, em que o correspondente *tem que* parece não ocorrer em contextos epistêmicos (cf. Pessotto 2015).

O resultado da aplicação da tarefa da SB 4 aponta em uma direção contrária, uma vez que nenhum dos 16 participantes guineenses residentes no Brasil assinalou a alternativa C (“I ten ku sedu sarampu” (Tem que ser sarampo!)), em que o auxiliar *ten ku* figuraria em um contexto de necessidade epistêmica. Em relação aos participantes residentes em Guiné-Bissau, apenas 2 dentre os 16 participantes assilaram essa alternativa. Por isso, supomos que a associação de *ten ku* com o advérbio *sertamenti*, por 22 dos 32 participantes da pesquisa, tenha desconsiderado o contexto epistêmico. Para averiguar se *ten ku* ocorre em contextos epistêmicos em guineense é preciso realizar mais testes, o que pretendemos fazer na sequência da pesquisa, com inserções de outros contextos de necessidade epistêmica no *Questionário* do Anexo 4. Ressaltamos que foi feita uma alteração na tarefa da SB 4 aplicada aos participantes residentes na Guiné-Bissau. Na versão reformulada, eliminamos a opção D, que não contém item modal: “I sarampu” (É sarampo!), que expressa um forte grau de certeza do enunciador em relação ao conteúdo enunciado. A falta desta opção de resposta forçaria os participantes a marcarem uma

das opções com modal: *pudi*, *dibidi* ou *ten ku*, com mais chances de revelar se *ten ku* pode figurar em contextos epistêmicos, mesmo que não seja a forma preferencial. O resultado não se mostrou muito diferente do obtido com a aplicação da tarefa aos guineenses residentes no Brasil, em que consta a alternativa “I sarampu”: nenhum dos participantes residentes no Brasil assinalou a alternativa C (“I ten ku sedu sarampu”), enquanto 2 participantes residentes na Guiné-Bissau assinalaram essa alternativa, mesmo na ausência da forma indicativa, que igualmente é empregada em contextos de certeza do falantes em relação ao evento descrito.

Os resultados obtidos com a aplicação do *Questionário de elicitación de itens epistêmicos e deônticos* (Anexo 4) mostram que um item modal deôntico, com perspectiva temporal passada e orientação temporal futura, figura com a partícula *ba* — indicadora de tempo passado e aspecto imperfeito. Constatamos também a ocorrência de itens modais sem o emprego de partículas de tempo e/ou aspecto em contextos epistêmicos e deônticos com perspectiva e orientação temporal presente. Tais dados sinalizam na direção de que a forma não marcada com partículas de tempo e/ou aspecto vem sendo empregada tanto para descrever eventos no tempo passado e aspecto perfectivo quanto para descrever eventos no tempo presente, sendo, em ambos os casos, o contexto determinante para a especificação tempo-aspectual.

Em relação à partícula *bin* — indicadora de tempo futuro, os dados mostraram uma preferência por seu emprego junto a um item modal em contexto de possibilidade, em que o modal é empregado com orientação temporal futura. A realização da partícula ocorre mesmo em sentenças em que aparecem outras formas de marcação temporal, como o emprego de advérbios, por exemplo, como em “Pursor N’lossif *pudi bin* da tarbadju di kasa na fin di aula.” (Professor N’lossif poderá dar tarefa de casa no final da aula).

Em contextos de futuro, os dados apontam uma preferência pelo emprego do modal sem a realização da partícula *na* — associada aos tempos futuro e presente. É importante notar que os contextos investigados apresentam a marcação de tempo futuro associada ao verbo principal, como em: “N’lossim *dibidi* sta na bai pa Unal.” (N’lossim deve estar indo para Unal), provavelmente por isso os participantes tenham assinalado a opção do modal sem estar associado a partículas, como na frase citada.

Conforme observamos na seção 4.1, o fato de alguns participantes da pesquisa serem oriundos de locais com pouco contato com o guineense escrito pode ter dificultado a realização da tarefa, que consistia no preenchimento de lacuna em frase escrita em guineense.

Nesta pesquisa, não nos aprofundamos na análise dos dados das narrativas orais. Nosso intuito com a inserção de tais dados foi comparar diferentes métodos de coleta de dados

apresentados na literatura. Especificamente em relação às narrativas orais, observa-se uma produção mais natural e espontânea se comparada à de storyboards e a questionários de elicitación. Os dados obtidos com a aplicação dessa metodologia foram transcritos (ver Anexo 5), podendo ser empregados em pesquisas futuras. Observamos, com a análise dos dados das narrativas orais, que os auxiliares modais *pudi*, *dibidi* e *ten ku* são empregados para denotar modalidade epistêmica e/ou deôntica. Os dados transcritos na seção 4.3 revelam o emprego de *pudi* com conotação epistêmica (de possibilidade); e de *dibidi*, com conotação deôntica (de necessidade). Os dados mostram, ainda, *ten ku*, seguido da partícula indicadora de tempo anterior e aspecto imperfectivo (*ba*), em contexto de modalidade deôntica (de necessidade). Com essa combinação, o modal assume uma perspectiva temporal passada e orientação temporal futura, conforme no exemplo: “Anton, i ten ba ku ba konta kila.” (Então, ele, o chefe de posto, tinha que contar ao seu superior).

Concluimos este estudo cientes de que ainda há um longo caminho a percorrer para que possamos descrever e analisar a marcação de modalidade no guineense. No entanto, acreditamos que a principal contribuição deste estudo foi a de testar diferentes metodologias para a depreensão e estudo de itens modais em uma língua que surgiu em situação de contato intenso, mostrando a natureza do dado que se pode gerar com a aplicação de diferentes métodos, permitindo avaliar qual o mais adequado para a coleta e estudo de itens modais e sua relação com categorias TMA em línguas crioulas.

Com a realização deste estudo, esperamos ainda nos somar a outros trabalhos de descrição e análise linguística sobre o guineense, buscando sensibilizar e instrumentalizar atores políticos e governantes guineenses para a realização de um debate reflexivo de caráter linguístico com intuito de reconhecer o valor linguístico, social e cultural do guineense. Seria desejável, para os habitantes da Guiné-Bissau, o reconhecimento do guineense como língua oficial, com a adoção de uma ortografia oficial e a sistematização e ensino das regras de funcionamento da gramática dessa língua nas escolas para as novas gerações, paralelamente ao ensino do português, o único idioma ensinado como língua oficial nas escolas.

6. REFERÊNCIAS

AGOSTINHO, Ana Livia; RECH, Nubia. . *Lessons from the field: Irrealis mood in Lung?Ie*. In: Jozina Vander Klok, Nubia Ferreira Rech and Simone Guessier. (Org.). *Modality in Underdescribed Languages - Introduction to Modality in underdescribed languages: Methods and insights*. 1ed. Berlim: De Gruyter Mouton, 2023, v. 357, p. 295-336.

- AUGEL, Moema Parente. *O desafio do escombros: a literatura guineense e a narração da nação*. 2005. 387 f. Tese (Doutorado em Literaturas Africanas de Língua Portuguesa)-Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2005.
- _____. *O desafio do escombros: nação, identidade e pós-colonialismo na literatura da Guiné-Bissau*. Rio de Janeiro: Garamond, 2007.
- BAKKER, Peter. *Creoles are typologically distinct from non-creoles*. *Journal of Pidgin and Creole Languages* 26:1, 5–42. doi 10.1075/jpcl.26.1.02bak issn 020–0 / e-issn 156–70 © John Benjamins Publishing Company, 2021.
- BALDÉ, Vanita. *A viabilidade da inserção do ensino de língua Kryol nas escolas públicas e privadas da Guiné-Bissau*. São Francisco do Conde - 2018.
- BANDEIRA, Manuele. *Reconstrução fonológica e lexical do protocrioulo do Golfo da Guiné*. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017.
- BICKERTON, Derek. *Language And Species*. Chicago: Chicago University Press, 1990.
- _____. *The Language Bioprogram Hypothesis*. *The brain and behavioral sciences* 7(2).173-221, 1984.
- BLOOMFIELD, Leonard. *Language*. New York, Holt, Rinehart and Winston.1933.
- CÁ, João Fernando. *Aspectos Linguísticos Do Guineense: reflexões acerca de uma língua*. Dissertação (mestrado acadêmico) - Universidade Federal de Lavras, 2021.
- CÁ, Virgínia José Baptista. *Língua e ensino em contexto de diversidade linguística e cultural: o caso de Guiné-Bissau* - Belo Horizonte, 2015.
- CÁ, V. J. B. *Língua E Ensino Em Contexto De Diversidade Linguística E Cultural: O Caso De Guiné-Bissau*. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Minas Gerais, 2015.
- CHAPOUTO, Sandra Marisa. *Contributo para a descrição de aspectos fonológicos e prosódicos do crioulo guineense*. Universidade de Coimbra- Faculdade de Letras. Lisboa, 2014.
- CAN-VINNA, Adriana Cristina; MELLO, Maria Aparecida Curupaná da Rocha de. *A Constituição da Gramática Guineense: o sufixo - ndadi*. Universidade de Brasília, 2014.
- CINQUE, G. (1999). *Adverbs and Functional Heads: a cross-linguistic perspective*. New York: Oxford University Press.
- CINQUE, G. (2006). *Restructuring and functional heads: the cartography of syntactic structures*. New York: Oxford University Press.
- COSTA, Paula Mendes. *Descrição fonológica do crioulo guineense*. Dissertação de mestrado. Universidade Federal de Pernambuco. Recife, 2014.
- COUTO H.H. *Linguística, ecologia e ecolinguística: Contato de línguas*. São Paulo: Contexto, 2017.

- _____. *O Crioulo Guineense em Relação ao português e às Línguas Nativas*. São Paulo: Contexto, 1989.
- _____. *O crioulo português da Guiné-Bissau*. Hamburg, Helmut Buske Verlag, 1994.
- _____. *Contato Interlingüístico: da Interação à Gramática Departamento de Lingüística*. Universidade de Brasília 1999.
- _____. *Linguística, Ecologia E Ecolinguística: Contato de línguas*. São Paulo: Contexto, 2009.
- COUTO, H. H; EMBALÓ, F. *Literatura, Língua E Cultura Na Guiné-Bissau: Um País Da CPLP*. Papia n. 20, 2010.
- CREISSELS, Denis. *Valency Properties Of Mandinka Verbs*. 2011. Disponível em: http://www.deniscreissels.fr/public/Creissels-valency_classes_project_Mandinka.pdf. Acesso em: 20/04/2022.
- CRISPIM, L. *Português, língua oficial, língua segunda*. In: Solla, Luísa (Orgs). *Antologia – Problemática do ensino da Língua Portuguesa em contexto lusófono: espaços, problemas e reflexões*. Volume II. Lisboa: ESE Setúbal, 1994.
- CRUZ, A. V. *Abordagem Comunicativa – Enfoque Na Competência Oral Na Língua Segunda. Caso Da Guiné-Bissau*. Dissertação. Porto: 2013.
- DANFÁ, Abdulai. *Sujeito Nulo E Sistema Pronominal Do Kriol: Uma Abordagem Comparativa Com O Kabuverdianu*. CAMPINAS, SP: 2021.
- DIALLO, Ibrahima. *GUINÉ-BISSAU: que papel e que lugar nas políticas nacionais de desenvolvimento e estratégias de integração Subregional?*. Bissau, INEP 2007.
- EMBALÓ, Filomena. *O crioulo da Guiné-Bissau: língua nacional e Factor de identidade nacional*. In: Papia. n.18, p. 101-107, 2008.
- GADOTTI, M. *Paulo Freire na África: notas sobre o encontro da pedagogia freireana com a práxis política de Amílcar Cabral*. Fórum Paulo Freire, Cabo Ver de, 2010.
- HACQUARD, Valentine. *Aspects of modality*. Tese de Doutorado. Massachusetts Institute of Technology: Cambridge, 2006.
- HACQUARD, Valentine. 2010. *On the Event Relativity of Modal Auxiliaries*. *Natural Language Semantics*, 18(1): pp. 79-114.
- HALL JR., Robert A. *Pidgin and creole languages*. Ithaca, N.Y.: Cornell University Press, 1966.
- HALL JR., Robert A. *The life-cycle of pidgin languages*. *Lingua* 11.151-156, 1962.
- IMBATENE, João Eusebio. *A reduplicação no guineense moderno: fonologia, morfologia e sintaxe*. Monografia (Licenciatura em Letras-Língua Portuguesa) – Instituto de Humanidades e Letras do

- Malês, Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, São Francisco do Conde, Bahia, 2019.
- INDI, Albertino Sulté. *O Guineense É Uma Língua Ou Um Dialeto?*. Instituto de Humanidades e Letras, Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, São Francisco do Conde, 2019.
- INEC - Instituto Nacional De Estatística E Censo. *Recenseamento geral da população e habitação*. Bissau: INEC, 2009.
- INLATÉ, Lucas Gonçalves. *Descrição da estrutura interna do constituinte sintagma nominal da língua guineense*. TCC - Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (Unilab). Redenção, 2021.
- INTIPE, Bernardo Alexandre. *Unidade Linguística Na Diversidade Linguística: o caso do Kriol da Guiné-Bissau*. Instituto de Humanidades e Letras, Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, São Francisco do Conde, 2018.
- INTUMBO, Incanha. *Estudo Comparativo Da Morfossintaxe Do Crioulo Guineense, Do Balanta E Do Português*. Dissertação de Mestrado. Universidade de Coimbra, 2007.
- KIHM, A. *Kriyol Syntax: The Portuguese-Based Creole Language Of Guinea-Bissau*. Amsterdã: John Benjamins Publishing Company, 1994
- KRATZER, A. (1991). Modality. In von Stechow, A. & Wunderlich, D., editores, *Semantics: An International Handbook of Contemporary Research*, pp. 639-650. de Gruyter, Berlin.
- LOPES, Carlos. *Resistências africanas ao controle do território: alguns casos da Costa da Guiné no séc. XIX*. Soronda – Revista de Estudos Guineenses. n. 7, p. 5-16, 1989.
- _____. *Kaabunké: espaço, território, e poder na Guiné-Bissau, Gâmbia e Cassamance Pré-Coloniais*. Lisboa: CNCDP, 1999.
- MANÉ, Baticã Braima Ença. *Descrição e análise dos processos de formação de palavras por reduplicação no crioulo guineense (Guiné-Bissau)*. Dissertação de Mestrado em Filologia e Língua Portuguesa – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo. São Paulo, p. 118. 2022.
- MANÉ, Baticã Braima Ença; Imbatene, João Eusebio; Bandeira, Manuele; Freitas, Shirley. (2020). Reduplicação no guineense. *Filologia e Linguística Portuguesa*, 22(2), 271–289.
- MANÉ, Djiby. *Estudo comparativo entre a fonologia do crioulo guineense, a do manjaco, a do mancanha e a do pepel*. *Papia* n. 11, 2001, pp. 105-109.
- MARIA, Candinha Pinto. *Movimento Do Verbo Em Kriol*. Lisboa 2013
- MELLO, Maria, A. C. R. de. *A questão da produtividade morfológica no guineense*. Tese de doutorado. Brasília: Unb, 2007.

- MONTEIRO, J. L. *Morfologia Português*. 4ª edição revista e ampliada. -Campinas: São Paulo, 2002.
- MUFWENE, Salikoko S. *Pidgin and Creole Languages*. In: James D. Wright (editor-in-chief). *International Encyclopedia of the Social & Behavioral Sciences*, 2nd edition, vol 18. Oxford: Elsevier. Pp. 133–145, 2015.
- MÜHLHÄUSLER, Peter. *Pidgin and creole linguistics*. Oxford: Blackwell, 1986.
- NAMONE, Dabana. *Educação Tradicional E Moderna Na Guiné-Bissau E O Impacto Da Língua Portuguesa No Ensino: caso das crianças da etnia Balanta-Nhacra de Tombali - ARARAQUARA – S.P.* 2020.
- NARO, Anthony Julius. *Estudos Diacrônicos*. Tradução de nove artigos por Lais Campos e Katia Elisabet Santos. Petrópolis, Vozes, 1973.
- NUNES, Ariele Helena Holz. *Com Quantos Vocábulos Se Faz Uma Língua De Prestígio? Os Ideofones Haitianos Como Marca Enriquecedora Das Línguas Crioulas*. Florianópolis/SC: 2021.
- PEREIRA, Dulce. *Crioulos De Base Portuguesa*. Editora Caminho, SA, Lisboa, 2006.
- PESSOTTO, A. L. *Força e evidência: uma análise teórico experimental da semântica de 'pode', 'deve' e 'tem que'*. Tese de Doutorado (UFSC): Florianópolis. 2015.
- PETTER, M. (Org.) *Introdução à linguística africana*. São Paulo: Contexto, 2015.
- PRATAS, Fernanda. *O Sistema Pronominal do Caboverdiano (variante de Santiago) Questões de Gramática*. Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, 2002.
- _____. *O sistema pronominal do Caboverdiano: Questões de gramática*. Edições Colibri: Lisboa, Fevereiro, 2004.
- PRISTIC, Ladislav. *Kristang - Crioulo de Base Portuguesa*. Masarykova Univerzita Filozofická Fakulta - Ústav Románských Jazyku a Literatur - Vedoucí práce: Mgr. Metoděj Polášek, 2010.
- RECH, N. F. & VARASCHIN, G. (2018b). Propriedades do modal deôntico ought-to-be. *Alfa*, 62 (2), 361–380.
- RECH, Núbia; BRANDÃO, Ana Paula. A marcação da modalidade deôntica no Paresi. *Forum Linguístico*, Florianópolis, vol.15, n.1, p. 2816-2827, 2018.
- ROUGÉ, Jean-Louis (1986) - “Uma Hipótese sobre a Formação do Crioulo da GuinéBissau e da Casamansa”. Soronda, Bissau, INEP, 2: 28-49.
- RULLMANN, H.; MATHEWSON, L. *Towards a theory of modal-temporal interaction language*. 94 (2). 281-331. 2018. Acesso em: Mar. 2023.
- SANTOS, M. *Algumas considerações sobre a nossa situação sociolinguística*. Soronda, Revista de estudos Guineenses- INEP, nº4. 1987, Bissau, 1995.

- SCANTAMBURLO, Luigi. *Dicionário do Guineense*, 1º v.: Introdução e notas Gramaticais. Lisboa, Colibri e Faspebi, 1999.
- _____. *Dicionário do Guineense: dicionário guineense – português; dicionário guinensi-portuguis*. v. 2. Lisboa: Colibri; Guiné-Bissau: FASPEBI, 2002.
- _____. *O léxico do crioulo guineense e as suas relações com o português: o ensino bilingue português-crioulo guineense*. Tese de doutorado. 2ª edição. Lisboa, 2013.
- SILVA, Dilma de Melo. *Por entre as Dórcades Encantadas: os Bijagó da Guiné-Bissau*. São Paulo: Terceira Margem, 2000.
- SILVA, Francisco Henriques da; SANTOS, Mário Beja. *Da Guiné-Portuguesa à Guiné-Bissau: um roteiro*. Porto: Fronteira do Caos Editores, 2014.
- SOUZA, P. de; RIBEIRO J. *Oralidade e escritismo: dominância e contradição nas políticas linguísticas de inclusão*. In: ORLANDI, E. P. (Org.). *Política linguística no Brasil*. Campinas: Pontes Editores, 2007.
- STOWELL, T. *Tense and modals*. In: GUÉRON, J.; LECARME, J. (Org.). *The syntax of time*. Cambridge: MIT, 2004. p. 621-635.
- TFS Working Group. 2011. *Chore girl. Totem Field Storyboards*. URL <http://www.totemfieldstoryboards.org/stories/> (Acesso em 23 Set. 2022).
- TIMBANE, Alexandre Antônio; MAMUEL, Catia. *O Crioulo Da Guiné-Bissau É Uma Língua De Base Portuguesa? Embate Sobre Os Conceitos*. Revista de Letras JUÇARA, Caxias – Maranhão, v. 02, n. 02, p. 107 – 126, dez. 2018 | 107.
- TODD, Loreto. *Pidgins and creoles*. Londres: Routledge (1ª ed. 1974), 1990.
- TRAJANO FILHO, W. *Crioulo, Crioulização*. In: SANSONE, L; FURTADO, C, A. Organizadores. Salvador, BA: EDUFBA, 2014.
- WHINNOM, Keith. *Linguistic hybridization and the ‘special case’ of pidgins and creoles*. In: Hymes (org.): 91-115, 1971.
- WINFORD, D. (2018). *Creole Tense–Mood–Aspect Systems*. *Annual Review of Linguistics*, 4, 193–212. DOI: <http://doi.org/10.1146/annurev-linguistics-011516-034054>.
- VANDER KLOK, Jozina. 2014. *‘Questionnaire on modality for cross-linguistic use.’* Disponível em: <http://www.eva.mpg.de/lingua/tools-at-lingboard/questionnaires.php> (under “Modality”). Acesso em: Mar. 2023.

7. ANEXOS DE INSTRUMENTOS DE PESQUISA

7.1 Anexo 1: Questionário de dados pessoais

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA

Pesquisa: A marcação de modalidade epistêmica e deôntica na língua guineense

Supervisoras: Profª. Dra. Núbia Ferreira Rech e Profª. Dra. Ana Livia Agostinho

Pesquisador: Lucas Gonçalves Inlaté

Dados do participante

1. Nome completo do participante	
2. Idade	
3. Nacionalidade	
4. Local de Nascimento	
5. Grupo étnico	
6. Local de Moradia	
7. Há quantos anos?	
8. Onde morou antes?	
9. Sexo	
10. Profissão	
11. Estado Civil	
12. Nível de escolaridade	
13. Telefones	
14. E-mail	
15. Whats	

7.2 Anexo 2: Questionário de informações linguísticas

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA

Pesquisa: A marcação de modalidade epistêmica e deôntica na língua guineense

Supervisoras: Profª. Dra. Núbia Ferreira Rech e Profª. Dra. Ana Livia Agostinho

Pesquisador: Lucas Gonçalves Inlaté

QUESTIONÁRIO DE INFORMAÇÕES LINGUÍSTICAS

Falantes de Guineense

Informações Linguísticas do Participante

1. Quantas línguas você fala?

2. Qual ou quais dessas línguas você aprendeu quando era criança?

3. Que língua você fala ou vai falar com os seus filhos?

4. Você aprendeu a escrever nessas línguas?

5. Como você fala, entende, escreve e lê nessa(s) língua(s)? Escreva!

Línguas		Bem	Médio	Regular
	Fala			
	Compreende			
	Lê			
	Escreve			

	Fala			
	Compreende			
	Lê			
	Escreve			
	Fala			
	Compreende			
	Lê			
	Escreve			

6. Com que idade você começou a aprender cada uma dessas línguas?

--

7. Qual ou quais dessas línguas você se sente mais à vontade para usar no dia a dia?

--

8. Você se sente à vontade para conversar nessa(s) língua(s)?

Línguas	Sim	Não

9. Em que contexto(s), você aprendeu essa(s) língua(s)? (Ex.: em casa, na rua, na escola, na interação no dia a dia, morou no exterior)?

Língua(s)	Contexto(s)

10. Você mora num país onde nenhuma de suas línguas maternas é o idioma oficial?

() sim

() não

7.3 Anexo 3: Questionário de elicitación de itens deônticos

Atividade: tradução em contexto.

Itens testados: modalidade deôntica (de possibilidade e de necessidade).

Parte 1 – Como os falantes expressam permissão nessa língua?

Contexto 1 [possibilidade deôntica]:

“O campo de futebol é só para crianças menores de quinze anos. Carlos tem 12 anos. Não é obrigatório que ele vá jogar bola neste campo se ele não quiser, mas **Carlos pode jogar bola no campo de futebol**”.

1. Como se expressa a ideia da sentença que está em destaque em guineense?
2. Tem outra forma de expressar o mesmo conteúdo da sentença em destaque?

Participante 1: "Carlos pudi juga na kampu"

Palavra	Carlos	pudi	juga	na	kampu
Morfema	Carlos	pudi	djuga	na	kampu
Glosa	Carlos	Deo (Perm)	jogar	Prep	campo

Participante 2: "Carlos pudi juga bola na kampu di futebol"

Palavra	Carlos	pudi	juga	bola	na	kampu	di	futebol
Morfema	Carlos	pudi	juga	bola	na	kampu	di	futebol

Glosa	Carlos	Deo (Perm)	jogar	bola	Prep	campo	Prep (de)	futebol
-------	--------	------------	-------	------	------	-------	-----------	---------

Contexto 2 [possibilidade deôntica]:

“Maria é professora de Ciências. Ela quer levar seus alunos ao parque nacional de Lagoas de Cufar para uma atividade do projeto de educação ambiental. Então, ela pede ao diretor da escola autorização para realizar essa atividade com um pequeno grupo de alunos. O diretor diz para a professora: **Você pode levar os alunos ao parque nacional de Lagoa de Cufada**”.

1. Como se expressa a ideia da sentença que está em destaque em guineense?
2. Tem outra forma de expressar o mesmo conteúdo da frase do diretor da escola?

Participante 1: “Bu pudi leba alunus pa parki nasional di lugua di Kufada”.

Palavra	Bu	pudi	leba	alunus	pa	parki	nasional	di	lagua	di	kufada
Morfema	Bu	pudi	leba	alunus	pa	parki	nasional	di	lagua	di	kufada
Glosa	3ªp/sg (você)	Deo (perm)	levar	alunos	prep (ao)	parque	nacional	prep (de)	lagoa	prep (de)	Cufada

Participante 2: “Bu pudi leba alunus pa parki nasional di lagua di kufada”.

Palavra	Bu	pudi	leba	alunus	pa	parki	nasional	di	lagua	di	kufada
Morfema	Bu	pudi	leba	alunus	pa	parki	nasional	di	lagua	di	kufada
Glosa	3ªp/sg (você)	Deo (perm)	levar	alunos	prep (ao)	parque	nacional	prep (de)	lagoa	prep (de)	Cufada

Contexto 3 [possibilidade deôntica]:

“Na tradição pepel, tem-se a ideia de que tudo é de todos. Nesse sentido, não se consideram donos de uma terra, e sim com o direito de uso para cultivar a sua cultura. Esse direito está garantido pelas normas tradicionais: **Toda pessoa pode utilizar a terra para cultivo**”.

1. Como se expressa a ideia da sentença que está em destaque em guineense?
2. Tem outra forma de expressar o mesmo conteúdo expresso na Lei?

Participante 1: “Tudu alguin pudi labra tera”.

Palavra	Tudu	alguin	pudi	labra	tera
Morfema	Tudu	alguin	pudi	labra	tera
Glosa	Toda	pessoa	deo (perm)	cultivar	terra

Participante 2: “Tudu pussua pudi usa tera pa kultivu”.

Palavra	Tudu	pussua	pudi	usa	tera	pa	kultivu
Morfema	Tudu	pussua	pudi	usa	tera	pa	kultivu
Glosa	Toda	pessoa	deo (perm)	usar	terra	prep (para)	cultivo

Contexto 4 [possibilidade deôntica]:

“De acordo com as regras do Jardim Madre Josefa Sacordim, onde Bonanji estuda, somente os membros da família têm autorização para retirar uma criança. A mãe de Bonanji é quem busca ele na escola todos os dias. Excepcionalmente hoje, ela pediu a sua filha mais velha que pegue o irmão no Jardim porque ela iria se atrasar. Considerando as regras do lugar onde Bonanji estuda, **a irmã de Bonanji pode buscar ele na escola**”.

1. Como se expressa a ideia da sentença que está em destaque em crioulo de Guiné-Bissau?
2. Tem mais de uma forma para expressar esse mesmo conteúdo?

Participante 1: “Ermon femia di Bonanji pudi buskal na skola”

Palavra	Ermon	femia	di	Bonanji	pudi	buskal	na	skola
---------	-------	-------	----	---------	------	--------	----	-------

Morfema	Ermon	femia	di	Bonanji	pudi	buska	l	na	skola
Glosa	Irmão	menina	prep (de)	Bonanji	Deo (perm)	busca r	3 ^a p/sg (ele)	Prep (na)	escola
	irmã								

Participante 2: “Iarmon fêmia di Bonandji pudi bai buskal na skola”.

Palavra	Iarmon	femia	di	Bonanji	pudi	buskal		bai	na	skola
Morfema	Iarmon	femia	di	Bonanji	pudi	buska	l	bai	na	skola
Glosa	Irmão	menina	prep (de)	Bonanji	Deo (perm)	busca r	3 ^a p/sg (ele)	ir	Prep (na)	escola
	irmã									

Parte 2 – Como os falantes expressam obrigação nessa língua?

Contexto 1 [necessidade deôntica]:

“O Governo da Guiné-Bissau, com o objetivo de promover a língua nacional, inseriu o ensino da língua crioula no Projeto Político Pedagógico das escolas como uma disciplina curricular. Tal projeto foi analisado e aprovado na Assembleia Nacional Popular (ANP) pelos deputados da nação. De acordo com o Projeto Político Pedagógico: **A língua nacional deve ser ensinada nas escolas desde o jardim até o ensino superior**”.

1. Como se expressa a ideia da sentença que está em destaque em guineense?
2. Tem outra forma para expressar esse mesmo conteúdo?

Participante 1: “Lingu nasional didibi nsinadu na skolas disna jardim ate na nsinu superior”.

Palavra	Lingu	nasional	dibidi	nsinadu	na	skolas	disna	jardin	ate	na	nsinu	superior
Morfema	Lingu	nasional	dibidi	nsinadu	na	skolas	disna	jardin	ate	na	nsinu	superior
Glosa	Língua	nacional	Deo (obg)	ensinada	prep (nas)	escolas	desde	jardim	até	prep	ensino	superior

Participante 2: “Lingu nasional dibidi nsinadu na skolas disna jardin ate na nsinu superior”.

Palavra	Lingu	nasional	dibidi	nsinadu	na	skolas	disna	jardin	ate	na	nsinu	superior
Morfema	Lingu	nasional	dibidi	nsinadu	na	skolas	disna	jardin	ate	na	nsinu	superior
Glosa	Língua	nacional	Deo (obg)	ensinada	prep (nas)	escolas	desde	jardim	até	prep	ensino	superior

Contexto 2 [necessidade deôntica]:

“Na Guiné-Bissau, é comum os pais arranjarem o matrimônio das filhas. Isso acontece porque, de acordo com a tradição de algumas etnias: **as filhas devem casar com homens indicados pelos pais para estabelecer o vínculo entre as comunidades ou linhagens**”.

1. Como se expressa a ideia da sentença que está em destaque em guineense?
2. Tem outra forma para expressar esse mesmo conteúdo?

Participante 1: “Fiju femias dibidi kasa ku omis ku se papes da elis pa pudi manti kontra entri kumunidadi o jorson”.

Palavra	Fijus	femia	dibidi	kasa	ku	omis	ku	se	papes	da	elis...
Morfema	Fijus	femia	dibidi	kasa	ku	omis	ku	se	papes	da	elis...
Glosa	Filhos	fêmeas	Deo (obrig)	casar	prep (com)	homens	(que)	Poss (seus)	pais	dar	elas..
	As filhas										
Tradução	As filhas devem casar com os homens que os seus pais lhes indicaram..										

Participante 2: “Fiju femias dibidi kasa ku omis ku se pape da elis pa e pudi manti ligason entri kumunidadi o jorson”.

Palavra	Fijus	femia	dibidi	kasa	ku	omis	ku	se	papes	da	elis...
Morfema	Fijus	femia	dibidi	kasa	ku	omis	ku	se	papes	da	elis...

Glosa	Filhos	fêmeas	Deo (obrig)	casar	prep (com)	homens	(que)	Poss (seus)	pais	dar	elas...
	As filhas										
Tradução	As filhas devem casar com os homens que os seus pais lhes indicaram..										

Contexto 3 [necessidade deôntica]:

“A organização social da etnia Pepel é hierárquica. Ela é composta por um líder máximo (Régulo), por um juiz autônomo (conhecido como 'Inleré', no Safim, e como 'Imbuli', em Biombo) e por lideranças das subcomunidades (Régulos de cada tabanca que compõem o reino). De acordo com a tradição Pepel: **Essas lideranças devem ser disputadas entre concorrentes, que são de linhagens de regulado**”.

1. Como se expressa a ideia da sentença que está em destaque em guineense?
2. Tem mais de uma forma para expressar esse mesmo conteúdo?

Participante 1: “E lideransas dibidi sedu disputadu pa jintis di jorson di renansa”.

Palavra	E	lideransas	dibidi	sedu	disputadu	pa	jintis	di	jorson	di	renansa
Morfema	E	lideransas	dibidi	sedu	disputadu	pa	jintis	di	jorson	di	renansa
Glosa	Dem (Essas)	lideranças	Deo (obg)	ser	disputadas	prep (pelas)	peessoas	prep (de)	linhagens	prep (de)	reinado

Participante 2: “E lideransas dibidi sedu disputadas pa jintis di jorson di renansa”.

Palavra	E	lideransas	dibidi	sedu	disputadu	pa	jintis	di	jonson	di	renansa
Morfema	E	lideransas	dibidi	sedu	disputadu	pa	jintis	di	jonson	di	renansa
Glosa	Dem (Essas)	lideranças	Deo (obg)	ser	disputadas	prep (pelas)	peessoas	prep (de)	linhagens	prep (de)	reinado

Contexto 4 [necessidade deôntica]:

“M'pili foi ao hospital nacional Simão Mendes visitar sua irmã que foi evacuada de Biombo para fazer a cesariana. Quando M'pili informou que era irmã da paciente, a recepcionista do hospital permitiu que M'pili fosse até o quarto da irmã fora do horário de visitas. Ao entregar um crachá para M'pili, a recepcionista diz: **Você deve usar este crachá durante todo o tempo da visita**”.

1. Como se expressa a ideia da sentença que está em destaque em guineense?
2. Tem outra forma para expressar esse mesmo conteúdo?

Participante 1: “Bu dibidi usa e karton duranti tudu tempu di vizita”.

Palavra	Bu	dibidi	usa	e	karton	duranti	tudu	tempu	di	vizita
Morfema	bu	dibidi	usa	e	karton	duranti	tudu	tempu	di	vizita
Glosa	3ªp/sg	Deo (obrig)	usar	Dem	cartão	durante	tudo	tempo	prep	visita
Tradução	Você deve usar este crachá durante todo o tempo da visita.									

Participante 2: “Bu dibidi usa es krasal pa tudu e tempu di vizita”

Palavra	Bu	dibidi	usa	es	krasal	duranti	tudu	tempu	di	vizita
Morfema	bu	dibidi	usa	es	krasal	duranti	tudu	tempu	di	vizita
Glosa	3ªp/sg	Deo (obrig)	usar	Dem	crachá	durante	tudo	tempo	prep	visita
Tradução	Você deve usar este crachá durante todo o tempo da visita.									

Contexto 5 [necessidade deôntica]:

“De acordo com a Lei Eleitoral da Guiné-Bissau, se atingir 18 anos, **você tem que votar para deputados da nação e para presidente da república**”.

1. Como se expressa a ideia da sentença que está em destaque em guineense?
2. Tem outra forma para expressar esse mesmo conteúdo?

Participante 1: “Bu ten ku kuji diputadus di nason ku prisidenti di republika”.

Palavra	Bu	ten	ku	kuji	diputadus	di	nason	ku	prisidenti	di	republika
Morfema	Bu	ten	ku	kuji	diputadus	di	nason	ku	prisidenti	di	republika
Glosa	3ªp/sg (você)	tem	que	escolher (votar)	deputados	prep (da)	nação	conj (e)	presidente	prep (da)	república
		Deo (obrg)									
Tradução	Você tem que votar para deputado da nação e para presidente.										

Participante 2: “Bu dibidi vota pa diputadus di nason i pa prisidenti di república”

Palavra	Bu	dibidi	vota	pa	diputadus	di	nason	i	pa	prisidenti	di	republika
Morfema	Bu	dibidi	vota	pa	diputadus	di	nason	i	pa	prisidenti	di	republika
Glosa	3ªp/sg	Deo (obrg)	votar	prep (para)	deputados	prep (da)	nação	prep (e)	prep (para)	presidente	prep (da)	república

Participante 2: “Bu ten ku vota pa diputadus di nason i pa prisidenti di república”.

Palavra	Bu	ten	ku	vota	pa	diputadus	di	nason	i	pa	prisidenti	di	republika
Morfema	Bu	ten	ku	vota	pa	diputadus	di	nason	i	pa	prisidenti	di	republika
Glosa	3ªp/sg (você)	tem	que	votar	Prep (para)	deputado s	prep (da)	nação	conj (e)	prep (para)	presidente	prep (da)	república
		Deo (obrig)											

Contexto 6 [necessidade deôntica]:

“De acordo com o Código de Trânsito Guineense, **os motociclistas têm que usar capacete**”.

1. Como se expressa a ideia da sentença que está em destaque em guineense?
2. Tem outra forma para expressar esse mesmo conteúdo?

Participante 1: “Kondutoris di mota tem ku pui kapasiti”.

Palavra	Konditoris	di	mota	ten	ku	pui	kapasiti
Morfema	Konditoris	di	mota	ten	ku	pui	kapasiti
Glosa	Conditores	prep (da)	moto	têm	que	colocar (usar)	capacete
				Deo (obrig)			
Tradução	Os motociclistas têm que usar capacete.						

Participante 2: “Konditoris di mota ten ku usa kapasiti”.

Palavra	Konditoris	di	mota	ten	ku	usa	kapasiti
Morfema	Konditoris	di	mota	ten	ku	usa	kapasiti
Glosa	Conditores	prep (da)	moto	tem	que	usar	capacete
				Deo (obrig)			
Tradução	Os motociclistas têm que usar capacete.						

Participante 2: “konditoris di mota dibidi usa kapasiti”.

palavra	konditoris	di	mota	dibidi	usa	kapasiti
Morfema	konditoris	di	mota	dibidi	usa	kapasiti
Glosa	conditores	prep (da)	moto	Deo (obrig)	usar	capacete
Tradução	Os motociclistas devem usar capacete.					

7.4 Anexo 4: Questionário de eliciação de itens epistêmicos e deônticos

Instrução:

Você está sendo convidado a participar de uma pesquisa sobre a cultura guineense. A pesquisa está organizada em forma de questionário. São descritas 12 (doze) situações em português, solicitando

ao participante da pesquisa uma tarefa de preenchimento de lacuna em uma sentença em guineense, destacada em negrito. O objetivo da pesquisa é verificar como guineenses reagem a situações em que se impõe uma obrigação ou se concede permissão ou, ainda, como expressam seu conhecimento sobre os fatos em diferentes situações. A sua participação na pesquisa é voluntária, e o seu nome não será divulgado. Antes de assinalar uma das alternativas, é importante **LER ATENTAMENTE O CONTEXTO DESCRITO, POIS A ALTERNATIVA ESCOLHIDA PRECISA LEVAR EM CONTA AS INFORMAÇÕES DADAS NO CONTEXTO.**

Pesquisador: Ms. Lucas Gonçalves (lunisg932@gmail.com)

Supervisora: Profª. Dra. Núbia Ferreira Rech (nubiarech19971@gmail.com)

1. O professor N'lossif é imprevisível. Os alunos nunca sabem se ele vai dar trabalho de casa ou não. A aula está ainda no início, e os alunos já estão pensando:

“Pursor N'lossif _____ da tarbadju di kasa na fin di aula.

Marque a opção que preenche adequadamente a lacuna da frase com o pensamento dos alunos:

() pudi

() pudi bin

() pudi ba

() nin un son di respostas ku sta riba

2. Os pais de N'lossim disseram a ele que ele não tem permissão para ir ver seu amigo Isnaba em Únal, porque é muito longe. Você soube que N'lossim está deixando a capital Bissau (cidade onde ele vive) na próxima semana, mas você não sabe para onde ele irá. N'lossim é um tipo de menino ousado, que costuma fazer coisas sem a permissão dos pais. Então, você pensa:

N'lossim _____ sta na bai pa Unal.

Marque a opção que preenche adequadamente a lacuna da frase com o seu pensamento:

() dibi di

() na dibi di

() dibi di nan

() nin un son di respostas ku sta riba

3. A organização social da etnia Pepel é hierárquica. Ela é composta por um líder máximo (Régulo), por um juiz autônomo (conhecido como 'Inleré', no Safim, e como 'Imbuli', em Biombo) e por lideranças das subcomunidades (Régulos de cada tabanca que compõem o reino). Inleré decidiu sobre a divisão das terras na tabanca, e algumas pessoas reclamaram. Então, alguém disse que foi ordem do Régulo.

Inleré _____ dividil asin.

Marque a opção que preenche adequadamente a lacuna da frase acima:

- ten ki
- ten ba ki
- ten nan ki
- nin un son di respostas ku sta riba

4. A Bené, amiga da Írtana, viajou de férias à Binar (cidade onde vivem os avós de Bené), sem dizer ao certo o dia que voltaria. Já se passaram vinte dias desde a última vez que elas se falaram. Neste momento, Írtana está passando em frente à casa da sua amiga Bené e percebe que a luz do quarto da sua amiga Bené está acesa. Então, Írtana pensa:

Bené _____ sta na kasa.

Marque a opção que preenche adequadamente a lacuna da frase com o seu pensamento:

- na pudi
- pudi
- pudi ba
- nin un son di respostas ku sta riba

5. Clara Sabura comprou um vestido no Bissau Mercado Virtual SARL para o final do ano. A entrega estava prevista para às 10 horas do dia seguinte, mas já se passaram 2 dias, e o vestido ainda não chegou. Ela está tentando contato com o boutique, mas ninguém atende, nem responde mensagens. Clara Sabura, então, pensa:

Bindidur _____ nganan.

Marque a opção que preenche adequadamente a lacuna da frase com o seu pensamento:

- dibi di nan
- dibi di dja
- dibi di ba dja
- nin un son di respostas ku sta riba

6. Durante a pandemia, as aulas nas escolas públicas foram suspensas. Nenhum aluno tinha autorização para frequentar a escola. Depois de quase um ano longe da escola, os alunos receberam permissão para assistirem às aulas presencialmente, mesmo não sendo obrigados, se eles não quiserem. Então, o diretor disse aos alunos que estavam em frente à escola:

Bo _____ entra na sala di aula gosi.

Marque a opção que preenche adequadamente a lacuna da frase com a fala do diretor da escola:

- pudi
- na pudi

pudi nan

nin un son di respostas ku sta riba

7. Na Guiné-Bissau, é comum os pais arranjarem o matrimônio das filhas. Isso acontece porque, de acordo com a tradição, os filhos seguem o que os pais determinam. Bidanloa pediu a seu pai permissão para se casar com Brinsan. Então, o pai de Bindanloa disse ao filho:

Bu _____ kasa na mis di agustu.

Marque a opção que preenche adequadamente a lacuna da frase com a fala do pai de Bidanloa:

pudi

na pudi

pudi ba

nin un son di respostas ku sta riba

8. Binta comprou, em Bissau Mercado Virtual SARL, uma bolsa na cor preta, mas recebeu a bolsa na cor branca. Então, ela ligou para a boutique, relatando o erro na entrega da mercadoria. O representante da boutique disse para Binta:

Bu _____ troka bolsa dipus di dia 06.

Marque a opção que preenche adequadamente a lacuna da frase com a fala do representante da boutique:

na pudi

pudi

ta pudi

nin un son di respostas ku sta riba

9. M'pili foi ao hospital nacional Simão Mendes visitar sua irmã que foi evacuada de Biombo para fazer a cesariana. Quando M'pili informou que era irmã da paciente, a recepcionista do hospital permitiu que M'pili fosse até o quarto da irmã fora do horário de visitas. A recepcionista disse para M'pili:

Bu _____ pui e kraxal.

Marque a opção que preenche adequadamente a lacuna da frase com a fala da recepcionista:

ten ku

ten nan ku

na ten ku

nin un son di respostas ku sta riba

10. De acordo com a Lei Eleitoral da Guiné-Bissau, a partir dos 18 anos, você é obrigado a votar para deputados da nação e para presidente da república. Fissana fez 18 anos em janeiro, por isso,

I _____ vota pa kudji prizidenti di republika na eleison ku pasa.

Marque a opção que preenche adequadamente a lacuna da frase de acordo com o que é estabelecido na lei:

- ten ku
- ten nan ku
- ten ba ku
- nin un son di respostas ku sta riba

11. Bidansanta fez uma festa de aniversário e convidou alguns de seus amigos da escola. O bolo de chocolate acabou muito rápido, mas sobraram muitos pastéis e "donetis". O que você acha que as crianças da festa mais gostam?

Mininus _____ gosta mas di sokolati.

Marque a opção que preenche adequadamente a lacuna da frase de acordo o objetivo de Bidansanta:

- dibi di
- ta dibi di
- dibi di ba
- nin un son di respostas ku sta riba

12. Nghansu almoça com as crianças do orfanato todas as sextas-feiras. Mesmo se ele estiver cansado, ele não deixa de ir. Não é obrigatório que Nghansu almoce com as crianças do orfanato todas as sextas-feiras, ele simplesmente vai até lá e faz isso semanalmente. Ontem foi sexta-feira, e Nghansu não apareceu no orfanato na hora do almoço, então as crianças pensaram:

Nghansu _____ sta duenti aonti.

Marque a opção que preenche adequadamente a lacuna da frase com o pensamento das crianças:

- pudi
- pudi nan
- pudi ba
- nin un son di respostas ku sta riba

13. Isnaba está doente já faz uma semana. Ele sente uma dor muito forte no joelho, tendo dificuldades até mesmo de caminhar. Ele olha para seu joelho e não parece estar machucado, não está vermelho nem inchado, mas a dor é imensa. O que você acha aconselhável nessa situação?

Isnaba _____ bai pa ospital.

Marque a opção que preenche adequadamente a lacuna da frase com o seu conselho para Isnaba:

- ta dibi di
- dibi di
- dibi di ba

nin un son di respostas ku sta riba

14. Marque a opção que apresenta a(s) língua(s) que você fala além do guineense:

- português ku balanta
 português ku fula
 português ku mandinga
 português ku mandjaku
 português ku pepel
 português ku mankanhi
 português ku bidjuku
 português ku fulup
 português ku nalu
 so português
 nin un son di respostas ku sta riba

7.5 Anexo 5: Narrativas orais: história de Nghansu

Transcrição:

1	<i>Stória di Nghansu</i>
2	Storia ku n na konta aos i un storia di no tera. Un storia igual kil di Abudu Indjai,
3	ma i storia ki pa alguns kusas ku i ka pirsis papial klaramenti, n na bin trokia
4	nomis, ma tambi n na bin nvita fala na kal lokalidadi fixu ku i akontisi,
5	i pa nvita ndifiri qualquer sensibilidadi o pa ka asosial ku ninguin.
6	Si e storia ka tene ba nteresi pa nos ku ka matil pa no pudi ntindi ke ku passa na
7	pasadu, pa no pudi kompriendi ke ku sta na akontisi aos, no ka na kontal.
8	Ma suma no ka mati pasadu, ma ke ku akontisi i pudi lusidanu pa no pudi tene un
9	lus, ku pudi numianu pa no tene un klaridadi pa no pudi kompriendi ke ku faltanu

10	pa no tchiga nde ku no na pensa bai. E storia akonsi puku dipus ku Eropeus e
11	distrona Abudu Indjai. Storia di Abudu Indjai no kontal ba li. Abudu Indjai i di un
12	dus aliadus mas importanti ku Eropeus tene na kil guera di pasifikason ... dipus ku
13	Abudu Indjai prindidu pa Eropeus ... tudu ke ku pasa na storia di Abudu Indjai ku
14	no kontal li. ma un dia no pudi bin ripitil pa abo ku ka obil. Ma dipus di kil
15	akontisimentu di kil revolta di Abudu Indjai, i yabri apititi interesi na manga di no
16	donas ... utrus i yara ba Regulus ... utrus misti sedu Regulus ... kada kin na si ladu
17	na djunda djunda o na disputa pa pudi ba tchiga reguladu. I sedu ba un guera
18	muitu rinhidu o si no misti i un luta muitu rinhidu. Es forma di luta pa sedu
19	Regulu o pa sinta na turpesa di renansa, i ka di aos es stanu nan na sangui.
20	Bon, storia ku no na kontal i di un omi tchomadu Nghansu.
21	Nghansu i un nomi normal, normal normal i un nomi ki qualquer alquin pudi tene.
22	Es Nghansu i na vivi ba na un determinadu lokalidadi. El i ka di sangui real, nin i
23	ka pertensi familia di kil Regulu di zona nde ki el i na vivi nel, ma yara ba un omi
24	muitu importanti na kil rigion nde ki na vivi. Pabia di ke? I yara ba un omi di
25	vontadi, tudu ke ki di kil kumunidadi, tudu ke ki di kil rigion, el i ta sta ba i ta
26	ofresi ba si servisu. I ta nteresa pa kusa di tudu djintis. Nunka nada di kumunidadi
27	ka dana si diante, i ta konserval, i ta protigil. I mas ta nteresa ba pa kusa di
28	tabanka, di aldeia, di ki propi disil. Anton, kila pui i tene garandi ligason ku
29	Regulu ku staba la. Regulu ta djubi djubil suma un di si grandi aliadu. [...]
30	Qualidadi di Nghansu ka kaba ba so na es ku n na falau ... i alquin ku ka tene ba

31	utru nteresi di tudu ke ki i ta fasi ... nin i ka ta misti asvesis fala kuma el ku fasi ...
32	nin i ka ta misti tira purveitu di kil ki ta fasi ... pur semplu pa pidi Regulu algun
33	benefisiu ... pur semplu pa pidi ba nan algun tera o pa pudi pidi algun pagu i ka ta
34	pidiba nada. [...]
35	Anton, Nghansu, nes puriudu Eropeus prisisa ba di Regulus pa pudi ba apoia elis
36	na manera ke pudi ba sinta na Guine pa pudi domina. I na es puriudu propi ku no
37	storia na dikuri. [...]
38	N na montau so senas pa dipus pa no kunsu disivolvi storia, n na presentau so
39	djintis. Amigu di Nghansu n ka na tchoma si nomi, ma bu na ntindi kuma i amigu
40	di Nghansu.
41	Anton, amigu di Nghansu i bin tene grandi konfiansa, grandi amizadi ku si amigu;
42	e torna grandisimus amigus. Fasilmenti kil omi torna, kil amigu di Nghansu, torna
43	na omi maitu importanti na ki reguladu. I bin tene tambem garandi amizadi ku
44	Regulu. Talves un amizadi diferenti di ki Nghansu tene ku Regulu. Um amizadi
45	nau di konfiansa, ma di nteres. El, amigu di Nghansu, tene nteres pa Regulu setal
46	suma alguin ku bin di fora, ma ki ta da si kontribuson. I Regulu setal suma un
47	alguin ki ora ku i foronta i pudi pidil apoiu, porqui kila tene dinheru. Es tipu di
48	relason tambem ten te aos. Manga di relasons i basia na nteresis, ke ku bu pudi
49	dan i ke ku n pudi dau. [...]
50	Suma manera ku n sta na fala, Nghansu fika pertu di Regulu pa apoial
51	pa tarbadju di kila tambem ka atrasa. Na kil puriudu, impostus ta pagadu ba.

52	Nghansu ku sipaius, i ta djuda ba sipaius na lugar di Regulu pa kobra
53	impostu. Odja ku Regulu di kil tabanka o di kil rigion i bin muri, i ka disa ba
54	niguin na si familha ku pudi substituil suma Regulu. I Nghansu
55	kontinua fasi ki tarbadju. Ma kila kiria manga di kumentarius, i kiria manga
56	di opinions ku ntindi kuma Nghansu sta na izurpa un puder ku ka di sil,
57	porqui odja ku Regulu bin kasta kil otoridadis ku n sta ba na falau, kolonial,
58	e djubi Nghansu suma un interlukutor. El i ta ntindi ba dja ku kilas diritu. Bu
59	lembra n falau kuma dipus ku Regulu sta ba duenti, i el ki delega Nghansu kil
60	funson, i kila ki i kontinua na fasi. Ma el tambem Nghansu i ka fala ninguin
61	kuma ah ami n ka pudi ... mbon, no djubi kuma ku no pudi rosolvi purblema
62	di Regulu, i ka fala, porqui i ntindi ba kuma i ka el ku dibidi fala kila.
63	I fala Eropeus kuma bo tene konfiansa na Nghansu, ma bo ka kunsil.
64	Nghansu i alguin ku ami n kungsi, i un alguin muitu tarpaseru. Ka bo pensa
65	kuma es mpostu ki ta kobra sin tudu i ta ntergal tudu. I odja ki papia es tudu
66	ki sefi di pustu ku sta na ki lokalidadi, odja ke interpretal tudu, i puntal. I
67	falal: kal ki si verdaderu intenson, queser ke ku i misti ku kila. I fala nau, el i
68	ka misti nada. Ki branku falal nau ka bu nganan. Kila falal ami i branku, abo
69	bu sai la na bu kasa pa bu bin falan kuma utru alguin ka bali son kila, i ka
70	kila; bu misti pa n pagau o bu misti sedu nan Regulu? I fala bon, paga n ka
71	misti, ma pa bu pun Regulu kila n pudi sedu kila. Ki Eropeu djibil di bas

72	pa riba, riba pa bas, i falal, bu misti sedu Regulu? I falal sin, n misti sedu
73	Regulu. Kila falal sta bon no na pu Regulu. Ma disan n pensa n ta ba konta
74	nha sefi mas garandi. Pabia ki sefi di pustu, i ki tempu Guine-Bisau dividu na
75	pruvinsias. I tene tamben governador di pruvinsia, governador region pur
76	exemplu. Anton, i ten ba ku ba konta kila.

Tradução:

A história de Nghansu

A história que vou contar hoje é uma história relacionada ao nosso país. É uma história muito semelhante ao de Abudu Indjai.

Mas que, por decisão própria, não irei mencionar nomes dos verdadeiros personagens e o lugar específico onde aconteceu a história para evitar ferir a sensibilidade de alguém ou associá-la a qualquer pessoa.

Se essa história não tivesse interesse para nós que não a presenciamos para que possamos entender o que aconteceu no passado para que possamos compreender o que está acontecendo hoje, não iremos contá-la. Mas como não somos do passado, o que aconteceu pode nos elucidar para que possamos ter uma luz que pode nos iluminar para termos uma clareza para podermos saber o que nos falta para chegar aonde queremos ir.

A história aconteceu pouco depois que os europeus destruíram o Abudo Indjai. Já contamos a história do Abudo Indjai uma vez aqui. Abudo Indjai foi um dos aliados que os Europeus tiveram na guerra de pacificação ... depois que Abudo Indjai foi preso pelos Europeus ... todo aquele cenário que decorreu na história de Abudo Indjai que contamos aqui. Mas um dia possamos contá-la novamente para você que não ouviu.

Após o ocorrido da revolta do Abudo Indjai, despertou interesse de muitos dos nossos avôs ... outros eram Régulos ... outros queriam ser Régulos ... cada um puxando para si ou disputando para poder chegar ao regulado. Era uma disputa muito acirrada, ou seja, era uma briga muito intensa. Essa forma de briga para ser Régulo ou para ocupar trono, não é recente, faz parte da nossa vida.

Bem, a história que vamos contar, é a do um homem chamado Nghanso. Nghanso é um nome comum que qualquer pessoa pode ter.

Tal Nghanso vivia num determinado lugar. Ele não é do sangue real e nem tem laço familiar com Régulo da sua região, mas era um homem muito importante na sua região. Por quê? Porque era um homem bondoso. Tudo o que é da comunidade, tudo o que é daquela região, ele sempre marcava a sua presença, oferecendo seus serviços gratuitamente. Ele se preocupava com o bem-estar de todo mundo da sua comunidade. E ele, em momento algum, deixou passar o que tinha que ser feito sem fazer, cuidando e protegendo. Ele se preocupava mais com os afazeres da aldeia do que os próprios afazeres dele. Isso, então, criou um vínculo forte de amizade entre Nghanso e o Régulo da região. Régulo apreciava Nghanso como um dos melhores aliados.

[...]

Qualidades do Nghanso não terminava nas que te disse. É pessoa que não tinha outro interesse de tudo o que faz ... às vezes, não gosta de falar que foi ele fez ... nem gosta de tirar proveito daquilo que faz ... por exemplo, para pedir Régulo algum benefício próprio ... por exemplo, para pedir Régulo algum pedaço de terra ou para poder pedir algum pago, ele não pedia nada em troca.

[...]

Então, nesse período, os Europeus precisavam dos Régulos para que pudessem apoiá-los de forma que pudessem se fixar na Guiné para poder dominar. Exatamente nessa época que a nossa história está a decorrer.

[...]

Estou-lhe montando apenas cenários, apresentando-lhe principais personagens, para depois começar a desenvolver a história. Não vou dizer o nome do amigo do Nghanso, mas você saberá quem é amigo de Nghanso. Então, o amigo do Nghanso acabou conquistando a confiança e a amizade do Nghanso e se tornaram grandíssimos amigos. Facilmente aquele homem, o amigo do Nghanso, se tornou num homem muito importante naquele regulado. Ele também veio a ter grande amizade com Régulo. Uma amizade não baseada na confiança, mas no interesse. Ele, o amigo do Nghanso, quer que seja aceito por Régulo como uma pessoa estrangeira, mas que tende a dar a sua contribuição. E o régulo aceitou-o como uma pessoa que quando precisar possa pedir-lhe apoio, porque ele é rico. Hoje, existe também esse tipo de relação. Muitas relações são baseadas em interesse: o que tu podes me dar e o que eu posso te dar.

[...]

Como estou a dizer, Nghanso ficou perto de Régulo para apoiá-lo para que o trabalho do Régulo não ficasse atrasado. Naquela época, se pagava impostos. Nghanso, como representante do Régulo, ajudava os Sipaios a cobrar os impostos. Quando o Régulo daquela região morreu, não havia ninguém na sua família que pudesse substituí-lo. Então, Nghanso continuou a exercer a função. Isso, porém, suscitou vários comentários e opiniões contrárias de pessoas que achavam que Nghanso estava a usurpar um poder que não era dele por direito; contudo, ele continuou a exercer essa função por as autoridades coloniais o verem como um intermediário, pois havia uma boa relação entre ele e essas autoridades. Lembra que te falei que depois que o Régulo ficou doente, nomeou o Nghanso para essa função, e é essa função que ele continua a desempenhar. Nghanso também não falou para ninguém que não posso ... bem, vamos ver como podemos resolver o problema do Régulo. Ele não disse (os motivos), porque entendia que não é ele quem deveria se pronunciar sobre aquilo.

[...]

Ele disse aos europeus: “Vocês confiam em Nghansu, mas não sabem realmente quem ele é. Nghansu é o tipo de pessoa que eu realmente conheço muito bem, é uma pessoa muito trapaceira. Não se engane em pensar que todos esses impostos que ele cobra dos habitantes, ele os entrega por completo.”. Depois de (o amigo de Nghansu) ter dito tudo aquilo, o chefe do posto administrativo colonial, percebendo-o, perguntou-lhe: “Qual é a verdadeira intenção dele?”. E ele disse: “Nenhuma, não quero nada em troca com isso.” Aquele chefe de posto disse-lhe: “Não, você não me engana. Olha, eu sou um homem branco, e você está dizendo que saiu da sua casa e veio até aqui apenas para me dizer simplesmente que o fulano de tal é ruim e não presta, só isso? Não é isso. Você quer dinheiro ou quer ser Régulo?”. Ele disse: “Bem, dinheiro eu não quero, mas me tornar Régulo isso sim eu posso ser.”. O chefe de posto observou-o de baixo para cima e de cima para baixo e perguntou-lhe: “Quer mesmo ser Régulo?”. Ele disse: “Sim, quero mesmo ser Régulo.” E este disse-lhe: “Está bom, te faremos Régulo, mas antes me deixa pensar e contar ao meu chefe.” Porque, naquela época, administrativamente, a Guiné-Bissau era dividida em províncias e regiões. Havia, por exemplo, governador da província e governador da região. Então, ele, o chefe de posto, tinha que contar ao seu chefe.